

Revista da Semana

ANO XLIV

N.º 32

CR\$ 1,50 EM TODO O BRASIL

7 DE AGOSTO DE 1943



A IGREJA E OS PRISIONEIRO DE GUERRA

DEPORTACEM NESTE NÚMERO



A Igreja Católica luta contra o nazismo

Uma oportuna advertência dos perigos espirituais, físicos e intelectuais do nazismo, de autoria de um destacado prelado da Igreja Católica Romana, está circulando entre os milhares de escolas secundárias e colégios católicos dos Estados Unidos.

O Reverendíssimo Thomas E. Mollay, Bispo de Brooklyn, está convencido que o ataque nazista contra o cristianismo é muito mais ameaçador que o esforço nazista para eliminar a democracia. Ele disse:

"Frequentemente ouvimos a observação que forças hostis estão atacando o modo de viver democrático. Na verdade é um caso que existe, mas o que ainda é mais ameaçador e de muito mais sério significado é que os nazistas estão atacando os princípios cristãos nos seus próprios fundamentos, bem como o ensino católico e o modo de viver católico.

"Sabemos, agora, se ainda não sabíamos antes, que tais forças subversivas, dirigidas por um partido político sem escrúpulos e uma liderança impiedosa, procura conquistar o controle não apenas sobre o corpo humano, mas sobre a alma dos homens. Eles procuram colocar todos os povos dentro dos mesmos laços físicos, intelectuais e morais. E buscam assim não apenas conquistar a Europa, Ásia e África, mas dominar o mundo. Se conseguirem o seu intento, os resultados poderão apenas ser o caos universal e a escuridão.

As vezes mais responsáveis da igreja católica têm se levantado contra a ação dos nazistas no mundo. Na Alemanha, no atual momento, ante os protestos de elementos militares que são católicos e que se acham nas linhas de frente, a perseguição aberta aos elementos católicos sofreu uma diminuição, mas toda a liberdade religiosa deixou de existir no Reich desde a ascensão dos nazistas que buscam em vão instituir uma religião sua, uma religião baseada no racismo e na qual o ente supremo é o próprio Fuehrer, Adolf Hitler. Os católicos de todo o mundo devem estar atentos ao grande perigo que seria para a igreja católica romana se a vitória dos nazistas se objetivasse. E, o meio mais eficiente de evitar tal possibilidade é auxiliar por todos os meios o esforço das Nações democráticas. Esta tem sido a palavra de ordem da igreja no atual momento do mundo. Todo esforço para que a vitória nazista cada dia se torne uma coisa mais remota. Só com o desaparecimento do regime nazista a igreja poderá voltar a viver com a tranquilidade necessária para cumprir a sua importante missão espiritual.

S. Excia. no seu primeiro contacto, com o povo do Rio Grande do Norte, depois de longo tempo ausente do seu Estado Natal, deve ter colhido uma impressão bastante significativa pelo vibrante e espontâneo acolhimento com que foi recebido.

No campo de Parnamirim, a 3 de Julho o General Fernandes Dantas foi recebido pelos Srs. Dr. Rafael Fernandes, Almirante Ari Parreiras, Coronel Ribas Junior, D. Marcolino Dantas, Bispo de Natal, Major Filgueiras Souto, Comt. Dias da Costa, Coronel André Fernandes, General Robert Walsh, Cap. Carlos Zamith, Prefeito Mario Eugênio Lira, Consul Harold Simis, Dr. Omar O'Grady, Dez. João Dionísio Filgueira, Dez. Antonio Soares, Dr. Juvenal Lamartine de Faria, Dr. Emigdio Cardoso Sobrinho, Solon Aranha, João Severiano da Camara, Dr. Odilon Garcia Filho, Dr. Paulo Pinheiro de Viveiros, Dr. Alferes Galdino, Coronel Tavares Guerreiros, Aderbal de França, Dr. Anfilóquio Camara, Dr. Antonio Fagundes, Dr. Amílcar Cardini pelas classes operárias, Jornalistas e Fotografos.

Na Praça Pedro Velho, teve lugar logo após a sua chegada a grande Homenagem popular, falando em nome do povo usou da palavra Dr. Juvenal Lamartine de Farias, ressaltou as qualidades pessoais do general Fernandes Dantas merecendo ao terminar prolongadas palmas da grande massa popular.

No dia 3 às 12 e 30, o exmo. Dr. Rafael Fernandes ofereceu um almoço no "Grande Hotel" ao General Fernandes, do qual participaram os auxiliares da sua administração. Às 14 e 30 horas, teve lugar a transmissão de poderes investindo-se o general Antonio Fernandes Dantas nas altas funções com que foi distinguido pelo Sr. Presidente da Republica. Compareceram a essa solenidade o presidente da suprema Corte de Apelação do Estado, e magistrados, altas autoridades civis e militares.

A CHEGADA DO INTERVENTOR FERNANDES DANTAS A NATAL



UM SEGUNDO NA VIDA

LUIZ PIETSCH JUNIOR

TODOS nós, amigos do "eu", egoistas da vida, achamos que a existência do homem é curta, terrivelmente pequena. E nos laboratórios ou nos livros, no campo experimental ou no terreno transcendental procuramos uma fórmula para aumentar a existência, uma teoria que alongue o tempo, retarde ou elimine a morte. O "elixir da longa vida" dos alquimistas na Idade Média, ou a teoria do "vir-a-ser" de Heráclito de Efeso há 400 anos antes de Cristo ou, ainda, a imortalidade da alma das religiões de todos os tempos, nada mais são do que frutos do desejo desesperado de suprimir a palavra "fim" da existência.

A vida é uma sucessão magnífica de correrias intermináveis de folgas infantis; desejos, sonhos e quimeras de mocidade risonha; saudades e recordações de maturidade feliz. E porque, então, um epílogo que se desconhece na interrupção dessa corrente de três anéis burilados? Porque o crepe da noite sucedendo bruscamente um arrebol pleno de chilros de pássaros, meio-dia cheio de sol e estuante de vida e crepúsculo pincelado de tons suaves e espargido de perfumes evocativos?

As múltiplas roupagens de diferentes cores e diversas formas com que sábios e charlatães, filósofos e cínicos, artistas e místicos procuram vestir essa pergunta, debalde se superpõem e se avolumam, porque tênues e transparentes que são, permanece nua e sem resposta a interrogação.

No entanto...será mesmo curta a vida? Sem cogitarmos de eternidade, milênios e séculos, analisemos uma vida média: cinquenta anos é uma idade razoável. Todos os países e todas as raças, sem ter macróbios ou fenômenos de longevidade, possuem homens de cinquenta anos.

E, no entanto, cinquenta anos são 600 meses ou 2.400 semanas ou ainda, 18.250 dias que representam 1.095.000 minutos, isto é, 65.700.000 segundos. São muitos milhões de segundo, porém, um segundo não é nada, não representa coisa alguma na existência, podereis cogitar.

— E' uma bafurada de cigarro que se tira, recostado displicentemente numa confortável poltrona, lendo o autor favorito; é o tempo de se olhar o relógio de pulso num gesto indolente de quem enche o tempo com um "nada a fazer"; ou é um bocejo de tédio numa tarde de "spleen"...

— Mas é, todavia, quanto gasta o romântico, o lírico poeta para dizer à amada na partida, ou ao amor que renuncia: "Adeus!" e, no entanto, sua vida toda se modelará por esse segundo, esse momento se eternizará na sua lembrança e será — quem sabe? — a origem de suas noites intermináveis de boêmia!

E foi quanto demorou a guilhotina para descer ao pescoço de Lavoisier, sacar a fonte mais pura da química moderna, extinguir a chama mais clara da ciência na França da Revolução!

Na sala branca de operação onde há somente o contraste do Cristo de marfim abrindo os braços no crucifixo de ébano, é o tempo que o ponteiro, na sístole e na diástole mecânica do relógio de parede, demora para ir de um risco ao outro e que, todavia, é uma eternidade para o operando, ferido da refrega, de olhos muito abertos, de olhar que vai do desânimo à compaixão e da piedade ao desespero, com um rito de dor na fisionomia, os lábios exangues mordidos com força sufocando o soluço, a lágrima brotando, brilhando, tremendo e aumentando no canto dos olhos, as mãos agarrando com frenesi e apertando com desespero num desejo louco de torcer, de dobrar, de amassar o metal da mesa de operação!

O avião de bombardeio está sobrevoando a cidade visada, alvo enorme e fácil. A bomba que tem várias toneladas de peso foi desprendida e a gravidade a suga com uma rapidez espantosa. Quanto tempo durará para atingir o solo?

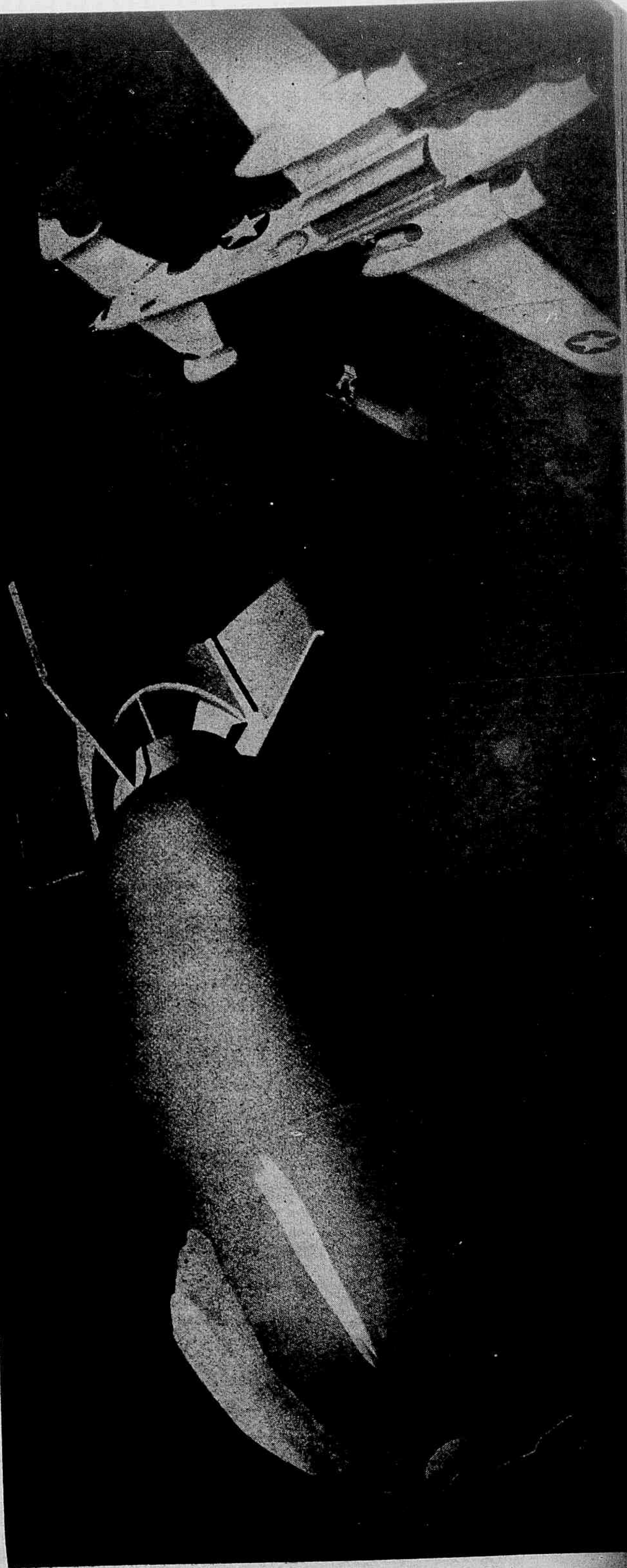
— Alguns segundos, talvez, para algum espectador passivo e inhumano. E, no entanto, para os que estão aqui em baixo, para os que estão na cidade visada, para os que irão morrer, quanto tempo demorará a bomba na sua trajetória descendente, ouvindo o silvo do bólido, sentindo a morte vir a seu encontro, com o coração martelando, as fontes latejando, a respiração suspensa, o ouvido atento, os músculos retesados, os olhos arregalados, o suor cobrindo o corpo todo, sabendo que chegou o fim?

...e uma vida média tem 65.700.000 de segundos! Dezenas de milhões de segundos que o prazer e a dor eternizam, cada um de per si, separadamente...

Homem, milionário de tempo! Vinte séculos de civilização e mil novecentos anos para meditar as palavras do Nazareno teriam sido inúteis? Em 1943 a guerra tinge de rubro, com o vermelho de teu sangue, o solo de teu lar, e os teus segundos se prolongam na dor e na agonia.

Porém, olha as flores singelas do campo e vê como são lindas, nascidas que toram do amor ou da magnanimidade, oriundas do polem que a abelha carregou ou da brisa que, descuidada, passou por estas bandas. E cresceram simples e humildes, esquecidas do mundo, para uma vida calma na beleza serena da paisagem bucólica. Aqui não há ambição nem maldade; a paz e a harmonia reinam em silêncio e apenas o favônio perfumado ciciza ecos de outras plagas.

Homem, perdulário de tempo! Aprende a gastar os teus milhões de segundos com trabalho, amor e abnegação — porque eles supõem paz, ventura e satisfação — e saberás que a vida que é magnífica é, também, infinita, porque a eternizaste na imortalidade dos teus segundos felizes!



AS DÉCADAS de ESTILO



Mrs. Bronson Williams envergando uma autêntica criação de 1901, constando de duas peças, babados, rendas e, por fim, um chapéu *pompadour*.



Mr. Rolando Palmado e sua filha em trajes que marcaram um linda tarde de verão, em 1906



Mrs. T. Brailsford Ferder numa evocação de parisiense de 1910, em setim azul pálido bordado a prata.



Mrs. Alfred Tynedale White representando a elegância de 1903 num costume com veludo aplicado.



Mrs. James Imbriz Jr. num vestido de baile que fez sucesso em 1915 na cidade-luz.



Miss Alice Amony num glamoroso conjunto para tarde, inclusive a jaqueta e o guarda-chuva, típicos de 1913.



Mrs. Otto Ludwig Preminger no revolucionário traje de 1928 em *lamê* dourado, *chiffon* e *crêpe* da China também doutado.

Miss Josette Guevara Daly apresenta-se como a *melindrosa* de 1926. Saia curtíssima, cintura comprida, e... pr'a que dizer mais?



Mrs. Oliveir B. Jennings refletindo a encantadora severidade de 1931 nesse lindo vestido de noite, em *setim*.



Miss Olive Crawley, numa combinação de roupa de banho e vestido de noite. (Lord Taylor)

Por ocasião de um benefício a efeito no Waldorf pela Fundação Nacional de Paralisia Infantil, comemorando o aniversário do Presidente, as participantes apresentaram-se com modelos que estiveram em voga desde 1900 até os que provavelmente serão usados em 1951.



Miss Ilka Chase vestindo uma concepção de Frank Brady para 1951 —ue expressa o ano do mundo atual e do futuro: a Paz.

Casada ou Solteira

Quando levar uma queda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma notícia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação destes importantes órgãos útero-ovarianos use **Regulador Gesteira**. Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas.

Use **Regulador Gesteira**

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, sensação de sufocação, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, peso e dormência nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

Revista da Semana

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuerpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr.\$ 63,00; Seis meses — Cr.\$ 32,00
Registrada:.... Um ano — Cr.\$ 80,00; Seis meses — Cr.\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr.\$ 170,00; Seis meses — Cr.\$ 90,00
O numero avulso custa Cr.\$ 1,50 em qualquer parte do país;
o numero atrasado: Cr.\$ 2,00

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Enderço telegrafico: "REVISTA"
Rio de Janeiro

Telefones: — Direção: 22-2622; Gerencia: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866

Tem agentes em todas as localidades do territorio nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Este numero consta de 52 páginas.



Gentileza do British News Service para a REVISTA DA SEMANA, nossa capa é um expressivo flagran-te do delegado apostólico da Grã Bretanha, que tem em mãos um numero de Ecclesia, órgão do Vaticano. Em segundo plano um quadro de S. S. o papa Pio XII. No mundo convulsionado, onde as labaredas ateadas pelo tanatismo de ditadores erigidos em falsos idolos vão destruindo em alguns instantes tudo o que nos legaram os nossos maiores, a Igreja nos aparece como um oasis de bondade e de serena justiça. Nela buscam os ho-

mens remedio para os seus males e a luz que lhes mostre de novo o caminho de seus lares e paz para o espirito.

Numeros atrasados desta Revista no Amazonas

Pedir a ALBANO H. MARTINS
Agencia Martins — Manaus.

PRISÃO de VENTRE?

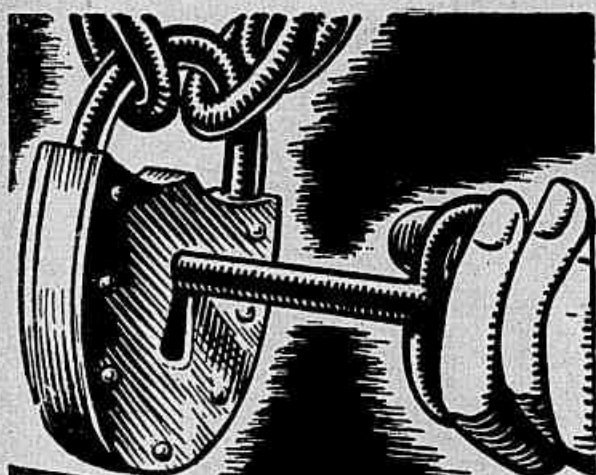


DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pímulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pímulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.



LAXOLAGAR

GRANADO

COMBATE A

PRISÃO DE VENTRE

E NORMALISA AS

FUNÇÕES DO TUBO

DIGESTIVO



T. TARQUINO

DOR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papeis

BANKETS



Agora muitos usam DENTADURA POSTIÇA com mais comodidade

FIXODENT, um pó alcalino (não ácido), de agradável sabor, mantém as dentaduras postizas firmes na boca. Para comer e falar com mais comodidade, experimente um pouco de FIXODENT sobre sua dentadura postiza. Não fica na boca nenhuma sensação pegajosa. Combate o "cheiro característico de dentadura" — perfuma o hálito.

Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio

27-B



Senhoras!

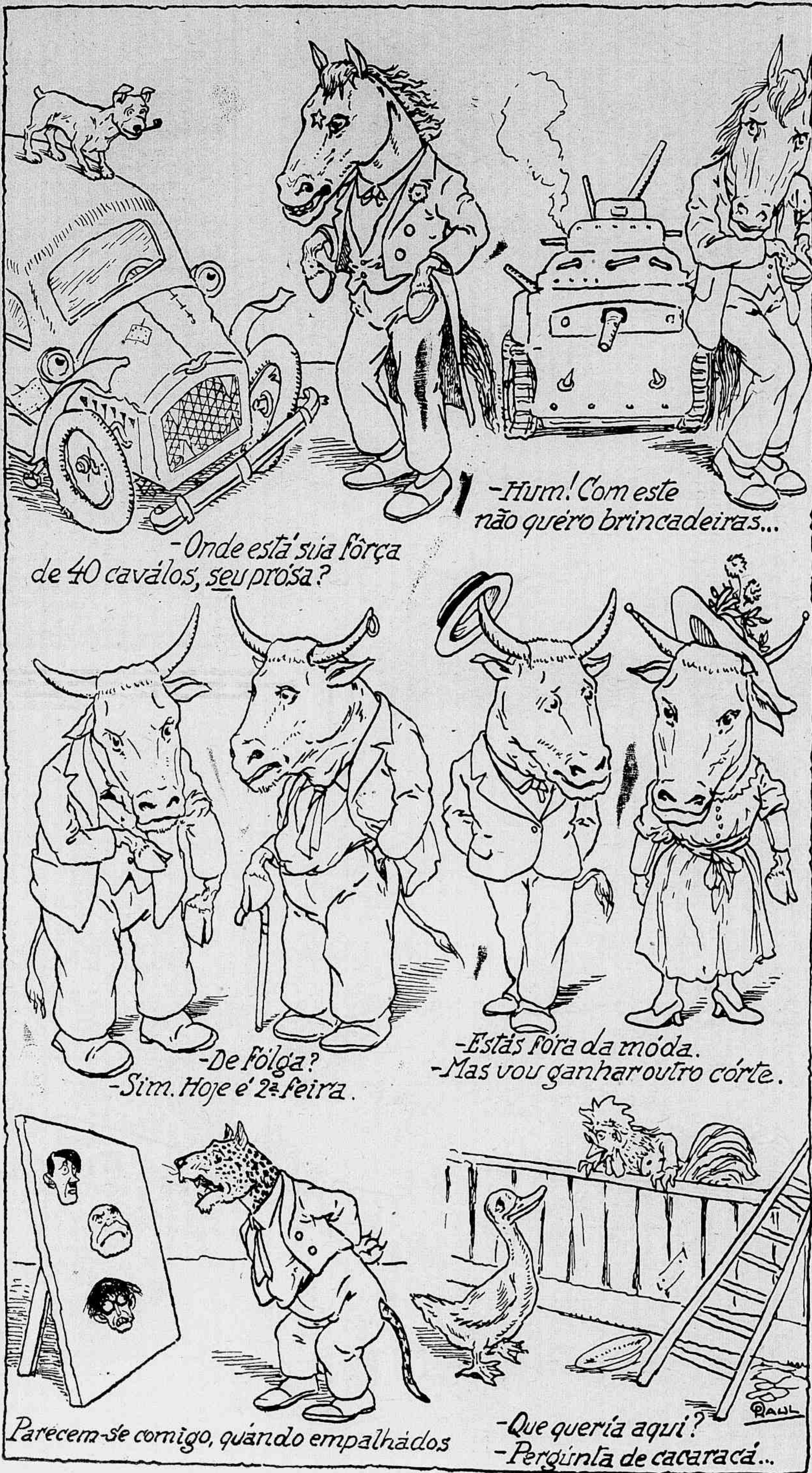
CAPSULAS

MENAGOL

PARA FALTA DE MENSTRUACÃO

102, PELA CIMA, SANGRE, N. 35-1-2

Falam os animais



O ROMANCE DE BALZAC

Conde PAUL THUN-HOHESTEIN

(Traduzido especialmente para a REVISTA DA SEMANA)

Eu já havia passado duas manhãs no salão de leitura da biblioteca pública e, com um suspiro, fechei mais um livro.

O velho servente havia me trazido cada um dos sessenta volumes da imensa edição primitiva de Balzac... Em vão. No princípio, fiquei levemente surpreso, depois aborrecido; não adiantara nada, eu tinha de repor o último volume sem ter achado o que procurava, com os outros espalhados diante de mim em duas longas filas. Aquelas palavras: **Oeuvres Complètes**, em grandes letras douradas, pareciam apenas zombar de mim e dos meus esforços... Ali estavam elas, repetidas sessenta vezes.

Eram realmente essas as obras completas do grande autor? Eu sabia muito bem que ele havia perdido alguma, pelo menos, de suas histórias. Ele as escrevera naquele estado de divina exaltação que chamamos inspirada — algumas vezes sob um **nom de plume** — espalhando-as aos quatro ventos.

Olhei pensativamente o jornal largado à minha frente. Lá estava em grandes caracteres o título da novela: **O plagiário**, e por baixo, um pouco menor, o nome do autor, **Honoré de Balzac**. Mas, por baixo da última linha do romance, a um lado, ainda em tipos menores, estavam as palavras: "Traduzido do francês por K. M."

Quem era esse tradutor? Quem se chamava K. M.? Teria ele achado algum velho livro, um jornal francês amarelecido pelo tempo, no qual este romance de Balzac — desde então perdido — fora reproduzido? Ou era possível que possuísse um manuscrito do qual ninguém no mundo sabia coisa alguma? Isso era muito pouco provável.

Não! Isso não podia ser, certamente, pois neste caso teria transformado seu tesouro em bons cobres em vez de passá-lo para o humilde jornal duma cidade provinciana — especialmente sem uma palavra de explicação ou de introdução. O título francês da novela era talvez totalmente diverso do alemão, que fora com certeza escolhido muito literalmente pelo cavalheiro K. M.

Com essa idéia na mente, eu havia comparado as palavras das primeiras linhas com todas as novelas mostrando alguma conexão, sem, todavia, descobrir nada de parecido. Chegara mesmo a ter a idéia de verter novamente para o francês o primeiro período da novela, para assim facilitar meu trabalho, minha pesquisa. Automaticamente ao primeiro período seguiu-se o segundo e o terceiro, tão fácil foi para mim a versão e tive uma certa dificuldade em parar. Isso era por demais surpreendente, porque provava à evidência que a primeira tradução — para o alemão — devia ser excelente, pois ainda que a língua original se entremeste pelos interstícios das frases traduzidas, toda tentativa de retraduzir se torna muito difícil; era quase um fenômeno, um sinele iniludível do talento para as línguas, que eternamente busca a pureza do estilo e não pode ser desdenhosamente improvisado. Com que delicadeza de instinto estilístico, com que livre e fácil manejo do alemão esse tradutor fizera seu trabalho, — aquele homem que escondia o nome tão modestamente por trás de duas letras.

Quanto mais pensava nisso, mais interessante se tornava o problema, e já eu havia perdido duas manhãs de meus trabalhos oficiais para demorar mais tempo naquela cidade. Decidi sacrificar a tarde e descobrir a verdade integral.

Duas horas depois estava sentado numa pequena sala de redação, defrontando um senhor de idade que me olhava com visível alarma, na expectativa do manuscrito que eu certamente ia arrancar dum bolso. Eu imediatamente o tranquilizei perguntando-lhe o nome do seu colaborador cuja tradução despertava tão grandemente o meu interesse. Ele pareceu surpreendido e me surpreendeu deveras quando anunciou o nome: Karoline Mayer.

Indagando de seu endereço, soube que ela vivia na mesma cidade; contudo, uma visita pessoal não daria resultado útil, pois a velha senhora estava de cama — doente de hidropsia — e apenas esperava a morte. Era uma diligente colaboradora, continuou o diretor, com um toque de simpatia na voz, como se ela já estivesse morta e enterrada... e única na arte de desencavar pequenas joias da nossa literatura, há muito esquecidas.

"Nosso jornal não é um jornal internacional e, como o senhor pode facilmente imaginar, sou forçado a encher meu número de domingo — justamente esse exemplar que o senhor tem na mão — com essas colaborações que não me custam nada e todavia satisfazem os entendidos dentre os meus leitores. Sempre confiei em Fraulein Mayer. Devo-lhe ao vasto conhecimento de literatura e à intuição pelos trabalhos não publicados em livro, inumeráveis excertos de prosa de autores mortos e enterrados — alguns universalmente famosos; ela os trazia à redação copiados limpamente na mais nítida caligrafia. E assim podemos apresentar nossos leitores com citações e aforismas pouco conhecidos, ou totalmente esquecidos, de trabalhos de Dickens, Voltaire, Balzac, Turgueniev, dos "diários" de Grillparzer Novalis, e muitos outros; cartas de Goethe, Schiller, Kleist, Hegel; provérbios e aforismas de grandes autores e assim por diante. A colaboração que lhe interessou tanto, é provavelmente a última que ficamos devendo à infatigável energia de Fraulein Mayer. Ela a remeteu por intermédio da criada, com algumas linhas para me dizer que a moléstia tomara um curso para o pior, que estava inteiramente preparada para a morte, e tinha apenas dois desejos; pedia-me que os executasse: que eu publicasse no próximo número dominical **O plagiário**, de Balzac, e como fosse sua última colaboração, imprimisse em tipo miúdo por baixo da última linha as palavras

Traduzido do francês por K. M.

"Como o senhor vê" — disse o diretor untuosamente — "cumprí ambos os desejos ao pé da letra. Lamento verdadeiramente a morte próxima de Fraulein Mayer e não acredito que alguém possa preencher-lhe o lugar". Aqui a voz se lhe alterou; o queixume cessou, ouviu-se o tom comercial, e através daqueles óculos de grossos aros de chifre, dois olhos fixaram-se em mim, como se eu fosse o "que devesse preencher-lhe o lugar", aquele de quem ele precisava.

Agradei-lhe concisamente a explicação, anotei o endereço de Fraulein Mayer e ao me despedir indaguei por que essa colaboradora altamente respeitável nunca tivera o nome publicado com as iniciais, exceto agora, sob sua última colaboração, e porque

havia recusado qualquer remuneração. O digno diretor pareceu surpreso pela minha pergunta:

— Bem, Fraulein Mayer nunca expressou o desejo de ter o nome citado... e do mesmo modo nunca pediu compensação pelas suas colaborações.

Isso era bastante para mim. Mordi uma palavra rápida que me estava subindo à boca e rapidamente me despedi.

De volta ao hotel, mergulhei uma vez mais na novela de Balzac. Não tinha eu — há poucos anos — empreendido a tradução de muitos romances seus, com tal fervor que não pudesse julgar de fato o estilo e o valor de uma tradução? Mas, este segundo exame



crítico apenas me confirmou a convicção de que aqui eu tinha que me haver com um talento único para traduções, tal como raramente se encontra nos centros da *intelligentsia* alemã. Que pena que eu tivesse de abandonar toda idéia de fazer uma visita a Fraulein Karoline Mayer, por causa de sua grave enfermidade!

Com silenciosos juramentos que não presagiavam nada de bom para o industrioso redator do *Tagblatt* — o homem que parecia achar muito natural que o talento fosse explorado até os extremos — voltei-me para o meu trabalho habitual.

Poucos dias depois esse chegara ao ponto que me seria possível deixar a cidade e regressar à casa, com resultados evidentes. Em casa, pondo em ordem os papeis que havia trazido, dei com aquelas folhas recentes; então me lembrei de que entre meus papeis deveria haver uma relação contendo os títulos de todos os trabalhos de Balzac que tinham aparecido nos últimos anos, certamente mais completa do que a lista das edições muito antigas, que eu havia folheado por último. Descobri logo essa nota. Aí também *O plagiário* não estava mencionado.

Estranho!... Agora, se Fraulein Mayer estivesse ainda viva — talvez ela tivesse melhorado um pouco, talvez tivesse mesmo reatado sua colaboração no *Tagblatt*... O certo foi que resolvi escrever-lhe. Talvez ela estivesse em condições de responder... talvez minha carta pudesse alegrá-la pela última vez na terra, antes de morrer; doutro lado, podia também chegar muito tarde; nesse caso porém seria devolvida para mim — bastava pôr meu nome e endereço no verso.

E ali estava eu, sentado à minha secretária, escrevendo — escrevendo uma longa carta, tal como se escreve a um inválido, tal como podemos endereçar um apelo aos mortos. Conte-lhe como chegara a saber-lhe o nome e a ocupação. Acentuei o fato de que, sendo tradutor de literatura francesa em geral, e dos trabalhos de Balzac em particular, havia um traço de união entre nós; que eu nunca encontrara uma tradução que reproduzisse o sabor da língua alemã tão intensamente, pois esse é precisamente o caso em que o mais superficial trabalho do amador passa sem contradita, na maioria sem ser reconhecido como tal.

Nesse calor continuei a exprimir minha surpresa pelo fato de que tais talentos não tivessem atingido mais alto posto de renome do que o de uma simples "folha" provinciana que, aparentemente, nem sequer pagava seus colaboradores.

No fim suplicava a Fraulein Mayer que tivesse a grande bondade de me informar — se sua saúde permitisse — de que obra de Balzac escolhera *O plagiário*, trabalho totalmente desconhecido por mim, pois eu não deixaria de chamar a atenção do público para essa novela — tanto tempo desconhecida — e que eu consideraria meu dever publicar, com a devida honra, o nome dela acima da tradução.

Rei a carta, achei-a clara no seu desígnio, acrescentei algumas palavras de simpatia e bons votos de rápida convalescença — e a remeti.

Quando mais de uma semana se passara sem receber resposta, nem ter a carta devolvida, fiquei sabendo que Fraulein Mayer ainda estava viva, mas provavelmente incapaz de responder. Assim me reconciliei com a idéia de perder todo o rasto do original *Plagiário*, de Balzac, quando um dia — possivelmente quatro semanas depois — recebi uma volumosa carta; no verso do envelope estava escrito com uma linda letra, embora em caracteres vacilantes o nome da remetente: KAROLINE MAYER. Por baixo, noutra caligrafia, havia uma cruz e a data em que fora postada; e assim eu fiquei sabendo, mesmo antes de abrir a carta, que a própria Fraulein Mayer a havia escrito e que ela fora remetida logo depois de sua morte, a seu pedido.

A longa e volumosa epístola era concebida nestes termos:

"Meu caro senhor,

O senhor andou acertado quando me escreveu; estou viva, ainda estou respirando, mas apenas vivo, e minha respiração vem aos arrancos; contudo sinto-me bastante forte para responder à sua carta. Provavelmente gastarei alguns dias para escrever minha carta... Cada dia escreverei um pouquinho; minhas forças são mínimas, porém aqui na terra não tenho mais nada a fazer senão escrever-lhe e contar minha vida. Nela, portanto, o senhor achará uma resposta à sua pergunta, como também uma resposta a muitas outras que podem ser lidas nas suas entrelinhas.

Se no princípio eu disse que o senhor andou acertado em me escrever, direi agora: O senhor fez bem; o senhor me fez um grande benefício; aí, para mim é como si pela

primeira vez na minha vida, agora que é para mim questão de ir saindo... é como se o mundo inteiro estivesse na sua carta falando comigo — o mundo, que se quedou ao redor de mim, em silêncio de pedra, por toda a minha vida.

Há muito tempo, eu era jovem; imaginei que tivesse muitas mensagens a transmitir a esse mundo que me rodeava. De meu pai, que era professor e morrera muito cedo, havia herdado uma bela biblioteca com os clássicos universais; novos volumes haviam sido acrescentados até a época do meu nascimento. Esse era o reino para o qual eu fugia quando meus trabalhos domésticos e a assistência a minha mãe doente me permitiam fazê-lo.

Quando eu tinha vinte e cinco anos, minha mãe morreu também e fiquei sozinha. Desacostumada com a humanidade, de natureza tímida, busquei logo, e logo achei consolo entre meus livros bem-amados. Algumas vezes — no começo, procurei comprar as últimas obras, gastando tudo o que podia economizar, de modo a pôr minha biblioteca em dia. Em vão! Os clássicos antigos, os mais antigos, tinham tal fascinação para mim que não pude achar nenhum meio, nenhuma ponte capaz de transpor o abismo que em toda parte e em todos os tempos se rasga entre NAQUELE TEMPO e AGORA. Na verdade eu só vim perceber isso mais tarde. Em primeiro lugar, achei a literatura moderna insuportável e assim me refugiei ainda mais profundamente no místico país dos meus sonhos. Depois brotou dentro de mim um grande anseio de eu mesma falar à humanidade. No princípio, foram os versos que aliviaram minha solidão; depois tentei pequenas narrativas; por fim... romances. Tudo o que eu escrevia fluía facilmente de minha pena. Que delícia era expandir-se no trabalho. Eram aquelas as horas mais felizes da minha vida. Porém não duraram muito, pois eu agora sentia apenas um desejo... que passava a ser paixão, uma paixão absorvente; em suma, eu queria ver meu nome impresso.

Isto, também, eu posso mais facilmente compreender agora do que naqueles dias em que tecia em torno desse desejo tão simples as mais adoráveis grinaldas do jardim atapetado de flôres dos meus ideais. Não preciso dar-lhe mais detalhes. Estou certa de que o senhor compreende... e devo ser breve. Com um livreiro, obtive os endereços de algumas firmas editoras e mandei meus manuscritos — ao mundo. O resultado foi esmagador: muitos eram devolvidos com a nota lacônica: "Lamentamos; não serve"; noutros casos, depois de muita resistência, algumas vezes subindo até mesmo a ameaças, sem uma observação que fosse. Nem uma só de minhas palavras foi aceita.

Isso foi um choque, porém não me senti sucumbida, e logo cheguei à conclusão de que meu estilo era de amador, bem diverso das altas concepções pelas quais os grandes mestres da literatura universal haviam lutado e pelas quais haviam adquirido uma fama imortal. E portanto aprofundei-me ainda mais no estudo dos meus clássicos bem amados, lutando para descobrir seus pontos de vista e por adquirir seu estilo.

E uma vez mais fluíram da minha pena historietas, ensaios, *novettes*... aí! uma vez também um romance, que eu escrevi com amável cuidado e cheia de confiança, mesmo quando o primeiro fruto desta segunda colheita seguiu o mesmo caminho dos meus primeiros trabalhos: aos editores... e DEVOLVIDO.

Mas agora tornara-se-me uma idéia fixa ver meu trabalho impresso, e eu não podia compreender este mundo que obstinadamente voltava para mim um ombro desdenhoso. Em desespero, decidi procurar uma opinião de entendido. Dirigi-me a um professor de línguas e de literatura numa universidade, que havia sido amigo de meu pai; ele havia mandado, de sua cidade universitária, uma carta de sinceras condolências a minha mãe, ao receber a notícia. Quando lhe escrevi não sabia se ele ainda estaria vivo, mas escrevi-lhe muito naturalmente, como se fosse uma coisa bem simples, e le estivesse de fato vivo.

Pouco tempo depois recebi o volumoso pacote que lhe mandara, com uma longa carta que li com o coração aos pulos e a respiração suspensa... Eu devo ter lido mil vezes essa carta. Como eu havia ansiado por ela! Era minha sentença de morte! Mesmo agora, depois de tantos anos, não posso ainda chamá-la por outro nome. Pois ela despedaçava meu mundo de sonhos, mas não me oferecia coisa alguma em troca.

O velho professor escreveu-me, no tom amoroso de um pai, que, pela descrição da minha vida e de minhas simpatias ou antipatias, ele facilmente via em mim a filha de

(Continúa na pág. 47)

SABONETE



Dorly

PRÊÇO POR PRÊÇO É O MELHOR!
MELHOR PELO PRÊÇO E PELA
EXCELENCIA DE SUA QUALIDADE!

À VENDA EM TODO O BRASIL

HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO

Recebemos da Companhia Editora Nacional, de S. Paulo, os tomos 1.º e 2.º referentes à importante obra "História da Civilização", de Will Durant, que a mencionada editora lançou com tradução de Monteiro Lobato. O trabalho já foi objeto de análise em página, num de nossos números anteriores, na seção de "Livros Novos", quando recebemos os tomos 1.º e 2.º da 2.ª parte.

Agradecemos a remessa dos dois citados volumes concernentes à 1.ª parte da obra, grandiosa por todos os motivos.

Figuras e fatos



O Ministro Salgado Filho, recém-chegado em Nova York detém-se para conversar com uma mecânica da aviação no salão de refeições do Aeroporto de La Guardia.



Entrega do Pavilhão Nacional ao 3.º Batalhão de Carros de Combate.

Flagrante fotográfico obtido no quartel no 3.º Batalhão de Carros de Combate quando era oferecida, a essa unidade do exercito, pelo Sindicato de Transportes Rodoviários do Rio de Janeiro, uma bandeira brasileira.



HOMENAGEM AO PROF. CLEMENTINO FRAGA — Na Academia Nacional de Medicina, perante altas personalidades científicas e sociais, foi homenageado o Professor Clementino Fraga, por motivo de sua eleição para professor emérito da Faculdade de Medicina da Bahia, em virtude da sua aposentadoria no cargo de professor da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil. Ao ilustre cientista foi oferecida por seus discípulos, colegas, amigos e admiradores uma rica medalha de ouro. Na fotografia aparece o menino Luiz Paulo quando fazia entrega da medalha de ouro ao homenageado.



O Gal. de Brigada Dunham, diretor da Divisão de Saúde Pública do Coordenador dos Negócios Inter-Americanos, recebido em audiência, no Caiete.



De regresso de uma viagem de inspeção ao Vale do Rio Doce, o Major Punaro Bley, ex-Interventor do Estado do Espírito Santo e Diretor Comercial da Cia Vale do Rio Doce, teve uma festiva recepção no Aeroporto Santos Dumont.

O flagrante acima, mostra um aspecto da chegada do ilustre viajante à Capital Federal, aparecendo S. Excia. ladeado por seus oficiais de gabinete, Murilo Del Vecchio e Haroldo Elias, uma de suas filhas, amigos e admiradores.

A cozinha cozinha de campanha de John Bull

Reportagem de Frances L. Kaye e fotografias gentilmente cedidas pelo B. N. S.

um papel mais romântico no exército, derrubar aviões inimigos em uma bateria anti-aérea, manejar fusis e metralhadoras, dar heroicamente seu sangue pela pátria. Mas o bom sentido prático dos ingleses levou-as logicamente a desempenhar a função para a qual estavam melhor dotadas e a dar seu sangue pela pátria mas somente pela incruenta operação de dá-lo a extrair em um laboratório, para condensá-lo e enviá-lo às fontes de batalha.

O VENTRE DO EXERCITO

Visitei um dos grandes centros culinários do exército britânico, no qual ha milhares de mulheres em uniforme que não fazem mais do que isso: cozinham. Neste centro é onde se lhes dá o treino necessário para enviá-las depois às unidades em condições de poder cumprir a missão de alimentar convenientemente milhares de homens. As aprendizes de cozinha, em uniforme, preparam neste centro milhares e milhares de refeições por dia. Ha, ainda, o que chamariamos cursos superiores nos quais as cozinheiras dos regimentos vêm adquirindo os conhecimentos necessários para ganhar as divisas de sargento e até as estrelas de capitão!

Porque dar de comer a um exército moderno, que tem exigencias culinárias que nunca teve antes nenhum soldado, é uma arte difícil e uma ciência complicada. Instrutores tirados dos grandes hotéis e restaurantes mais famosos da Inglaterra adaptaram sua arte às necessidades da produção em massa do exército e fazem ante as aprendizes conferências e demonstrações práticas. Nesse grande edificio, ventre gigantesco do exército, há dezenas e dezenas de cozinhas, cada uma para determinada especialidade e acondicionadas para fazer comida para trezentos, quinhentos e setecentos homens. Há cozinhas especiais para fazer assados, pudins e pastéis. Em uma aula se aprende a esquarterar uma rez, em outra a fazer pão. E' uma formidável fábrica de comidas e uma fabulosa dispensa. Uma legião de cozinheiros e copeiros se move com uma exatidão matemática, com os minutos e os segundos contados, para que a comida deste Gargantua de cem mil bocas, que é o exército, esteja pronta na hora precisa. Neste lugar um homem pode esperar pacientemente que o arroz esteja cozido, mas a cem mil homens não se pode dizer que o feijão esteja duro e a galinha velha.

Uma voluntária da A. T. S. treinando com uma cozinha de campanha.

PRIMEIRO vestiu-se as mulheres de soldados e depois, em cima do bizarro uniforme, colocou-se um avental e elas foram mandadas para a cozinha. O processo seguido parece um pouco estranho mas, contra a opinião das pessoas que se escandalizavam como as mulheres inglesas se militarizavam, convertendo-se em autênticos soldados, a verdade é que a mulher britânica está fazendo na guerra as funções próprias de seu sexo, além de todas as outras funções que as novas circunstancias lhe impuseram e entre elas, naturalmente, a cozinha. E mais: o gosto pela cozinha que as mulheres inglesas iam perdendo na vida civil das cidades modernas está sendo recobrado e estimulado pelas necessidades da guerra que exige, antes de tudo, dar de comer e dar de comer bem ao soldado.

A VOLTÀ À COZINHA

Há milhares destas cozinheiras de uniforme. Muitas eram delicadas donas de casa que viram suas cozinhas vasias pela mobilização dos homens e entraram nos corpos militarizados femininos com grande patriotismo mas sem mais presunção que a de suas virtudes domésticas; e que se, ao principio se horrorizavam ante a idéia de dar de comer a uma familia de varias centenas de homens, agora são capases de fazê-lo com o mesmo carinho que antes punham quando serviam um homem só. Outras, haviam sonhado desempenhar



As moças usam latas velhas na construção de cozinhas. Aqui vemos moças da A. T. S. construindo uma cozinha de campanha.

7 de Agosto de 1943

A COZINHA DE ROBINSON

O mais curioso deste reino são as cozinheiras do exército em sua aprendizagem da cozinha de campanha. Em campo raso, em condições que se assemelham, no possível, às de uma frente de batalha soltam-se as cozinheiras com as provisões indispensáveis e obrigam-nas a despacharem-se como puderem. Aqui não há fornos mecânicos nem complicadas máquinas de lavar pratos. Antes de preparar uma comida, as cozinheiras, metidas num uniforme, com os pés metidos no bapão, devem construir seus próprios fornos, têm de fabricá-lo utilizando-se de todos os utensílios da cozinha. Chegou-se a uma verdadeira arte, fazendo-se prodígios a ponto de se utilizarem de latas velhas, pregos e sacos que envolvem as provisões. Tenho visto frigoríficos de campanha para conservar a carne, improvisados com ramos de árvores e sacos humedecidos.

A cozinha tem de ser rudimentar, mas os viveres são excelentes, as melhores carnes, as frutas mais saborosas e nutritivas, o melhor chocolate, etc.



Pondo em prática ensinamentos que receberam durante as manobras, homens do corpo de tanques cozinham seu almoço.

mas, desde que sua ilha esteve ameaçada de ficar sem viveres, compreenderam que a alimentação é a base da resistência.

Começaram a preocupar-se com a cozinha, não pelo gosto de cozinhar, mas por disciplina. Os crimes que antes cometiam nas caçarolas, não os cometem agora por que é antipatriótico matar as vitaminas, deixando czer os legumes, até fazer com eles uma pasta substancial e insípida. Esperamos que a guerra imponha racionais sistemas de cozinha e fazendo voltar a ela as mulheres, mesmo que seja vestidas de uniforme, permita aos ingleses recobrar o gosto pela arte culinária que antigamente tiveram e que perderam na era do industrialismo, dos sandwiches e dos restaurantes automáticos.



Uma escola de cozinha da A. T. S. As mulheres que se alistaram na A. T. S. desempenham bem a sua missão, desde o fabrico da panela de campanha até a confecção de pastéis.

é pouco para o exército, esse exército inglês, o mais bem alimentado do mundo. Tenho visto os alimentos de campanha que levam consigo os comandos, as tropas transportadas pelos aviões e os paraquedistas. Nunca até agora foi possível dotar forças militares em movimento de uma alimentação mais racional, completa e saborosa.

GASTRONOMOS POR PATRIOTISMO

Esta preocupação de dar de comer ao exército assim como a de alimentar adequadamente as populações civis ante todas as possíveis contingências, na Inglaterra a guerra fez desabrochar a "consciência da alimentação" que indubitavelmente em tempo de paz não tem sido bastante compreendida pelas massas. Os ingleses que habitualmente comiam o que podiam, acostumados a conceder uma desdenhosa e inevitável atenção à mesa, passaram a preocupar-se em fazer comidas racionais que contêm vitaminas e calorias necessárias. Antes, habituados a dispor com abundância dos mais ricos alimentos que lhes eram trazidos de todos os lugares da terra, os ingleses consideravam o comer como uma espécie de dever convencional,

A autora da presente reportagem, Frances L. Kaye, assiste a confecção de fornos de campanha por um grupo de cozinheiras com o uniforme do exército.



Os pontos vitais da Democracia

"Tratava-se de uma verdadeira viagem de descoberta num campo desconhecido." É a Dra. Alice Hamilton, única especialista feminina em medicina industrial. "Nenhum jovem médico de hoje procuraria trabalho mais emocionante e remunerador. Tudo que descobri era novo e, na maioria, realmente valioso."

Nascida em Fort Wayne, Estado de Indiana, e formada em medicina, Alice Hamilton, penetrou o campo das moléstias industriais, quando tiveram início na América, em 1910. Embora a Europa tivesse desenvolvido este ramo da medicina não o possuíamos e o pequeno grupo instalado no Illinois pouco sabia onde começar e o que encontrar. Nos últimos trinta e três anos, o laboratório destas pesquisas recentes provou ser o primeiro da América industrial — e o resultado de suas descobertas foram os pontos vitais da democracia. Os sítios de moléstias industriais — fábricas, lojas e minas — foram os campos de batalha de uma curiosa guerra entre duas eras. Por um lado, como a Dra. Hamilton aponta num livro recente, prenhe de autoridade e penetração, "encontramos o feudalismo da maioria do mundo industrial, enquanto o resto do nosso mundo americano proclama a Democracia."

"Explorando os comércios perigosos" é a história de uma vida vivida nessa linha divisória. Com uma coragem simples e profunda, seu trabalho e suas aspirações levaram a Dra. Hamilton a uma pesquisa complexa que, como ela diz, é apenas em parte científica, mas humana e prática em maior medida.

Nos dias recentes, outras mulheres foram levadas a fazer aquela combinação. Os industriais chamaram-nas sentimentais, esquecendo ao mesmo tempo os riscos que pairavam sobre as fontes de riqueza das grandes companhias e as dificuldades atarvés das quais têm de passar quem vê um grupo de pessoas do povo — vítima de alguma doença industrial como a silicose ou o envenenamento pelo chumbo. E perguntam: "Que está fazendo para nos ajudar?" O investigador paciente conserva sua paciência e tem de continuar sua pesquisa que é o primeiro movimento para a luta.

Para Alice Hamilton aquela luta foi apenas parte da sua vida e parte de uma batalha pela vida humana com seu direito à liberdade e à paz. De Hull House, onde estudou, dos dias em que discutia Catulo, através dos anos da guerra, quando acompanhou o grupo de Jane Addams ao Congresso de Mulheres da Haya e das continuas viagens em que reclamava "continua meditação", sua vida como cidadã amante da paz é paralela a sua existência de médica industrial. Após a guerra, ela trabalhou entre grandes obstáculos em plena frente do trabalho. Os soldados americanos tinham odiado a Europa na maioria. Tinham odiado qualquer idéia de mudança no país. Voltaram, trazendo consigo aquele sentimento, num período do trabalho americano em que as uniões temiam que nossos "standards" teriam de ser baixados ao nível do "trabalho pobre da Europa", e quando alguns patrões denunciavam todo movimento decente como bolchevista.

Em 1918, a Dra. Hamilton fez uma conferência na Universidade de Harvard, e em 1919, foi designada para a Faculdade da Escola Médica de Harvard, embora tivesse implorado ansiosamente pelo direito de cursar o Harvard Club, no qual, naquele tempo, não entravam senhoras e nem sequer admitiam as esposas dos membros. Nos anos seguintes, dos "raids" de Palmer e do caso de Sacco-Vanzetti, marcou avanços em seu campo e suas próprias viagens a Genebra (para o Comité de Saude da Liga das Nações) e à União Soviética (a convite do Serviço de Saude). No estado do envenenamento feito - a doença dos que trabalham em minas de mercurio, dos que fabricam termômetros, baterias, ela fala da resposta que lhe deram na Rússia quando queixou-se de que o filtro que lhe haviam mostrado era grosseiro e feio. Contaram-lhe que na Rússia Soviética as vidas humanas eram mais preciosas que os belos chapéus.

Contada com moderação, a "Exploração dos Comércios Perigosos" contém as virtudes que a Dra. Hamilton enumera como as da Nova Inglaterra: integridade, auto-



controle, nenhuma fraquesa ou sentimentalidade, respeito ao intelectual, amor da beleza, pensamento claro, nenhuma insensatez. Mas, por trás do relato — e nas belas fotografias de Norah Hamilton passam sempre as linhas das vítimas: rostos doentes, os corpos arruinados e devastados daqueles que se gastavam enquanto construíam a riqueza americana — aqueles que partiram para uma outra forma de guerra. São um grupo inteiro de sacrificados, estúpida e inutilmente à nossa sociedade: vítimas do envenenamento pelo ácido picrico, pelo ethyl e pelo rádio, os sufocados, mortos pela silicose, cortadores de pedra, "com os dedos mortos", e as vítimas insanas do mercurio.

"Parecia natural e justo que uma mulher pusesse o cuidado ao trabalhador ac-

ma do valor da coisa por ele produzida; num homem seria sentimentalismo ou radicalismo," - escreve a Dra. Hamilton. O diretor de uma grande fábrica disse-lhe que um homem veria em seus operários apenas uma parte da maquinaria de sua fábrica; mas uma mulher veria neles os indivíduos, os pais, os maridos e os irmãos. É este ponto de vista que caracteriza o livro da Dra. Hamilton, assim como a combinação de interesses que o faz fascinante pelos contrastes entre os avanços e as falhas de nosso progresso. Algumas das melhores passagens deste excelente livro tratam de tais contrastes.

O ponto que sua obra parece indicar continuamente é cada vez mais claro em nossas vidas — que as ciências e artes aplicadas, abordando os problemas comuns e a vida do indivíduo, são claramente políticas e suas conclusões devem ser politicamente conquistadas; e que as ciências puras e as artes puras são políticas na proporção em que o Estado penetra nas nossas vidas pessoais. As nobres linhas que pautaram a sua vida e o seu trabalho sentem-se em cada capítulo de seu livro. Entretanto, é o fim que exprime a força que constituiu a alma de sua vida. Fala da reação que virá com o apogeu da guerra, da crise e do soerguimento mais alto do que antes. E diz, falando do centro de sua vida — aqueles que lutam: "Não acredito que viverei tanto tempo que chegue a ver esse reerguimento, mas sei que há de vir."

ORGANDY

DE BAZIN

Os perfumes têm, como as artes e as letras, os seus grandes mestres e as suas obras primas. ORGANDY de BAZIN é a grande obra prima da perfumaria.

A' VENDA EM TODO O BRASIL

EXTRACTO Nº 1210 C/CX. Nº 1217 C/CX.

SABONETE Nº 1280

PO Nº 1250

EXTRACTO Nº 1211 C/CX. Nº 1211 S/CX. Nº 1211-M

BRILHANTINA Nº 1212

TERQUINO

Editores norte-americanos em visita ao Brasil

No dia 26 de junho p.p. o ministro do Exterior, sr. Osvaldo Aranha, ofereceu no Itamarati um almoço aos editores norte-americanos, chegados dia 24 p.p. nesta capital, e que são os srs.: George Brett Jr., presidente da Casa Editora Mac Milland; Malcolm Johnson, vice-presidente da Editora Johnson, vice-presidente da Editora Doubleday Dorand; Burr Chase presidente da Silver Burdett; Robertt Graff, presidente da Pocket Inc.; e James Thompson, vice-presidente da McGraw-Hill.

Ao "champagne", o ministro Osvaldo Aranha saudou os homenageados que vieram especialmente ao Brasil para estudar os meios de desenvolver o intercâmbio cultural entre o seu e o nosso país.

Agradecendo, o sr. George Brett Jr. terminou levantando um brinde ao presidente da República, sr. Getúlio Vargas.

A tarde, os editores norte-americanos deram uma entrevista à imprensa, na sede da A. B. I., onde os apresentou aos jornalistas cariocas o presidente daquela associação, sr. Herbert Moses.

Os objetivos principais da visita dos industriais do livro ao Brasil são estes:

Estabelecer contacto direto com os principais editores de nosso país e obter relações mais íntimas com os livreiros importadores, para melhor compreensão dos problemas do mercado de livros e estudos de medidas tendentes à sua melhor e mais favorável solução; e observar "in-loco", as necessidades de nossas bibliotecas, escolas e centros de pesquisas, com relação a livros que estão sendo ou possam ser publicados nos Estados Unidos.

Inicialmente, o sr. George Brett Jr. depois de assinalar que os seis edi-

tores presentes no Rio representam mais de duzentas casas editoras dos Estados Unidos, declarou:

"Se, por um lado, estamos tratando de negócios particulares, por outro, desejamos fomentar as relações culturais entre os dois países. Queremos ouvir e aprender, afim de facilitar a venda dos nossos livros no Brasil e os dos brasileiros na América. E' nosso desejo distribuir no Brasil o que os brasileiros querem e desejam.

Em todos os lugares que comparecemos, estamos solicitando dos editores e dos expoentes na ciência e na literatura que nos forneçam uma lista dos livros de origem brasileira que consideram útil distribuir nos Estados Unidos. Pedimos também aos srs. jornalistas que nos dêem uma lista de livros americanos que desejam ver distribuídos aqui. Estamos também perguntando quais são os livros americanos que desejam ver distribuídos no Brasil em português. Quando recebermos essas informações, iremos fazer todo o possível para atender esses desejos."

Prosseguindo, abordou o sr. Brett o problema do barateamento do livro norte-americano no Brasil, e acrescentou que os editores presentes levariam para os Estados Unidos uma coleção de livros brasileiros a serem ali divulgados. Para isto estão colhendo informações entre as autoridades na matéria, afim de serem publicados na América do Norte as obras mais representativas e de maior valor em cada ramo de atividade intelectual no Brasil.

A visita dos editores norte-americanos ao Brasil, além dos benefícios sem par que a sua missão nos trará, é mais uma prova de amizade dos irmãos do Norte e mais um ato de bom e são panamericanismo.

O CAFÉ BRASILEIRO EM 1942

O QUE NOS INFORMA O ÚLTIMO RELATÓRIO DO PRESIDENTE DO D. N. C.

Facilitando aos interessados no estudo das nossas questões econômicas os elementos necessários ao completo esclarecimento do sempre momentoso problema cafeeiro, o sr. Jayme Fernandes Guedes, presidente do D. N. C., elaborou minucioso relatório referente às atividades desenvolvidas por aquela autarquia, em 1942, trabalho que o seu Conselho Consultivo aprovou por unanimidade e recomendou fosse divulgado em volume, por constituir fonte de ensinamento e consulta, que deve estar sempre acessível ao exame dos que lidam com os números e os fatos ligados

à vida do nosso principal produto de exportação. "O Café brasileiro em 1942", tanto pelo conteúdo como pela esmerada apresentação, é um documento que merece atenções especiais. Esmerilha, com grande fidelidade expositiva, riqueza singular de análise e notável contingente informativo, os sucessos e as dificuldades verificados no vasto cenário cafeeiro, no Brasil e no mundo, e isso sem se afastar, jamais, do senso objetivo dos problemas em causa, o que torna o trabalho em foco um retrato perfeito e corajoso da situação real do café. O sr. Jayme Fernandes Guedes, como sempre, oferece ao comércio, à lavoura e a todos os que cuidam da economia política do produto, orientação que sobre segura é absolutamente honesta.

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o território nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continua sendo Cr. \$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da República, constará na própria capa do número a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o território nacional o preço da capa.



A VENDA EM TODAS AS RELOJOARIAS.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e esperezas e a tendência para a pimentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

Mas Que Pancada!



A dor acalma-se prontamente, a ferida cicatriza e sara com a ajuda do Mentholatum. As mãos precavidas tem-o sempre à mão, para queimaduras, cortes, pancadas e constipações.

MENTHOLATUM

ESCRAGNOLLE DORIA

Silva de Lembranças

Hontem, hoje, amanhã, — tres palavras de eterno imperio sobre a vida humana universal, social ou individual. A primeira daquelas palavras fundamenta a segunda, esta deixa entrevêr a terceira. Para os povos, as sociedades, a familia, o individuo o hontem é a lição dada ao hoje, como no bem e no mal o hoje é de alta fatiloquencia vindoura.

Muito de prezar são quantos por varios titulos e por varias formas desempoam o hontem e na passagem pelo hoje desempoam o amanhã.

No trazer á luz da memoria o hontem brasileiro avantajam-se revistas nossas. Algumas inteligente e proveitosamente acolhem em suas paginas tanto assuntos de tempos idos como de dias presentes. Assim sem dano de ninguem ilustram muito algum desejoso de saber.

Em S. Paulo, o *Departamento de Cultura e Recreação* imprime, com ilustrações, a *Revista do Arquivo Municipal*, estampando esta ordens regias do tempo colonial a par de atos do prefeito de S. Paulo e de sucessos de atualidade.

Num dos numeros da util Revista aparece, por exemplo, curioso bando ou anuncio publico emanado de D. Rodrigo Cesar de Menezes, governador e capitão general da capitania de S. Paulo. O bando limitava o porte de armas curtas e compridas aos "bons do povo e mais oficiais de guerra da capitania". Nem é outro o empenho da policia de hoje senão autorisar o porte de armas a pessoas qualificadas, nome cabivel "aos bons do povo" de 1722, tolhendo aquele porte a malandros de toda especie.

Noutro bando, o mesmo D. Rodrigo, atendendo "ao grande prejuizo experimentado na cidade de S. Paulo" ordenava e mandava "bem de Remedio prompto à desordem", que nenhum atravessador, tendeiro ou vendilhão vendessem mantimentos por mais do que os compraram aos lavradores. Cominavam-se aos desobedientes penas severas, pela primeira delinquencia multa de trinta mil reis e dous mezes de estadia na fortaleza da barra de Santos, a terça parte da multa atribuida ao denunciador. O reincidente pagaria sessenta mil reis de multa e levaria tres tratos de polé, pouco agradável montanha russa de genero especial. E' só vêr qualquer figura da mesma.

Outra revista, embóra não ilustrada, no genero da *Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo* é o *Boletim do Arquivo Municipal de Curitiba*, de publicação mensal por muito tempo dirigida por Francisco Negrão, benemerito na historia do Paraná. O *Boletim* recolheu documentos para aquela historia, parcela da soma valiosa da historia patria.

Até ser elevado a provincia, por lei de 1853, o Paraná territorial e administrativamente dependeu de S. Paulo, embóra, de exclusiva posse municipal a Camara de Curitiba. Registrava esta, a 19 de Janeiro de 1735, uma carta do ouvidor geral da comarca, o doutor Antonio dos Santos Soares. Dizia a carta que "como chegasse do Rio de Janeyro o cofre com o dinheiro que tinha ido para se serrilhar podiam suas mercês mandar buscar o que tocava á Camara". Assim, de Paranaguá, se dirigia o ouvidor, declarando-se "muito servidor dos senhores officiais da Camara da villa de Curitiba".

Para serrilhagem no Rio de Janeiro, as moedas partiam de Curitiba em longa viagem. Esta nota numismatica talvez agrade ao douto numismata Edgard Romero.

A 31 de Julho de 1750 entregava alma a Deus, Rei dos Reis, o rei D. João V exaltado ao trono aos 17 anos para governar 44 e aos 61 repousar no panteão funerario de S. Vicente de Fóra, em Lisboa onde D. João V tivera berço principesco de infante.

Em Março de 1751 reunio-se a Camara de Curitiba a providenciar para o sufragio pela alma do monarca. Em demonstrações tais era uso formar companhia de guerra para as descargas do costuma acompanhando exequias. Mandava a Camara de Curitiba que todos os moradores da vila se chegassem com suas armas à porta do capitão Miguel Rodríguez Ribas, por ser este, segundo

Francisco Negrão, capaz de exercer comando, embora sexagenario.

A resolução por certo foi levada ao conhecimento do sucessor de D. João V, seu filho D. José I, ele sabelor de ter sido sufragado o progenitor em distantes terras sul-americanas de alem-mar.

Oiro do Brasil muito o manejou D. João V, acusado de prodigo á custa alheia, sem ser nem o primeiro nem o ultimo da classe. Livros do registro da remessa de oiro e prata havia no juizo ordinario de Curitiba para a Casa de Fundição de Paranaguá. Nela entravam as oitavas de oiro em pó ou não vindas de minas como as do Areal grande ou as celebres de Potumán na serra do mesmo nome, entre aguas fluviais do Capivarí, do Patos e do Tucuman.

A exemplo das revistas municipais de S. Paulo e do Paraná, no Rio Grande do Sul a Prefeitura Municipal de Porto Alegre publica, pela sua Diretoria Geral do Expediente, um *boletim* sabe este consorciar passado e presente. Redige-o Walter Spalding, escritor de muito mérito provado de afincio na investigação historica.

Contando já cinco anos de publicidade, o ultimo *Boletim* sul rio-grandense, de Janeiro a Abril de 1943,



Brigadeiro Andrade Neves
Barão do Triunfo
(Rio Pardo 1807 — Assunção 1867)

(Desenho de Alberto Lima)

estampa as atas da Camara Municipal de Porto Alegre de 1773 e 1774, um dos termos de vereança, em Agosto de 1774, informa estar a cargo da Camara a criação dos engeitados, a edilidade também zelosa de suas rendas nas contas a dar os municipes. A dita Camara confiando os engeitados a criadores a estes diminuia a paga quando os infantes, "já se haviam apartado da ama do leite."

As atas da antiga Camara Municipal de Porto Alegre são de muito interesse no relativo á terminação da guerra do Paraguai.

Em principios de 1873 a Camara incorporada foi ao porto da cidade. Com as autoridades e o povo. Ia receber os restos mortais de dous assinalados combatentes, Andrade Neves, barão do Triunpho e Antonio da Silva Paranhos cujos despojos o vapor *Guaita* transportava.

Os restos de Andrade Neves, vinham acompanhados por desusado documento de identificação. Encerrava-o uma garrafa ao lado do corpo do destemido general tão temido de inimigos em guerra.

O documento original posto na garrafa pertence ao arquivo de Olinto Sanmartin, intelectual tão amigo do

passado quanto de saber, reforçado por numerosas vias quando o mundo as consentia.

A vida militar de Andrade Neves acaba de ser contada por miudo num livro do capitão Deoclecio De Paranhos Antunes que ao amor pela carreira das armas ajunta operosamente o amor pela carreira das letras, e estas dignamente praticadas constituem uma carreira bem ardua.

Nascido no Rio Pardo, em 1807, 1.º cadete em 1826, José Joaquim de Andrade Neves ensaiou guerra na luta farroupilha, praticou-a mais na campanha do Uruguai e depois na do Paraguai. Nesta, e por feitos de bravura gravaria nome nos fastos do exercito brasileiro; honrado afinal o batalhador com o posto de brigadeiro e o expressivo titulo de barão do Triunfo.

Da tomada da Vila do Pilar em diante foi Andrade Neves participando da linha de vitórias de Caxias de termo em Assunção.

Pártcipe da batalha de Avaí, Andrade Neves obedeceu á voz de Caxias apontando-lhe os restos do exercito vencido ainda de espera ultima ao vencedor em Lomas Valentinas: "A vitoria é certa, proclamava Caxias, porque o general e amigo que vos guia, ainda até hoje não foi vencido". E a proclamação fechava com estas palavras: Viva o Imperador! Vivam os exercitos aliados!

A' testa de carga de cavalaria, Andrade Neves recebe ferimento grave por bala, no pé direito. Iria agonisar e morrer em Assunção, expirando num aposento do palacio de Solano Lopez. Era 6 de Janeiro de 1869.

Andrade Neves ficou alguns anos em terra estranha. Os mortos não podem ser impacientes. Chegou o dia da trasladação daquele que De Paranho Antunes cognominou o Vanguardeiro. Iam ter homenagem e sepultura definitiva na terra natal.

Acompanhou o extinto o documento identificador ora estampado no *Boletim Municipal de Porto Alegre* e cedido por copia pelo obsequio de Olinto Sanmartin:

Disse- (a tinta)

Aqui jazem os restos mortais do Barão do Triunpho, faleceo a 6 de Jnº de (papel mutilado) sepultou-se a 7 do mmº.

Barão do Triunpho
Faleceo a 6 de Janeiro de 1869

De um lado do documento: se lê

Este papel foi posto dentro de hua garrafa e sepultado com o B. do Triunpho para maior signal.

Quando tirarão seus restos mortaes achando no pé hua Balla de Adarme 17 q'vai annexa =embrulharão-na veste: e foi o que estragou. Fasso de tudo entrega ao Sr Dºr Thimoteo nosso Amigo, para collocar aon de achar melhor. Pto. Ale. 29 de Abril de 1873

P. C.

Do outro lado do documento lê-se:

Tirado no dia 5 de Julho (a tinta) de 1872 para seguir pª a Provª do Sul onde nasceo. Chegou a P. Ale a 24 de Abril de 1873, seguio pª Rº Pardo a 25 do d. mez.

P. C.

Veio o documento encerrado em envelope com timbre do Imperio e a seguinte declaração:

"Dentro deste sob'escripto acharão hum papel q. foi posto dentro de hua garrafa e sepultado com o Corpo do General Barão do Triunpho na capital da Republica do Paraguay, a 26 de Abril de 1869. Andrade Neves foi ferido a 21 de Dezembro de 1868 no morro de Febre: mas na exumação de seos Restos Mortaes, achou-se num pé hua Balla de Chumbo — feita a martelo — d'adarme 17!... Esta Balla de peso 8 oitavas acompaña o papel.

29
18-73
4

O documento atesta o cuidado, a minucia com que o seu redator o lançou para indubitavel reconhecimento dos restos mortais de Andrade Neves e se o verificou por ocasião de entrega ao sr. Timoteo Pereira da Rosa.

A transcrição obedeceu em tudo ao original. Nem podia ser de outra maneira. Os documentos têm a fisionomia do seu tempo. Não é licito alterar-lhes modos de dizer, construções sintaxicas, ortografia. Quem o fizer não sabe o que faz e isso não abona ninguem.

TAPETE MAGICO

CANTIGAS DE AMOR

Cantigas de amor português — é o que diz mais precisamente esta esplendida composição de Carlos Reis, grande pintor e grande interprete de sua raça.

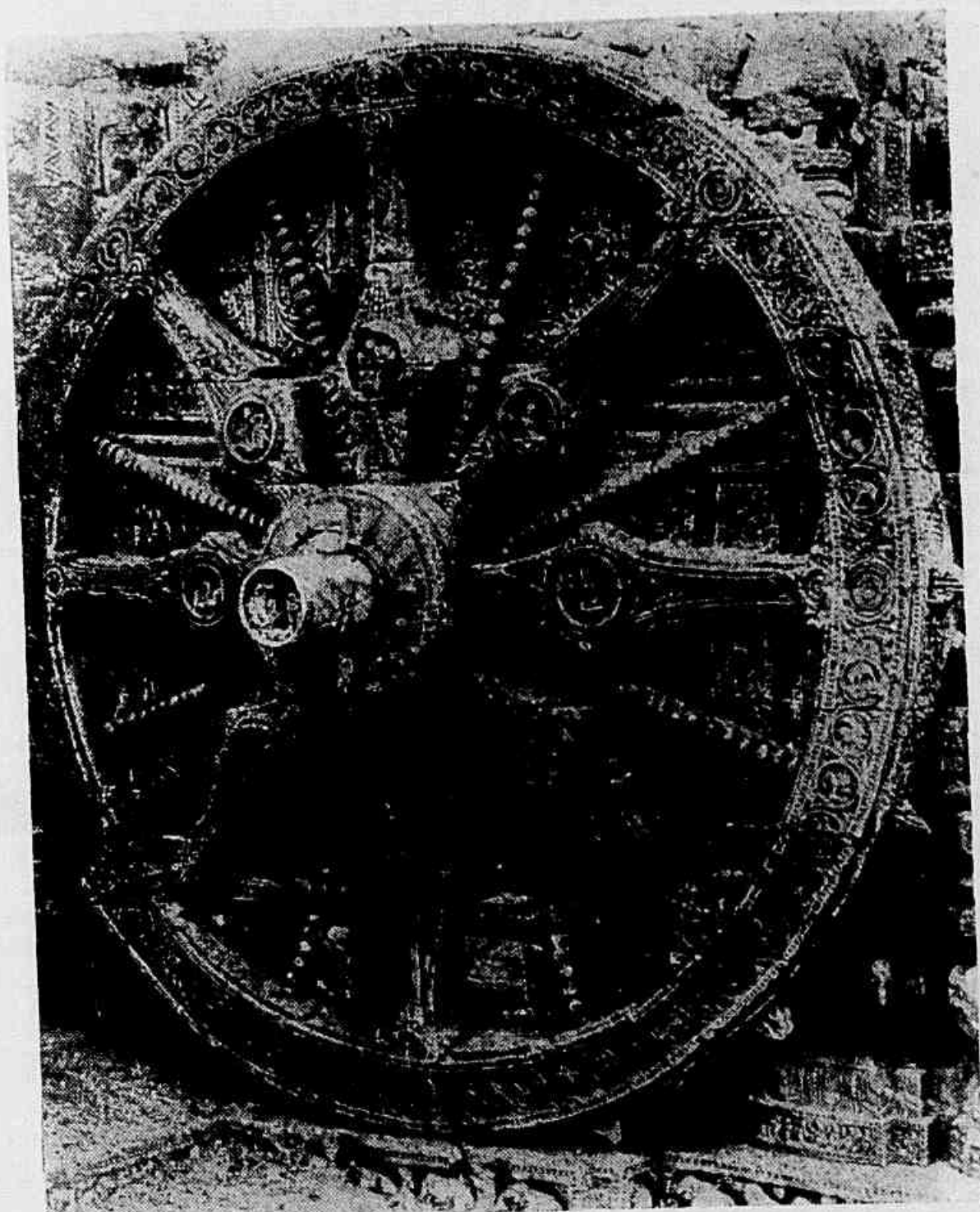
O ceguinho veio de longe, por monte e riba, ao sol das terras fecundas do seu país, o "meu país de romarias e procissões", cantado pela grande voz de Iolanda de Antonio Nobre.

A saudade portuguesa vem com ele, está cantando pela boca do velhinho sem olhos, cujo olhar se volta para dentro da alma, repassando, pela memoria do coração, mais viva do que a de retina mais intensa, todos os momentos de alegria e de amargura dos seus amores que ficaram para tras, no tempo e na distancia.

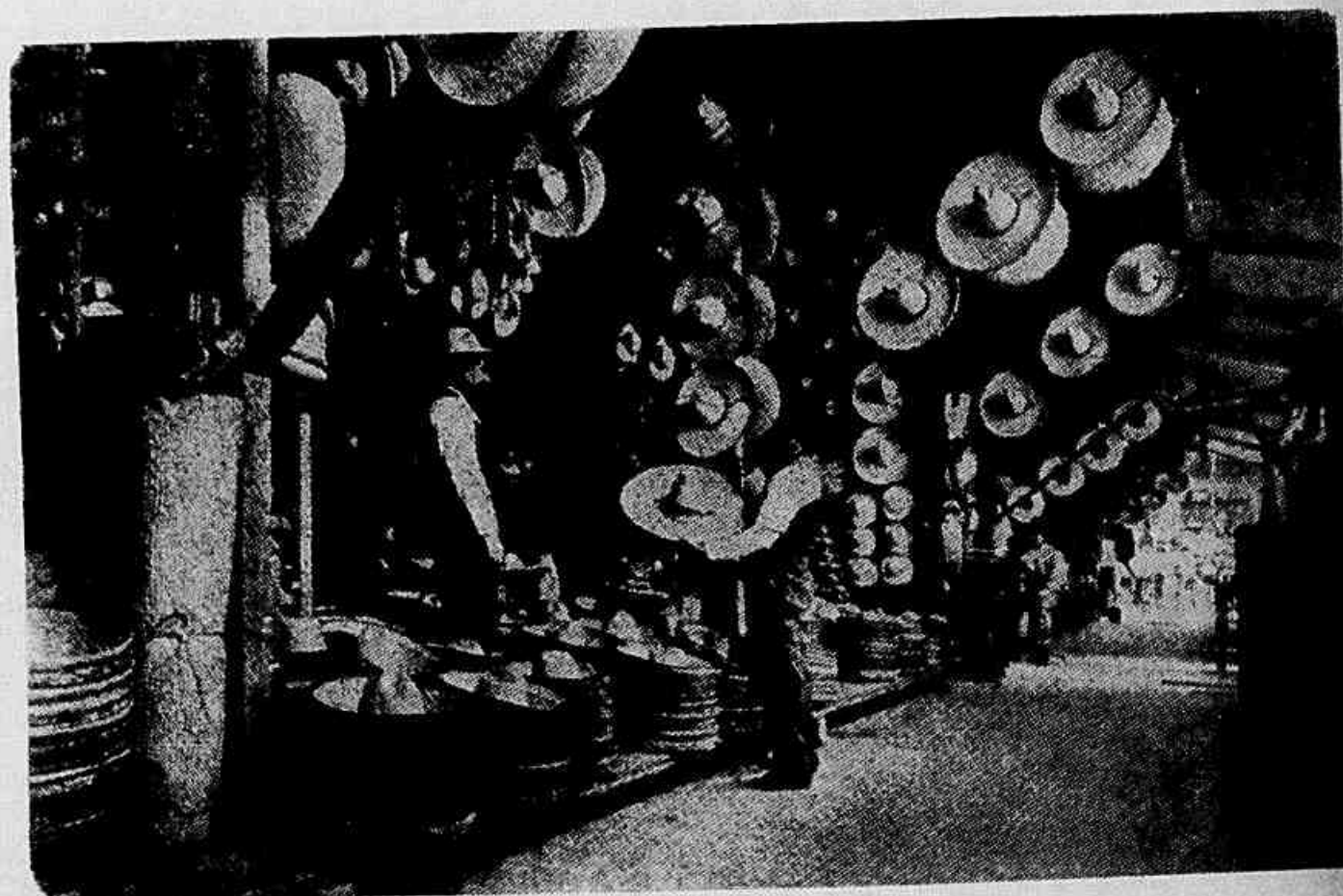
A avó escuta a cantiga nostalgica e logo se lhe amolece o coração, golpeado pela ausencia do bom amigo, lavrador das leiras ricas e dos belos pomares por onde chilreia madrugador o melro de Junqueiro. Ha muito que se partiu o bom amigo e ainda agora, so som dos versos pungentes do fado, que — é a propria voz da saudade, a pobre alma batida pela dureza da vida se entrefeeha, como debil flor crepuscular, rorejada do orvalho das lagrimas.

A dois passos, apoiada na parede de cal, os pés pisando indiferentes o chão pedregoso da ruazinha aldeia, a cachopa linda, cujo corpo, ainda na voz de Antonio Nobre, é uma ourivesaria de graças matinaes, escuta enlevada, o sentido posto no guapo latagão que a esta hora moureja no campo e lhe prometeu desposá-la, ao abrir das vindimas ricas.

E' todo um poema de cores e de sentimentos o que se desprende desta esplendida tela de tão viva emoção e de tão seguras qualidades afirmadoras do genio pictorial do mestre lusitano.



A roda tem três mil anos Foi uma das primeiras invenções do homem. Dela se serviram os nossos avós mais remotos, para o fabrico do pão e o penoso transporte através das primeiras distancias criadas pelo genio da aventura. Este extraordinario espécime indú tem apenas sete seculos. Foi lavrado para o carro do sol dos bramanes e ainda hoje se pode admirar no palacio de Karmaac, suntuosamente rendilhada na pedra, como uma joia colossal.



Chapéus para todas as cabeças; nos mostruários do mercado do Volador ou mercado dos Ladrões da cidade do Mexico. O palacio de Montezuma ficava outrora neste sitio, agora ocupado pelo Volador, que tira o nome dum passe de ginastica dos aztecas. O mexicano tem um grande orgulho do seu chapéu. Foi o *sombrero* que lhe levou longe a fama com a gloria das façanhas caudilhescas do passado. Alguns espécimes pesam varios quilos, tal a quantidade de ornamentos de prata que os arreiam. Os camponios pobres reviram os *sombreros* baratos e deles se servem para o carregio de comida e objetos miudos para a feira.

VELEIROS

POR

SEBASTIÃO
FERNANDES

DESENHO DE J. GOUVÊA

DE Dublin veio um telegrama informando-nos que seria desenvolvido o emprêgo de barcos a vela, para o transporte de cargas, resolvendo deste modo problemas angustiantes criados pela guerra.

A solução de emergência criada por esse choque tremendo é retrogradar á navegação a vela. Todos esses recursos são lembrados para atender ás necessidades a portos distantes. A construção será de pequenas unidades de madeira para o tráfego de cabotagem em que a vela dará, num sentido de beleza, a lição de que o passado não morre.

E' também o nosso caso, com mais evidência, pois não faltam nem a madeira nem os marujos.

A' maneira de milionários que, com soberba, desprezam os humildes, na éra do aço, com o progresso ficamos alucinados pela máquina, atiramos para um canto nossos velhos utensílios agora lembrados com a guerra.

Com a riqueza das nossas florestas, já está sendo estudada a frota de veleiros, assim como a formação da tripulação dos brigues costeiros, tão uteis quando não havia a febre do progresso...

Temos 9.500 quilômetros de litoral. E' a vastidão dum oceano contornando nossa terra.

E temos u'a moeda rara para ser aproveitada — o heroísmo do jangadeiro. Já que longos anos ficaram eles desamparados, tanto tempo sem que os procurássemos para dar tunção á sua grande energia, capacidade e valor, chegou o momento de fazê-lo porque são homens que vivem numa luta cotidiana, cheia de renúncia. Aparecendo agora a necessidade de ligar a vastidão da nossa costa, é justo que o trabalhador humilde e forte, que é o jangadeiro, seja aproveitado. Aliás a longa região do salso elemento que o jangadeiro sulca no seu barco tão rudimentar deu-lhe um prestígio e uma autoridade, para não dizer lenda, que deve ser melhor valorizada na época utilitária que atravessamos. O caboclo que todos os dias vive heroicamente para ganhar uma miséria na pescaria, melhor será com todo aquele esforço dispendido para nosso transporte de carga marítimo.



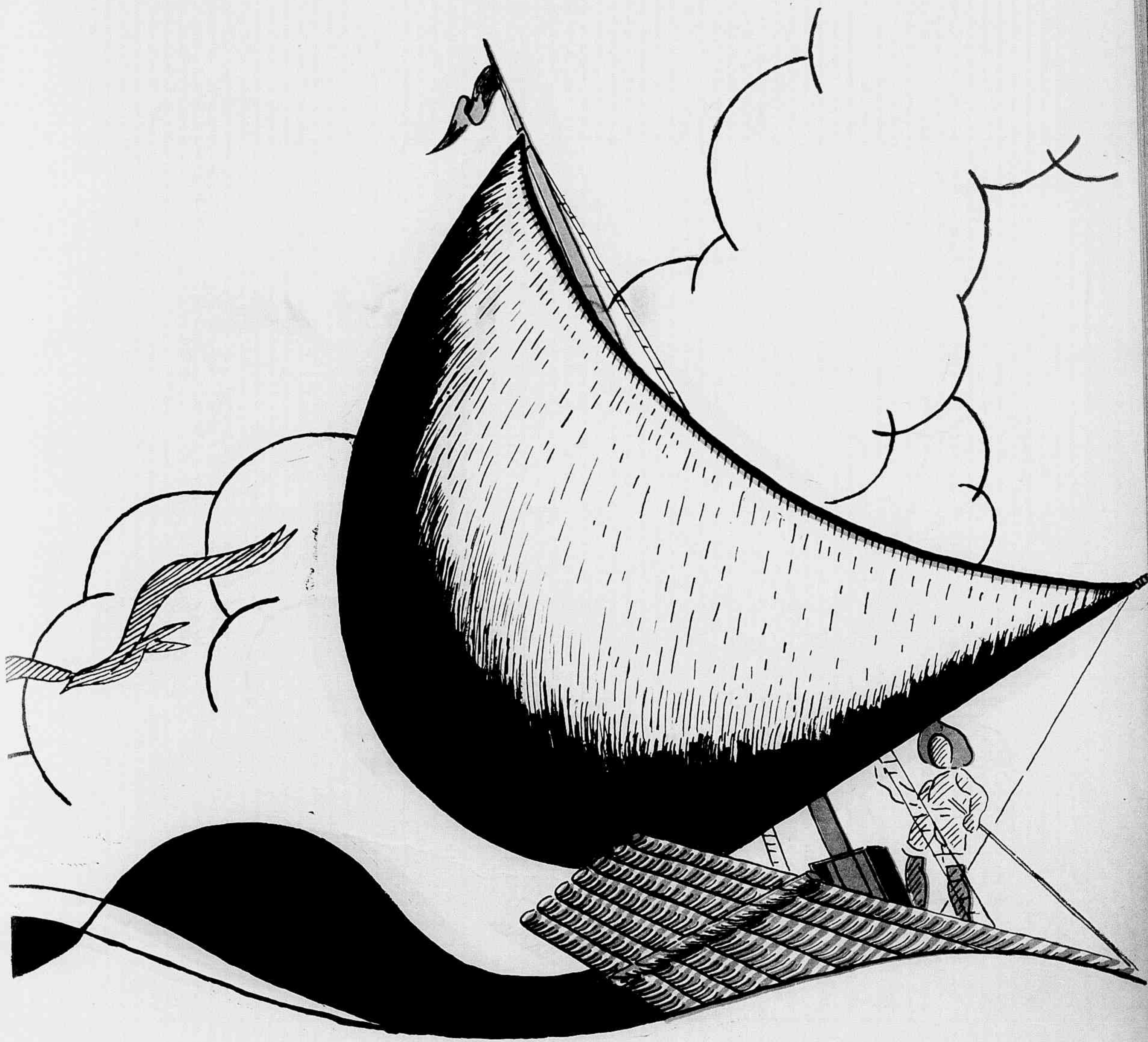
Só os que vivem na luta incessante dentro do oceano podem idealizar como é preciso ter alma forte para voltar para casa com o samburá vazio, com os filhos na palhoça esperando alimento. São problemas de todos os dias que o civilizado não vê e não sente; porque nossa imaginação de super civilizados otimamente instalados, jamais poderá imaginar o que seja um homem viver na fúria das ondas, naqueles seis paus que supera muito bem o vocábulo heroísmo. Diante da força bruta do mar é irrisório o homem aparecer com a tosca embarcação, de madeiramento fragil, no entanto, é com aquele instrumento rude que o pescador se atira pelas águas num desafio de louco, se não fosse também um necessitado consciente. Parte sem saber se voltará; navegante quer dizer intrepidez, mas jangadeiro é mais um pouco. Enquanto outros marítimos são guiados por bússola e mil outros instrumentos, o jangadeiro tem o instinto, quando no céu lhe faltam as estrelas, ou o sol para orientá-lo. E também a fé, pois não há pescador que esqueça, em Junho, de comemorar São Pedro que também viveu no mar.

Mas é uma profissão amargurada por todos os desenganos do tempo e do mar. O oceano quieto, na calma bonita dos poemas metrificadas, este, não existe para o homem que luta contra os vagalhões e a água que varre a proa e a popa daqueles pequenos paus da nau tosca.

Não bastam os embates das próprias ondas nem as incertezas da maré para a procura dos peixes, na luta contra o clima, trabalhando na zona mais

vergastada pelas intempéries, o homem adquire, reservas físicas e morais de que tanto precisamos e isto é uma ventura porque nenhuma outra profissão o enrijesse tanto, e são embarcações conhecedoras de todos os mistérios e segredos do mar, que melhor aparelhados, nos darão perfeito e cabal cumprimento á missão, quando outros povos levariam anos para educar marujos.

Imaginem o dia em que toda essa energia e atividade forem aproveitadas no sentido de nosso comércio de cabotagem com os veleiros que nada precisam dos transatlânticos arrogantes, mesmo os que idolatram os motores os que julgam a vida pela velocidade e desprezam a poesia das velas enfundadas ao sabor dos ventos, á mercê do tempo. A mecânica com todas as suas conquistas não pode fazer esquecer a beleza da vida simples. E sempre lembrará ao homem que nem tudo ela pode realizar — um titã de aço e ferro nunca poderá matar a beleza dum veleiro. Jamais sentiríamos poesia na estrutura fria duma máquina de navegar, pois só as linhas dum veleiro com suas velas traçam, no verde e azul, um sinal de que a vida não é só máquina. E na época do aço, de coisas tão utilitárias, nas praias nordestinas tudo parece efêmero. No cenário glauco, as gaivotas parecem velas de jangadas. As jangadas aumentam a beleza com seu mastro de guanadi onde a vela triangular é sempre uma asa que foge, parecendo tão frágil e tão louca fugindo para o infinito.



Bate-papo de Guerra

Legendas de SONIA REGINA
Desenhos de LUIZ GOULART
CHINA, VELHA CHINA...



(U.P.) "Num ponto qualquer da Ásia chegaram tropas americanas e Sua Magestade Cupido observou:



— O Capitão desejaria "subir" comigo a Grande Muralha?

— Sim, Flôr de Cerejeira, mas preferiria mil vezes "descer" uma boa "montanha russa".

O japonês, enraivecido, contemplando o retrato do Generalissimo:

"Eh China pau,
China pau
Como quê!

Eh China pau,
China duro
De roer..."



— Pois é. Na China temos a filosofia de Confúcio, as porcelanas preciosas e seculares, o amor ancestral à Terra e o culto da primavera.

E na América, tenente? Na América que existe porventura de mais belo?

— De mais belo, hein? Oh! sem duvida, as pernas da Marlene.



«TUDO PASSA»

HORMINO LYRA

ILUSTRAÇÃO DE GOULART

A senhora, ainda jovem, muito bela e virtuosa, sobrevivera ao marido. O cavalheiro, ainda moço, muito simpático e de caráter firme, sobrevivera à esposa. No Rio de Janeiro um não sabia da existência do outro. Simples, não obstante pecuniosos, eram ambos naturais do Brasil mas, de Estados diferentes e aqui moravam em bairros também diferentes.

Vieram fixar residência na Capital Federal, onde perderam os seus cônjuges e viviam sós, porquanto ficaram sem filhos.

Passavam insipidamente a vida mas já não desejavam tornar ao torrão nativo, até porque tinham de zelar pela sepultura dos falecidos. Só se preocupavam com visitar os túmulos vizinhos dos inesquecíveis seres que dormem o sono eterno. Era o cemitério o lugar aonde iam nas manhãs domingueiras, carregados de flores naturais. Na igreja depois se ajuntavam a outros fieis afim de assistirem todos ao incruento sacrifício da Lei da Graça e lá resavam os dois pelos manes dos cônjuges desaparecidos.

E assim decorriam meses, até observar êle a presença dela na mansão dos mortos e ela, a presença dêle. Ficaram indiferentes. Certa vez, porém, com toda a frieza com que se olha uma coisa, ela, sem querer, espreitava-o, mirando-o graciosamente de través; ele, por vontade, já lhe lançava os olhos mesurados.

Um incidente sem mínima importância. Nenhum mal poderia haver nisso. E foram ouvir missa ao mesmo templo e consideraram dentro em si mesmos que professavam ambos a verdadeira fé.

Conceberam existir entre êles a solidez da crença perceberam a identidade do estado civil.

Em casa rememoraram fatos e ensaiaram sorrir. Achavam não ser crime...

Novo encontro no mesmo lugar, carregados de flores.

Por simples curiosidade, foi ela examinar as intenções do companheiro de viuvez e deu com o olhar súplice do viuvo, o qual lhe ofendeu a vista e lhe fez grande impressão sobre o ânimo. Baixou os olhos. Os nervos trabalhavam ativamente, e fizeram-na chorar. O choro aliviara-lhe a pequenina aflição... Juntou as mãos palma com palma, dobrou o corpo, inclinou a cabeça até as mãos e ensaiou uma prece.

Nêsse dia decidiu-se a não mais examinar coisas nem casos, fazendo ali um exame de consciência...

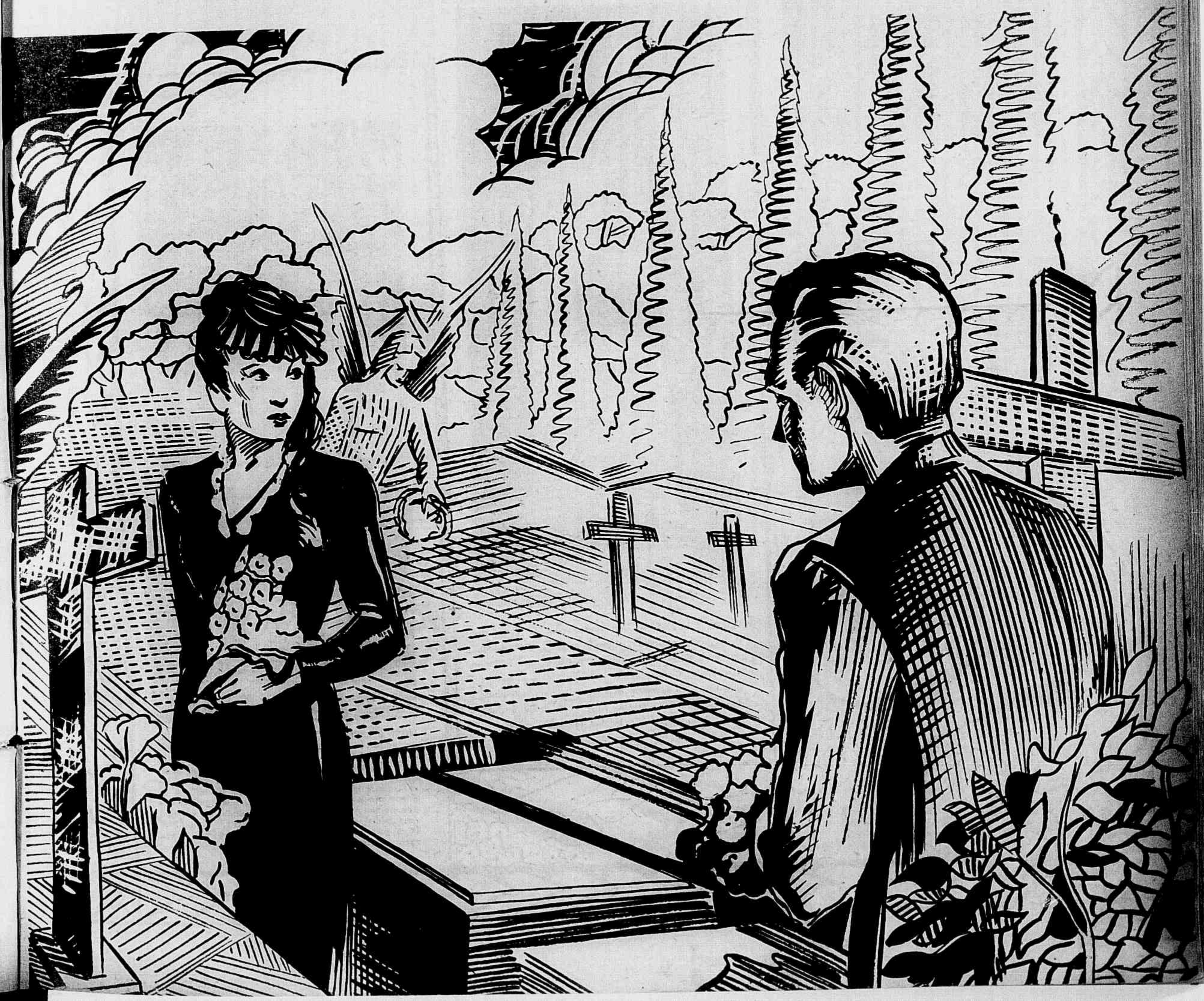
Ansioso, entretanto, êle lhe aguardava em vão um olhar, ainda que de través!

No próximo encontro, já tudo se passou de modo diferente. Favoreceu ela o companheiro com a sua aprovação tácita. Não havia palavras, mas, sentenciosamente, os olhos diziam tudo.

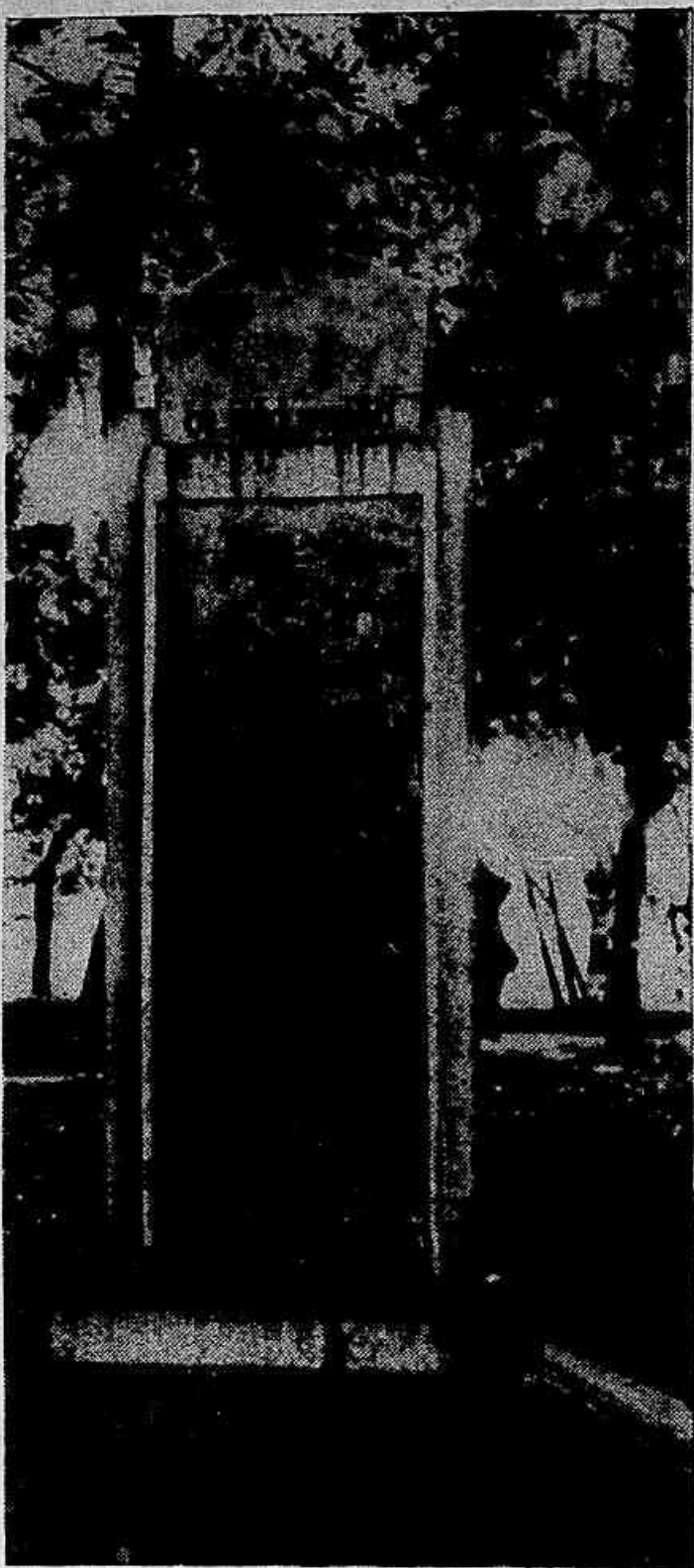
Sorriu êle. Ela, porém, ainda não dera o ar de um sorriso, não obstante os olhos com toda a seriedade aprovarem a felicidade do companheiro de estado civil.

Por último, já não iam todos os domingos ao campo santo, porquanto parecia existir uma pontinha de ciúme de parte a parte, provocado pela lembrança dos falecidos mas

(Continua na pag. 48)



MÁRMORES, FRONDES



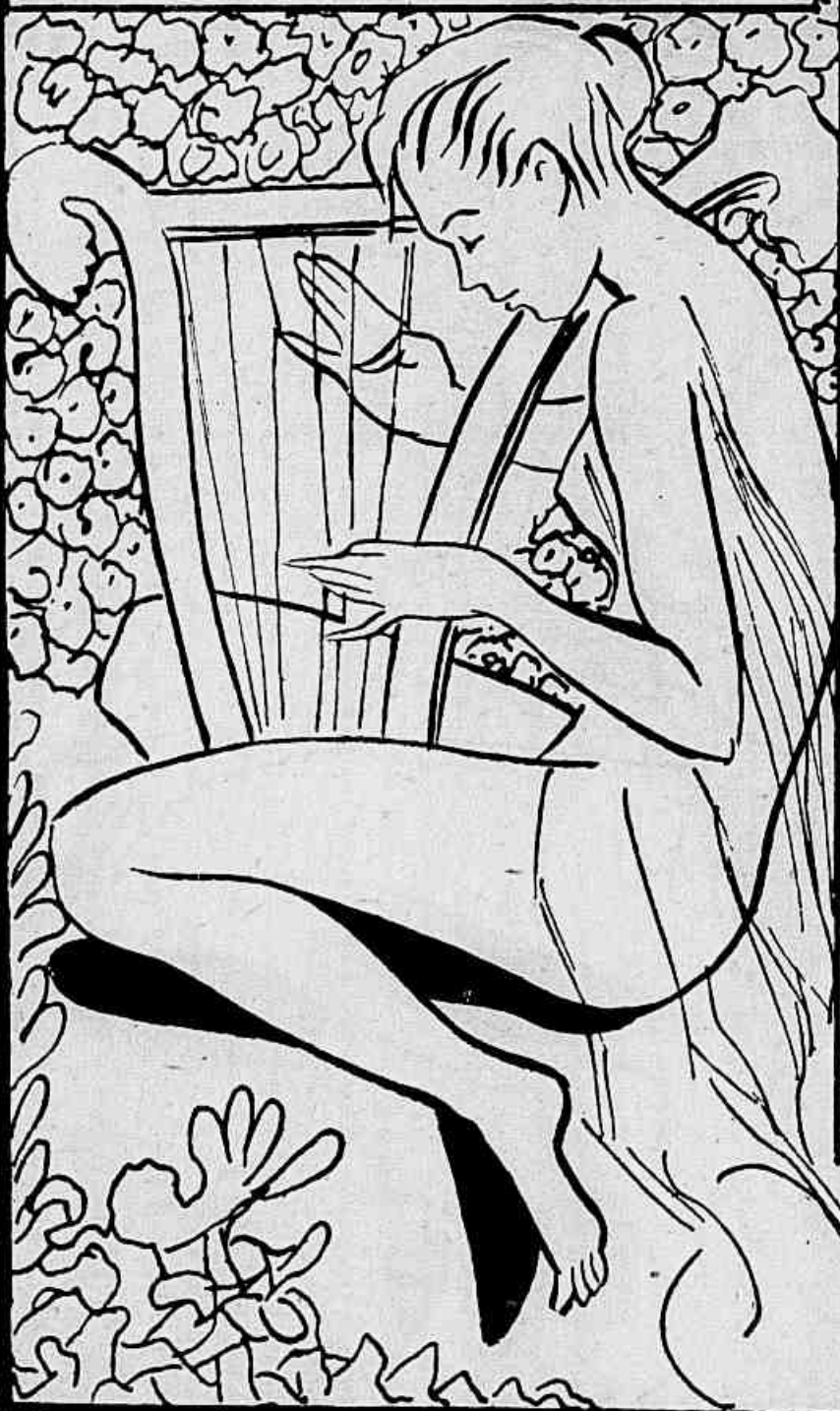
OLAVO BRAZ MARTINS DOS GUIMARÃES BILAC — Supremo artífice do verso, cinzelador da imagem, joalheiro da rima. Recebeu com a musicalidade do nome a predestinação da sonoridade do verso. Nele a procura da forma jamais escondeu e nem sequer o brilho diminuiu de uma exaltada e sincera inspiração. O verso nascia flúte e cantante. E puro e cristalino sempre. Príncipe dos poetas brasileiros, "sua voz foi um cântico diverso cheio da estranha música do Universo."



OLEGARIO MARIANO — O "Enamorado da Vida" é um poeta contente com o mundo e consigo mesmo. Seus versos são leves como um conselho sincero. Gosto de repeti-los na hora em que o dia se esconde lentamente na aza leve das sombras e o sonho nasce em meio à doce música frívola das cigarras.



ANTONIO GONÇALVES DIAS — Nos seus versos mora, na encantada pureza dos seus primeiros instantes, a história do nosso selvícola, em meio ao dealumbramento verde e luxurioso das nossas matas. Cantam nos seus poemas vozes claras como madrugadas inundadas de côr e o ritmo moço e forte de corpos morenos manchados de sol. O mais puro, mais sincero e o mais comovido dos nossos indianistas, Gonçalves Dias guardou para o encantamento de uma raça a surpreendente beleza do seu amanhecer.



VERSOS E

por Moacir Simard

CALMA noite de céu azul e estrelas brilhando. Deramava-se na fachada dos prédios e nas ruas e nas cousas a quieta meia luz do encantamento.

As poucas sombras existentes se encolhiam tímida e receiosamente. Andava no ar a memória de muitos sonhos e a esplêndida música de muitos versos.

Cedendo ao mais humano e mais belo dos tropismos — o enlevo da poesia, a carícia leve da rima — entramos no jardim de muita luzes: o Passeio Público.

Nos olhos desmesuradamente abertos brilhava forte e insistentemente a certeza do milagre realizado. O milagre da presença daqueles que mereceram dos homens por um poema, um soneto, uma estrofe, uma rima, a imortalidade do bronze e do mármore.

E o que é mais: a gratidão do mundo.



HERMES FONTES — Passou pela vida sentindo e sofrendo a dor imensa de estar vivo. A realidade de um destino adverso desde cedo se lhe mostrou próxima demais para ser ignorada. E o poeta sublima e transcende a aspereza da sorte em versos que contam a sua revolta: "Minha vida é um exílio voluntário. Que só eu sei quanto é obrigatório." Poeta! Brotaram rosas no íngreme caminho que subiste!



ANTONIO DE CASTRO ALVES — Poeta das soberbas imagens, seus versos se alteavam como ondas fulvas e sua eloquência criava eternos instantes de êxtase. Estua nos seus poemas a agitada e surpreendente mobilidade do imenso mar, a inefável beleza cariciosa das espumas flutuantes, o entusiasmo grande e forte de uma raça.





Instituto Brasileiro de Cultura

como lhe chamou Joaquim Nabuco — e nos primeiros anos da Republica, assinalando que antes de tudo Silveira Martins fora um realista político, um pensador objetivo, um tribuno eloquente, mas com a intuição de um extraordinário homem de Estado.

Devem-se-lhe a admiração e a gratidão, por ter sido ele um dos construtores da nacionalidade. Digse o sr. M. Paulo Filho que em Silveira Martins a inteligência, o saber, o espírito, a bravura, a combatividade, o civismo e a independência de atitudes eram como as forças vivas do Cosmos. Na galeria dos grandes vultos liberais de seu tempo, está ao lado de Gladstone e Gambetta, não raro, acrescentou S. S., superando-os em firmeza de convicções.

Falou, por ultimo, o sr. Mello Vianna, antigo presidente de Minas e vice-presidente da Republica, dando as boas vindas ao novo membro do Instituto. O sr. Mello Vianna fez um elogio às atividades jornalísticas e literárias do sr. M. Paulo Filho, mostrando, por outro lado, as responsabilidades que o mesmo tinha na direção do "Correio da Manhã."

As fotografias que publicamos são dois flagrantes da sessão do Instituto Brasileiro de Cultura, mostrando a mesa que presidiu a posse do sr. M. Paulo Filho e um aspecto da seleta e numerosa assistência.

Teve grande solenidade no Instituto Brasileiro de Cultura a posse, no dia 20, do sr. M. Paulo Filho, diretor do "Correio da Manhã", na cadeira da qual Silveira Martins é o patrono. O salão nobre do Liceu Literário Português, onde se verificou a reunião, apresentou uma assistência elegante e culta. Aberta a sessão pelo General Souza Docca, presidiu-a o sr. Gustavo Capanema, ministro da Educação, ficando a mesa composta do embaixador de Por-

tugal, sr. Martinho Nobre de Mello, do ministro da Polonia, do ministro Ataulpho de Paiva, do ministro Ruben Rosa, do ministro Benjamin Reis Junior, do ministro Silveira Martins Ramos, do dr. Pires do Rio, ex-ministro da Viação e diretor do "Jornal do Brasil", do Sr. Ademar Tavares e dos representantes dos ministros da Agricultura, do Trabalho e do Comando do Corpo de Bombeiros.

O General Souza Docca fez a apre-

sentação do sr. M. Paulo Filho, referindo-se á sua obra de jornalista, conferencista e escritor. Depois do que o novo membro do Instituto ocupou a tribuna para fazer o elogio do patrono de sua cadeira. O sr. M. Paulo Filho, numa oração, que resumia um verdadeiro ensaio critico-biografico da vida de Silveira Martins, estudou o papel desse parlamentar-estadista nos dois derradeiros decênios do Segundo Reinado — o "Sansão do Império" —

O herói da colina da morte

Poucos campos de batalha, no norte da Tunísia, onde tantos sucessos logrou o 1.º exército britânico, foram palco de combates tão encarniçados e heroísmo tão magnífico como as duas colinas de Djebel Alliliga e Djebel Mansour. É uma região muito acidentada, onde os movimentos, por vezes sobre rochedos de paredes quasi verticais, extenuam os mais áduos combatentes e os atos de coragem e resolução devem ser acrescidos de feitos de uma resistência quase sobre-humana. Um exemplo desses esforços inauditos diante de condições tão terríveis foi fornecido pelo cabo John Byrne, dos Granadeiros da Guarda, que foi condecorado com a D. C. M.

Durante vinte e quatro horas John Byrne trabalhou sem cessar ajudando os feridos e moribundos da sua companhia. Sob o fogo, pensava calmamente os ferimentos dos soldados, animando-os e inspirando-os com a sua intrepidez e imperturbabilidade. Esse desprendimento era sómente igualado por uma fibra de alma surpreendente, que não podia ser encontrada senão num homem de condições físicas perfeitas.



Foram necessárias várias viagens, durante o dia de batalha, para conduzir os soldados mais gravemente feridos até o primeiro posto de socorros, a duas milhas de distancia. E esses transportes foram levados a cabo por ele com a mesma determinação calma, embora cada passo dado fosse um desafio á morte. A região que atravessava com os seus portadores de padiola oferecia uma proteção insignificante e muito embora estivesse entregue a um trabalho de socorro não faltaram atiradores inimigos que disparassem contra ele. Quando transportava um sargen-

to ferido para o posto de socorros, Byrne deu com seis homens gravemente feridos e que se encontravam em condições extremamente graves. Mas por mais fatigados que estivessem, ele e os carregadores, abaixaram a padiola e os feridos foram tratados antes de Byrne seguir para o posto. O combate prosseguia, terrível, por parte de ambos os lados, enquanto trabalhava. O barulho e o calor eram medonhos mas os nervos de aço de John Byrne a tudo resistiram.

Demorando-se no posto apenas o tempo suficiente para se certificar de

que o sargento se achava em boas mãos, Byrne regressou imediatamente á sua companhia. Ali, o combate ainda continuava furiosamente e, entre os numerosos feridos, encontrou moribundo o primeiro sargento. Rápida e eficientemente Byrne poz-se a trabalhar e, com mãos hábeis, logo improvisou uma padiola com alguns fusis, partindo em seguida á procura de um auxílio para o moribundo. Ao todo, mais de trinta feridos foram evacuados com êxito graças á coragem e tenacidade de John Byrne e muitas vidas foram salvas com a sua determinação.

Crianças



UM DIA FESTIVO NO LAR DO DR. PEIXOTO DE CASTRO — No dia 27 de julho último, foram levadas à pia batismal na igreja da Candelaria as pequenas gêmeas Gilda Maria e Eloisa Maria, filhas do casal Heitor Palhares - Maria Candida Peixoto de Castro Palhares e netas do Dr. A. J. Peixoto de Castro Junior e D. Zelia Gonzaga Peixoto de Castro. O dia 27 assinalou ainda o aniversário de casamento dos dois casais. Pela passagem desta data festiva, teve lugar uma elegante recepção no palacete do Dr. Peixoto de Castro, à rua Santa Amélia, 70. As fotos que aqui estampamos fixam tres aspectos do batizado das duas interessantes meninas, vendo-se um flagrante em que aparecem o Dr. Peixoto de Castro e sua esposa tendo nos braços as netinhas do casal.



Nair Soares, filha do sr. Antonio Soares e de sua esposa D. Amelia Soares, residentes nesta Capital.



Marlene, filha do casal Ernesto Avila-D. Maria de Lourdes Avila.



Edson, filho do sr. Edson Alcio Ribeiro de Brito e D. Jurandyr Brito.



Carmen, filha do sr. José Jurado e de D. Olga Nascimento Jurado.



Daneval, aos 5 meses de idade. E' ele filho do casal Ulysses Santos-D. Adelaide Santos.



Antonio Carlos, com 1 ano de idade, filho do sr. Baltazar de Mattos Neto e de sua esposa D. Iracema da Cunha Mattos, residentes em São Paulo.



Geraldo, filho do sr. Franco Xavier de Lima e D. Francisquilha Nogueira de Lima, residentes em Goiânia.

O ADRIÁTICO VEM À BAILA

de Ferdinand Tuohy

Não nos interessa onde atacarão os aliados, entre Rodas e a Sardenha: mesmo si não atacarem de modo nenhum, mas si escolherem alguma outra parte do perímetro eixista — o mar Adriático está em segundo plano nesta guerra. Poderíamos quais dizer que esta Amarrissima, o mar que D'Annunzio mais amou — entra nesta guerra pela primeira vez.

Teria sido em parte assim sem a conquista da Tunisia, pois pouco antes dessa conquista tinha havido pesados bombardeios americanos e da RAF sobre Bari, base aérea naval, a 70 milhas do "calcanhar" da Itália, em face da Albânia. Com aviões de bombardeios aliados, prontos a entrar em ação, partindo da Tunisia, o Adriático inteiro cedo cairá sob as vistas de Tedder.

Os ataques diurnos a Bars foram executados pelo Comando do Oriente Médio e devem ter partido de Derna, Trípoli e mesmo Malta. As duas primeiras implicariam uma viagem de 1200 milhas: a terceira de pelo menos 800 milhas. Com a transformação da Tunisia, será apenas de 700 milhas de Tunis e Bizerta às águas setentrionais do Adriático — ou 1400 milhas ida e volta para Turim — e o que é isso para Fortalezas Voadoras e Wellingtons, para Liberators e mesmo para os pequenos e valentes Mosquitos.

Por uma variedade de razões, a imunidade com que os alemães e italianos usaram o Adriático durante dois anos — há quem diga quatro — está em vias de acabar. Com efeito este mar representou uma valiosa defesa para o Eixo, senão para a Itália, desde o assalto de Mussolini à Albânia, em 1939. Este ato aumentou enormemente a segurança dos fascistas em Valona e na sua "Gibraltar", Sasseto, 55 milhas de Brindisi. Sasseto-Brindisi não é a parte mais estreita do canal de Otranto, mas representa a melhor linha para o fechamento do Adriático, o que foi bem demonstrado quando as traidoras atitudes pre-beligerantes da Itália em 1939-40 dificultaram os esforços da Esquadra do Mediterraneo visando penetrar o estreito e interromper o tráfico entre os portos da Alemanha e da Iugoslávia. Nossas forças navais conseguiram por uma vez o seu objetivo: em abril de 1940. Mas passou-se outro ano sem que o Adriático fosse penetrado com sucesso.

Nessa ocasião uma força naval anglo-grega rumou para o norte afim de atacar os navios de abastecimento e os transportes que se destinavam às forças italianas ignominiosamente bloqueadas na Albânia pelos gregos. Cruzadores leves, destroyers, submarinos e caça-minas procuraram ravegar na linha de Dubrovnik. Era, no entanto, um negócio arriscado, tendo em vista nossa força naval na época. E, na mesma primavera de 1941, trouxe um fim à "intromissão" no Adriático, depois que a invasão da Iugoslávia e da Grécia por Hitler facilitaram à Itália dominar todo o litoral ocidental — dalmata — quase para "o desembarque". Por isso, por mais de dois anos, o

Adriático foi na verdade um "lago do Eixo", sobre o qual nunca deixaram de cruzar navios que transportavam o mais importante material de guerra.

Pois bem, esses dias terminaram. Bari assinalou o início. Dizemo-lo na maior confiança, embora odiando as predições de qualquer espécie, porque acontece que a temperatura neste canto do Mediterraneo será, até Outubro, bastante firme para permi-

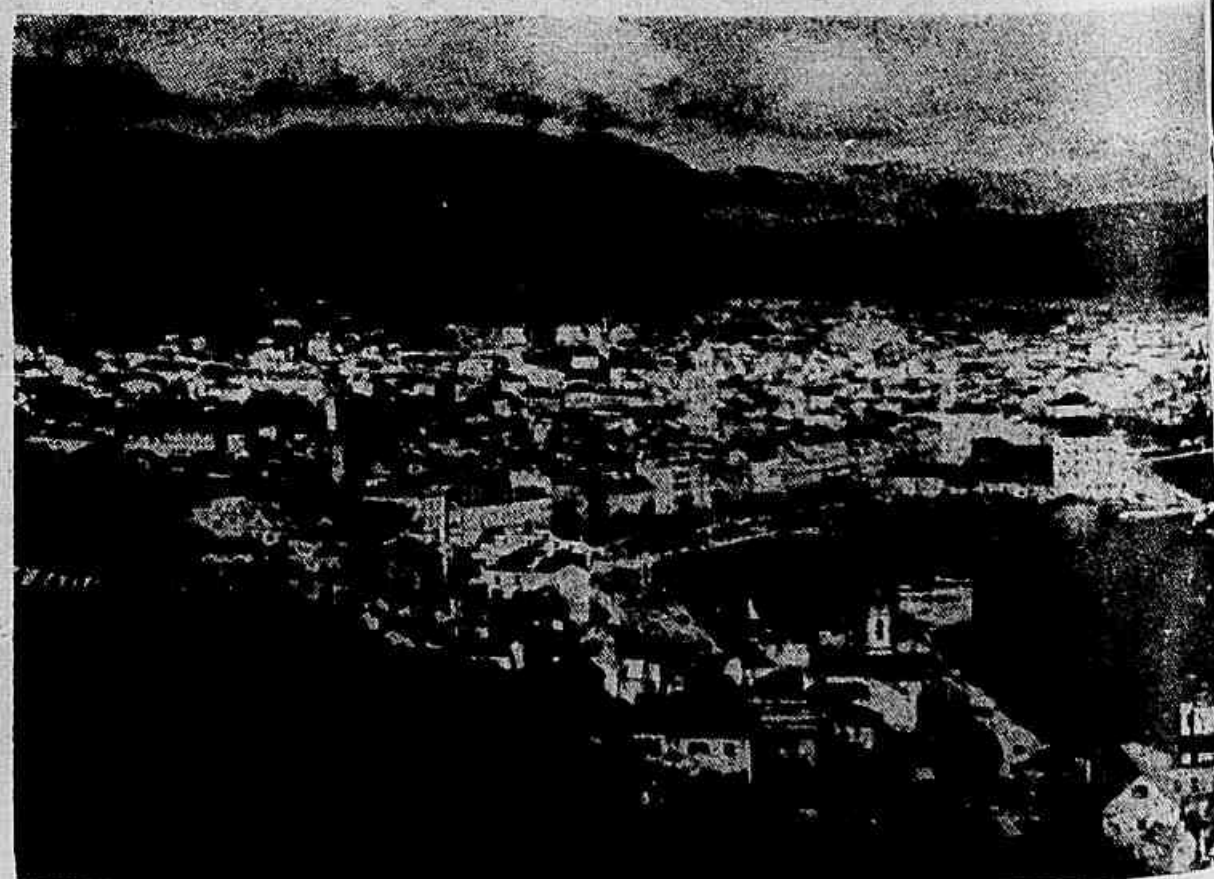


AMANHECER EM VENEZA — A amada de Lord Byron, "pérola do Adriático", cidade que a imaginação romântica povoou de lendas e poemas, aguarda a aproximação de dias trágicos, em que o estampido das bombas e o troar dos canhões talvez perturbe a divina placidez de seus canais.

tir o continuo e seguro bombardeio que, conforme as provas, os aliados têm efetuado com tanto resultado.

A Itália usa os portos deste mar fechado para o abastecimento, manutenção e transito de suas forças nos Balkans. No ultimo inverno suas forças numeravam ao que se dizia, 23 divisões, num total de 400.000 homens. Desde então acredita-se que muitas tropas foram chamadas à defesa da terra natal, para ocupar o lugar dos alemães e húngaros. Entretanto a Itália ainda tem uma grande força presa nos Balkans, e tudo que pode ser feito para destruí-la servirá a apressar o colapso moral e material de um povo que o dedo do destino cobre em toda a sua extensão.

O movimento marítimo crescente através do Adriático, devido ao regresso de tropas italianas, torna ainda mais tentador como alvos os poucos portos da costa italiana: Otranto, Bari, Brindisi, Pescara, Ancona, Rimini e Veneza. Nem o amante da arte precisa assustar-se com a perspectiva de um bombardeio, pois as instalações do porto e de Veneza ficam a boa distancia da Piazza San Marco.



SOB A LUZ MACIA DO SOL MEDITERRANEO, SPLIT (outrora Spalato) estende seu casario branco, num harmonioso contraste com as águas azues do Adriático. E' famosa pelas ruínas do palácio de Diocleciano, sobre as quais se construíram muitas casas.



A ITALIA E O ADRIÁTICO — A longa e vulnerável linha costeira de oriente a ocidente, as ilhas da Sardenha e Córsega — estão agora ameaçadas pela RAF. A costa italiana não tem menos de 26.000 milhas de extensão. A Sardenha tem 860 milhas, Córsega 300 milhas.



AS BELEZAS DO ADRIÁTICO. No fundo da enseada de águas mansas dorme Cattaro, porto da Iugoslávia, hoje em poder dos alemães.

Dos outros portos, Bari e Ancona foram provavelmente os mais usados. As forças aéreas italianas e alemãs com base em Bari guardam não só a entrada do Adriático, mas também o Golfo de Tarento e cerca de metade da esquadra italiana julga-se ter se retirado para Tarento. Daí a necessidade do bombardeio de Bari não precisar de mais explicações.

Ancona, como Bari, têm sido usadas para outros fins além do tráfico militar. Grandes embarques de matérias primas são feitos para ambos os portos da costa iugoslava. Cobre, cimento, manganês e bauxita estão entre as matérias vitais embarcadas através da Itália, afim de aliviar o tráfego nas estradas de ferro iugoslavas e danubianas. Estas já se acham congestionadas ou danificadas. Um dos objetivos aliados é reduzir e danificar os transportes do Eixo onde possível e aqui no Adriático está uma oportunidade fácil.

Não se trata de reduzir o uso total que a Itália faz deste mar. A Península Istria no alto do Adriático, é o principal centro de abastecimento do Eixo para a Grécia, Itália meridional e Creta, e também para outras ilhas do mar Egeu, que não podem ser suficientemente abastecidas através de Salonica. As docas de Trieste e Fiume estão atestadas de toda espécie de mercadorias que se destinam ao Mediterrâneo. Três ferrovias — tronco chegam a Trieste e Fiume da "Fortaleza de Hitler", onde escravos ou quasi-escravos preparam munições e viveres em abundância. Sobretudo o petróleo da Rumania e alimentos da Hungria viajam para Trieste, onde os navios costeiros os levam para o sul numa linha contínua. Algumas mercadorias são desembarcadas em portos dalmatas, mas grande parte delas vai além do estreito de Otranto.

Além de tudo isso, o Reich fez de Istria a principal barreira defensiva do sudoeste da Europa. Uma dúzia de aeródromos maiores ou menores existem agora entre Trieste e Fiume. As construções aéreas e navais italianas na afamada fábrica de Monfalcone, perto de Trieste, são hoje controladas por supervisores e engenheiros alemães. Para completar isso tudo, Pola já aparece como uma importante base de submarinos para o Mediterrâneo, como aconteceu na guerra passada.

Não que seja interessante alcançar todas as vezes o fundo do Adriático para encontrar bons alvos. Além de portos e navios, objetivos industriais podem ser encontrados muito mais para o sul, tanto do lado italiano como do dalmático. O bombardeio no Adriático tem o valor duplicado de obrigar o inimigo a dispersar ainda mais sua artilharia e seus caças, e sabemos que cada ampliação desta espécie é mais um golpe nas defesas do Eixo já esticadas ao limite máximo por toda a Europa.

Recordemos ainda a mensagem que Washington enviou oficialmente aos albaneses, faz pouco tempo, dizendo-lhes que resistissem; A ação aliada possivelmente recairá, cedo ou tarde sobre o Adriático e que melhor preparação para ela do que o ritual de "aplainamento" por bombardeios que dá coragem aos nossos expectantes amigos, obrangido-os á alerta constante e ao mesmo tempo espalha o terror e a confusão entre os inimigos? O bombardeio de Bari rapidamente levou á declaração de um estado de sítio local;

Finalmente: ha o aspecto político da chegada ao fundo da "Amarissima" como D'Annunzio batizou o Adriático nos dias em que a Itália ainda não empolgara todo ele; Nascido em suas margens, em Pescara, D'Annunzio alcançou o auge de sua vida em Fiume, naquele episódio após o qual Mussolini afastou o poeta e tomou o seu lugar. Que servios, austriacos, eslovenos, croatas, albaneses e gregos tenham um direito ao Adriático não passou pela cabeça do "Sapo Boi", que acabou por italianizar todos os nomes de norte a sul.

Na extremidade meridional do Adriático, a guerra de 1914-18 quase reabriu-se pelo bombardeio de Corfú, em 1923. Os historiadores insistem em que este gesto de puro banditismo projetou uma guerra na outra.

Como os aliados avançam constantemente para o norte eventualmente para Trieste, tão propícia ao bombardeio, os totalitários perderão correspondentemente em prestígio. Seria o mesmo que persegui-los como na Etiópia ou na Tripolitania. Pois, uma vez que os aliados voltem ao Adriático, a Itália for invadida ou lá o que se chamar; de qualquer maneira, ela sentirá a guerra comprimir-lhe ambos os flancos. E é poética-



ZUZAK, PORTO IUGOSLAVO QUE DEFRONTA FIUME — O incompreensível (ha quem diga lunático) D'Annunzio atacou o porto de Fiume logo depois da cessação das hostilidades na ultima guerra; e pouco depois foi ele anexado pela Itália. O obstinado iugoslavo continuaram, no entanto, a reter Zuzak — quasi um suburbio da base naval italiana

mente justo que os americanos tomem parte, porque foram eles, pelo seu veto no tratado secreto de 1915, assinado em Londres, que impediram Mussolini, por muitos anos de abocanhar o "Amarissima" — não a sua amargura.

A IUGOSLAVIA, CADINHO DE RAÇAS. O moderno Estado da Iugoslávia, atualmente na mão dos alemães que tentam em vão dominar a heroica e eficiente resistencia dos guerrilheiros sérvios, é composto de um grande número de unidades geográficas distintas. No fim da ultima guerra os dois reinos da Sérvia e Montenegro fundiram-se e porções do velho império austro-hungaro foram também incorporadas ao novo reino. Através dos países, os vários elementos nacionais ainda permanecem fortes — na Sérvia e na Croácia especialmente. No mapa acima as divisões etnográficas da Iugoslávia são claramente indicadas. Os principais elementos são sérvios, montenegrinos Bósnios, croatas, eslavonios e eslovenos. Ha, ainda, uma forte mistura de sangue mussulmano em certas partes do país.





O Delegado Apostólico, Monsenhor Godfrey lendo o "L'osservatore Romano", jornal oficial do Vaticano.

A IGREJA E OS PRISIONEIRO-NEIROS DE GUERRA

(Do B. N. S. para a Revista da Semana.)

O padre Francis Mildner, O. S. M., um dos que trabalham no serviço de informações, mantido pela Delegação Apostólica.



No Convento do Menino Jesus, a Irmã Mary Joan presta informações a uma visitante sobre um seu parente, que se encontra prisioneiro na Itália.



Os padres David Cashman, secretário Apostólico, e Francis Mildner examinam uma lista das informações relativas a prisioneiros de guerra.

Uma nova lista de prisioneiros de guerra é recebida pelo Delegado Apostólico e os padres Cashman e Mildner, seus auxiliares, examinam as listas das informações enviadas do Vaticano, pelo rádio.





Andres David Cashman, secretário do Delegado Apostólico, Francis Milner examinam um fichário de prisioneiros de guerra.

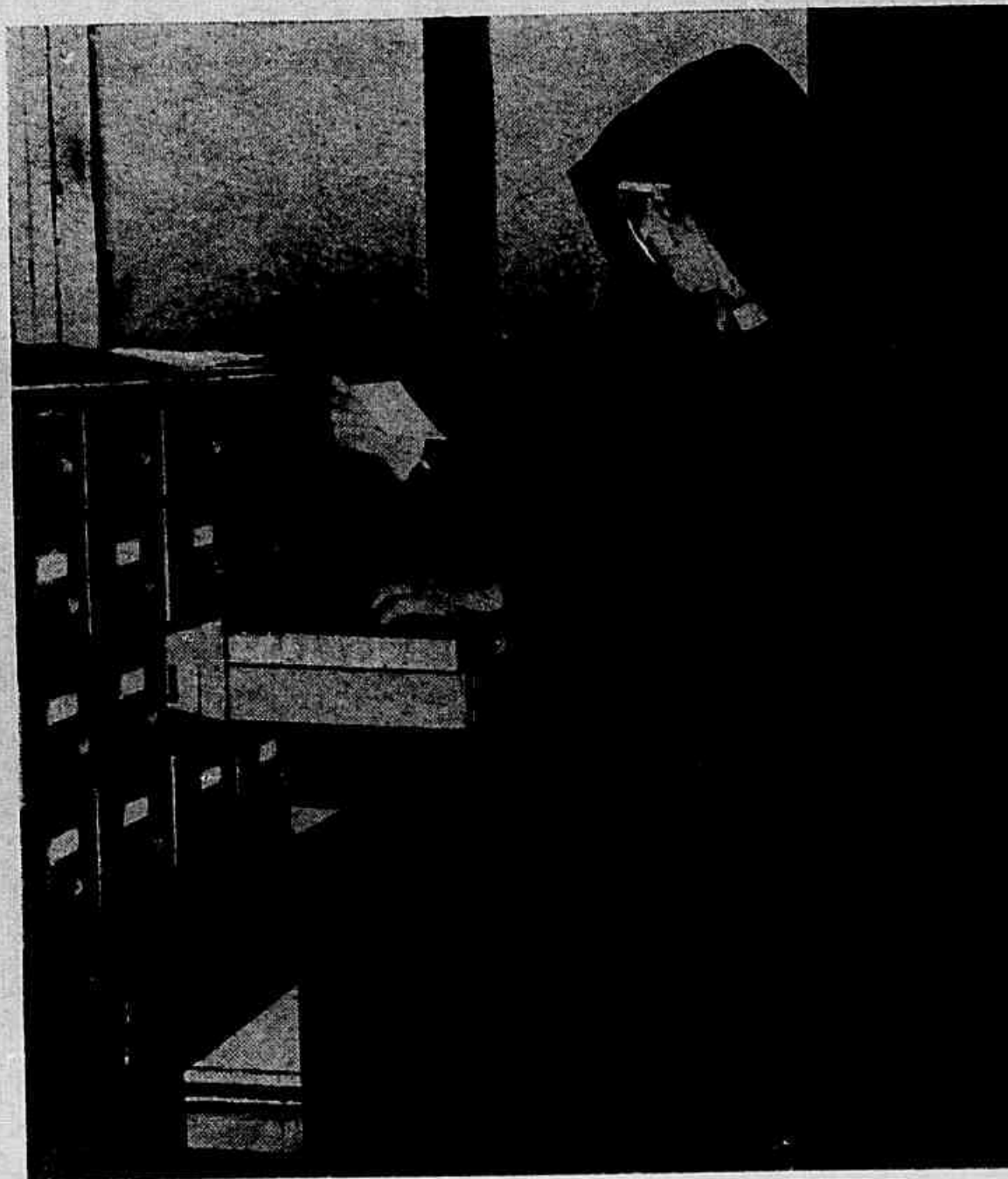


O padre Cashman, secretário do Delegado Apostólico, se entende, no Convento do Menino Jesus, onde é feito grande parte do serviço do Departamento de Informações dos Prisioneiros de Guerra, com as Irmãs Gundred e Mary Joan.

de prisioneiros de guerra é recebida. O Delegado Apostólico, Francis Milner, seus auxiliares, copiam as mensagens enviadas do Vaticano, pelo rádio.



No Convento do Menino Jesus, a Irmã Mary David, procura no arquivo, a ficha relativa a um prisioneiro.



A Irmã Tereza trata da distribuição de mensagens recebidas do Vaticano, depois de uma viagem de dois meses.



De São Paulo

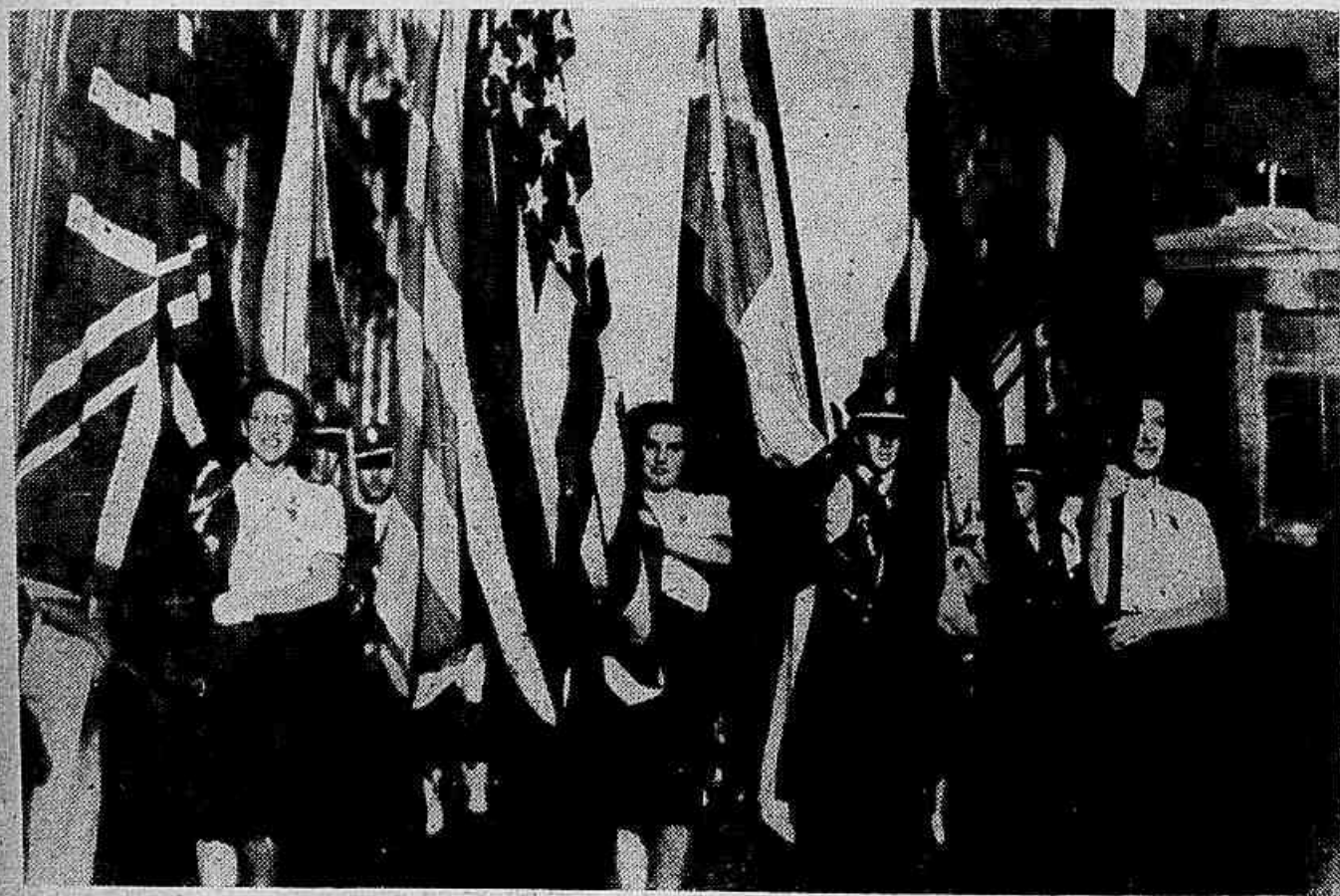


Pilotos para o BRASIL

Os estudantes da Faculdade de Direito da Universidade de S. Paulo iniciaram a sua campanha "Pilotos para o Brasil", para a formação da Legião de Aviadores Acadêmicos. Os universitários da tradicional Arcada, que possuem três aviões de treinamento, comprometem assim mais um dever cívico e aumentam as fileiras dos pilotos bandeirantes, para a vitória do Brasil.



Campanha da borracha



BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SÃO PAULO - 1471 Av. Brig. Luis Antonio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS
Peça enviar-me prospectos!
NOME _____
ENDEREÇO _____

A campanha da borracha usada, como todas as campanhas patrióticas, teve grande repercussão no seio da sociedade bandeirante e se desenvolve com êxito absoluto.

São Paulo já [havia contribuído com oitenta toneladas de borracha usada quando chegaram fotografias que publicamos, dos colegas coletores, em desfile. Espera-se porém, uma cifra muito mais vultuosa no balanço final da última coleta.

Quando fôr a São Paulo
... não deixe V.S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos
Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil
★
• Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4a. sobreloja)
CASA ANGLO BRASILEIRA
Succaterra de **MAPPIN STORES**
D. RAMOS DE ALVEEDO - S. PAULO

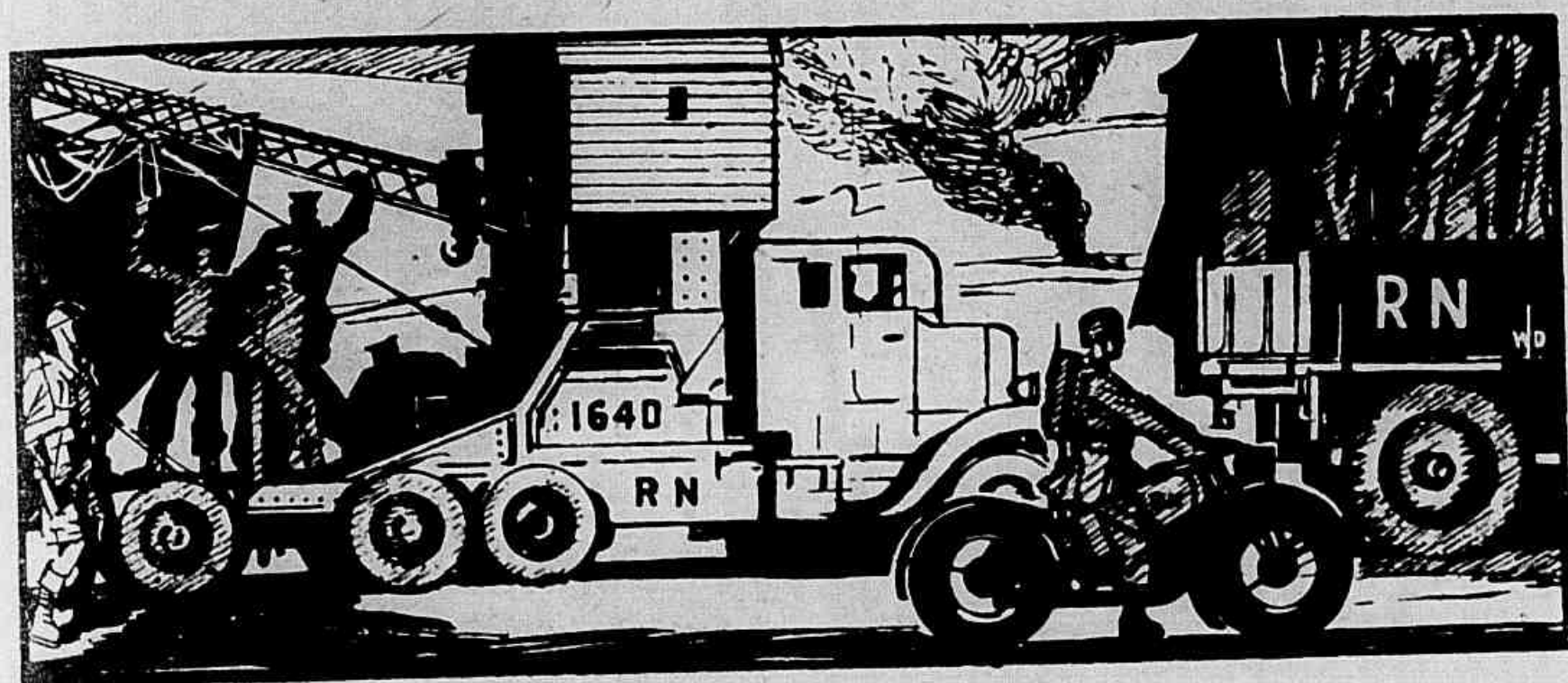
INSTITUTO ROENTGEN
Radioterapia superficial e profunda
DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.
Rua Barão de Itapetininga, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 - Tel. 4-0394
— SÃO PAULO —

RUGÔL
O CREME EMBELEZADOR DA PÉLE



A MARINHA REAL APLAINOU O CAMINHO

Copyright B. N. S. especial para
a REVISTA DA SEMANA



Londres. — Sem o auxílio valioso da marinha britânica o general Montgomery jamais poderia lançar um ataque coroado de êxito contra as forças de Rommel, em Mareth. E' que os alemães, antes da evacuação de Tripoli, tinham afundado sete navios na propria entrada do porto, e dezenas de outros no interior. Foi, de fato, mais completo bloqueio que jamais se fez em qualquer porto. Embora fosse mais ou menos esperada, a situação se tornou muito mais grave do que se acreditava possível. Mas com uma eficiência ainda maior do que a usual, a marinha de guerra logo entrou em ação abrindo imediatamente o caminho para os urgentemente necessitados suprimentos de guerra.

Acompanhando por terra as tropas de Montgomery, viera a primeira unidade naval de salvamento, arrastando botes motores, bombas e equipamento de salvamento ao longo de 1.500 milhas através da zona de batalha até Tripoli. Nas últimas fases do avanço aliado, quando as tropas avançadas se aproximavam do porto, os marinheiros marcharam na primeira linha, afim de iniciar a sua tarefa urgente sem um momento de demora. Fora, esperava um comboio com carregamento bélico, um carregamento do qual dependia qualquer ação futura do magnífico 8.º exercito.

Dois barcos de pesca, dois navios mercantes — um deles de 6.000 toneladas — um enorme guindaste, um britador e um navio construido de cimento, alguns afundados sobre outros, eram os primeiros obstáculos que impediam a entrada do porto. Assim enquanto as tropas aliadas percorriam as ruas da cidade conquistada, a marinha de guerra se entregava ao

trabalho de limpar o porto de minas, preparando-se para dinamitar as embarcações à máquinas afundadas. A Quasi cem homens, trabalhando meio submersos por um mar tempestuoso e continuamente ameaçados pelas cargas de profundidade e pelos destroços que voavam, conseguiram anular os esforços do Eixo para bloquear o porto.

Uma vez verificado que seria necessario esperar varios dias até que qualquer espécie de navio pudesse entrar, a marinha de guerra construiu desembarcadouros provisórios nas praias próximas. Com uma frota de barcos de alivio trazidos de Alexandria foram desembarcadas milhares de toneladas de viveres, petróleo e munições, enquanto progrediam os preparativos iniciais para a limpeza. Mas essas medidas de natureza exclusivamente temporárias não duraram muito. Com efeito, os mergulhadores, mecanicos e peritos em explosivos da marinha agiram tão rápida e eficientemente, que em três dias foi aberta

uma passagem para que os barcos de alivio pudessem entrar no interior do porto. Cada navio afundado precisava ser reduzido a pedaços. Empregar uma grande carga de dinamite ou de outro explosivo faria com que os cascos, partidos, ficassem



no fundo do mar, o que tornaria as cousas ainda piores. De maneira que um grupo de mergulhadores trabalhou durante oito horas colocando pequenas cargas nos navios afundados e retirando os destroços, à medida em que eles se desagregavam.

Nesse meio tempo vinte mil estivadores trabalhavam vinte e quatro horas por dia e a RAF exercia uma vigilância diurna e noturna incessante.

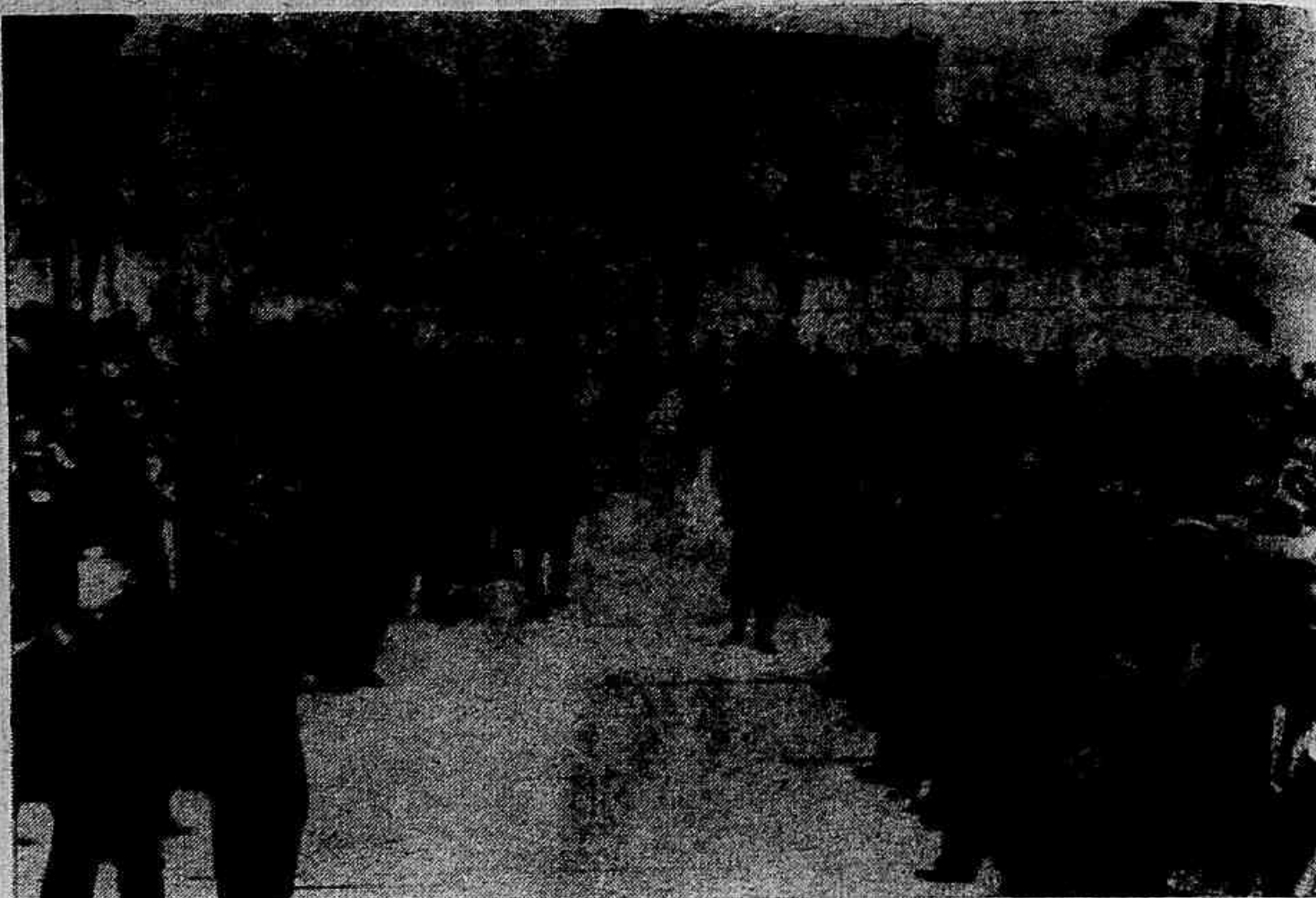
Finalmente, depois de treze dias de um labor dos mais árduos, a gigantesca tarefa da esquadra estavam mais ou menos terminada e o porto podia ser franqueado a cargueiros. O primeiro navio mercante que entrou foi recebido por aclamações estrondosas e puxado pelo primeiro ministro, sr. Churchill, que se encontrava na ocasião em visita ao porto libio. Vários chefes militares, pródigos em elogios ao pessoal naval que tomou parte na limpeza, descreveram a operação como sendo uma das mais importantes da guerra e atribuíram à magnífica cooperação da marinha real uma grande parte nas brilhantes vitórias alcançadas no deserto pelos aliados.



O mundo em Guerra



VARRENDO NINHOS DE ATIRADORES na Sicília. Esta fotografia mostra soldados da infantaria americana vencendo a resistência de alguns atiradores ocultos nos arredores de Canicatti.



DANDO AS BOAS VINDAS aos americanos. Após a queda de Canicatti, uma multidão ovaciona as tropas americanas que entram na cidade.



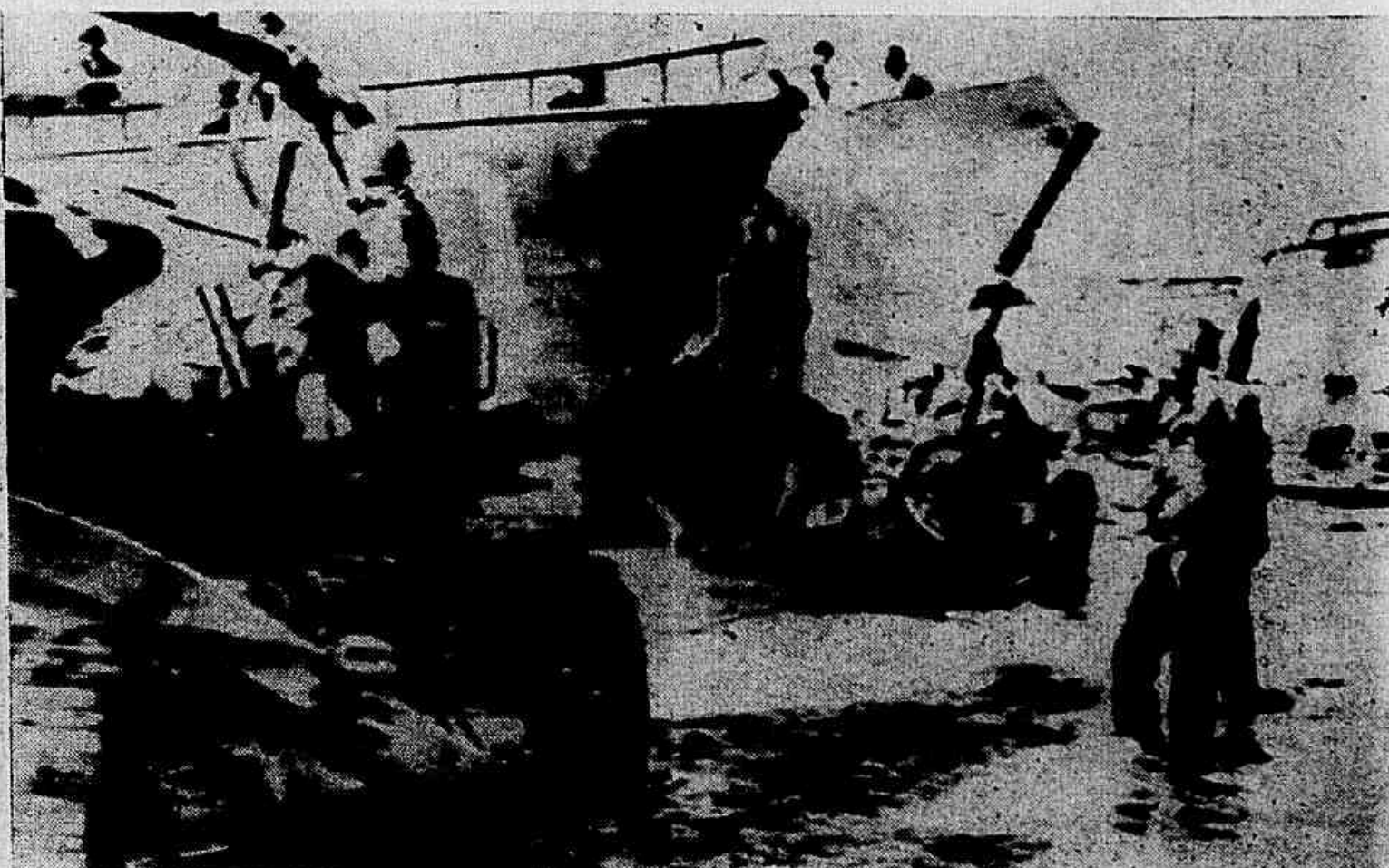
PARADA DAS NAÇÕES UNIDAS em Chungking, vendo-se cartazes com as cabeças de Chiang-kai-shek, Roosevelt, Churchill e Stalin.



O BOMBARDEIO DE ROMA. Aspecto, tomado de um avião de reconhecimento, em que se vêem os estragos causados pelas bombas numa estrada de ferro da Littoria no "raid" de 19 e julho. Constituía um bojetivo importante, pois era usado para transporte de tropas do Eixo.



UMA FOTOGRAFIA HISTÓRICA. O General George S. Patton Jr., abandonando o navio que o transportou através do Mediterrâneo para conduzir em pessoa a invasão da Sicília.



DESEMBARQUE DE MATERIAL DE GUERRA NA SICÍLIA. Vemos aqui um trator puxando um canhão "howitzer" 105 na primeira fase da invasão.

O CREPÚSCULO DOS DITADORES

A história da Europa é uma perpétua oscilação entre o autoritarismo e a liberdade, uma tentativa constante de alcançar o meio termo entre dois extremos.

Este quarto de século que sucedeu à 1.ª Grande Guerra Mundial viveu a aventura do autoritarismo, do primado da força — dos ditadores. Por toda parte do mundo surgiram algumas individualidades que, aproveitando a desilusão deixada pelo liberalismo na alma das massas, tentaram com maior ou menor sorte, impôr um regime de força a seus respectivos países. Da Itália à Turquia, a Europa coalhou-se de ditaduras, mascaradas sob os mais diversos nomes e atribuindo-se os mais desconhecidos motivos doutrinares.

Por todas as ridículas praças públicas do velho continente, á sombra das catedrais veneráveis, ante os claros monumentos da Roma antiga, ergueu-se a palavra cressa e os gestos apunhalantes dos novos "super-homens". Visitavam-nos "espíritos" os mais diversos: ora a alma da Raça, ora o espectro do Império dos Césares. E conseguiram comunicar às multidões em delírio a neurose da "mística". Favoreceu-os a exacerbação nacionalista em que viviam os povos europeus no fim da guerra, quando os ressentimentos eram ainda chagas a sangrar na epiderme dos povos e a crise económica, moral e política ameaçava os próprios alicerces da cultura continental. Vulgarizou-se, então, o evangelho de Nietzsche, cujos mandamentos se adaptavam à vaga religiosidade das massas.

E' por isso que a queda de Mussolini tem a significação de um grande acontecimento histórico. Encerra toda uma era. Mussolini caiu quando a indignação nacional foi mais forte que a ditadura dos partidos, e o povo desiludiu-se das suas promessas.

A invasão da Sicília não foi apenas uma hábil manobra estratégica. No espírito dos dirigentes das Nações Unidas representava também um golpe de grandes consequências políticas. Patenteou ao povo italiano a fraqueza da máquina de guerra que Mussolini construiu. Previam os chefes dos exércitos aliados que a invasão da Itália apresaria a derrocada de seu governo. O serviço de informações secretas dos aliados deve ter funcionado com perfeição. As propostas de paz de Eisenhower completam e apressam a realização do plano.

Nesta página apresentamos alguns dos aspectos da marcha de Mussolini para o poder. Seu sonho imperialista, haurido em Maquiavel e na história romana acaba de ruir por terra. O antigo mestre-escola comunista, o diretor do *Popolo d'Italia*, que foi ministro, que marchou sobre Roma e tentou ressuscitar em seu proveito a glória de Garibaldi e de Mazzini, acaba de ver chegado o fim de sua prodigiosa aventura. Até agora não sabemos como terminou sua carreira política. As notícias são desconcertadas. Falam umas em exílio, outras em assassinato, e há até quem fale em loucura e suicídio. Não acreditamos nesta última hipótese. O egocentrismo que animou todos os atos de sua vida não terá permitido que acesse a cabeça com uma bala. O fim de Mussolini não foi trágico, mas tragi-cômico: Seria mais interessante ainda — si fosse verossímil — que Mussolini, conforme noticiam alguns telegramas de última hora, tenha ido implorar asilo a seu comparsa, a Hitler. E que saborosas conversas não travarão em Berchtesgarden o ditador caído e o *Führer* em vias de cair... Infelizmente, a imaginação dos reporters é incomensurável e não sabemos si devemos dar crédito à notícia. O que se deduz porém de tudo isso é que o sol dos ditadores está se pondo no horizonte da história. E isto é o prenúncio de novas alvoradas que surgem para a humanidade, luminosas de paz, róseas de esperança...



Falam os canhões do Brasil

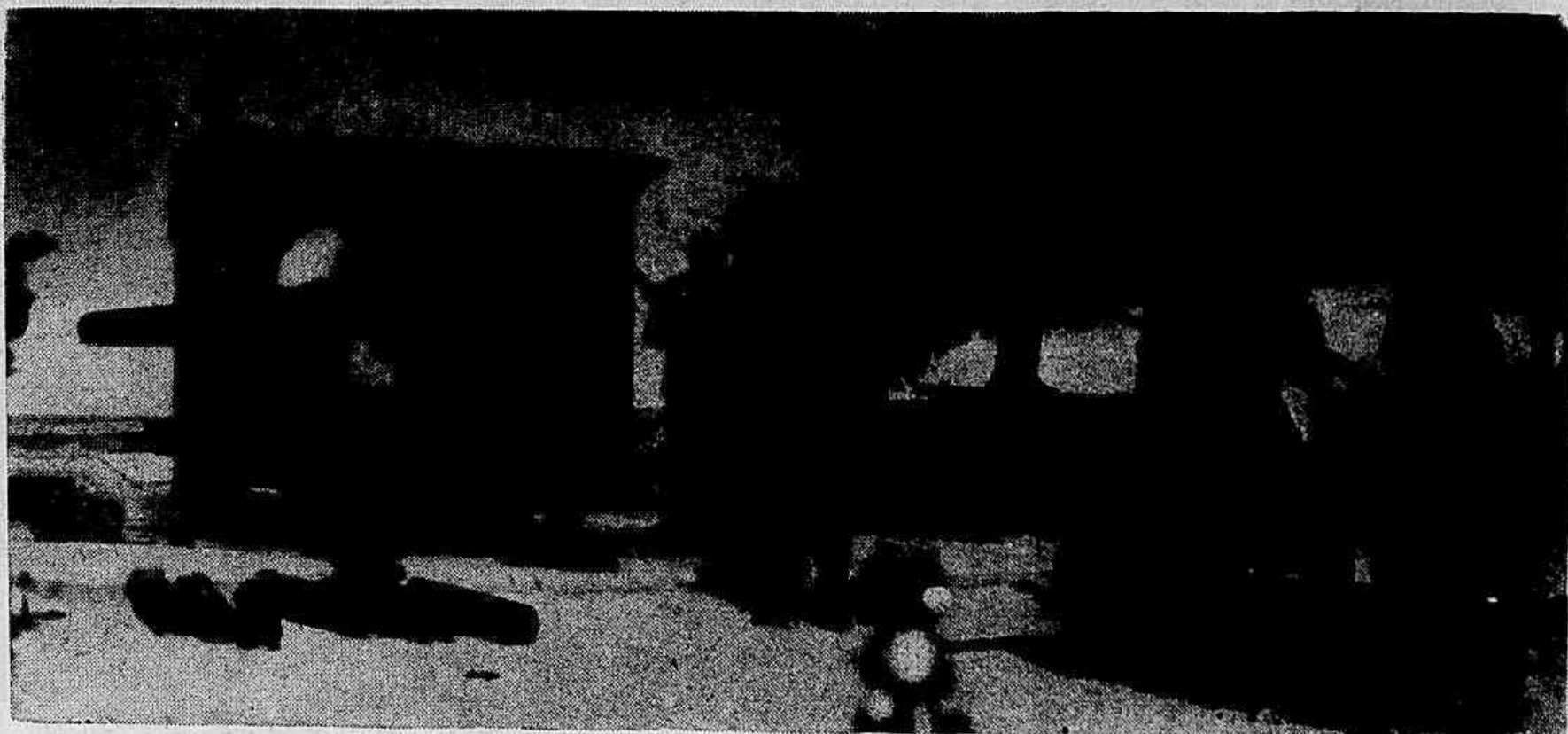
DO outro lado do Atlântico os homens lutam e se exterminam. O Danúbio já não canta mais e, com terror, apenas soluça baixinho um lamento estranho; os Alpes agora estão brancos porque encaneceram com os horrores presenciados, a sinuosidade do Sena se modificou e ele se curva receioso de tocar o solo parisiense; os espíritos antigos que pairavam sobre a Acrópole de Atenas e as ruínas da Hélade emigraram, fugiram com medo dos homens... Não mais canta a flauta na paz e no silêncio dos oásis do Saara escaldante: suas areias, agora, abrem-se em chagas enormes e o "simum" ruge e chicoteia ainda mais raivosamente; o Mediterrâneo, límpido, que espelhava o azul do céu, reflete o estourar da bomba e o clarão do obuz. enquanto suas ondas guardam, em cada dobra, um soluço amargo, o suspiro último, o estertor derradeiro... Quinhentas mil almas, sem destino, perambulam pelos céus da África e da Europa!

No Brasil, a guerra trouxe trabalho, privação e sacrifício, porque se apressa, momento a momento, o dia da vitória. Mas — felizmente! — suas praias ainda continuam virgens da bota do invasor e o pampiro ou o alizão trazem, ainda, o cheiro das coxilhas ou a frescura das frondes tropicais!

Foi, pois, com admiração e espanto que o carioca ouviu, há poucos dias, o rouquejar altissonante dos canhões dos fortes e das fortalezas que guarnecem o



"Fogo!" — e o estampido ecoará nos rochedos, nas montanhas e se espalhará pelas praias brancas da cidade-encanto...



A guarnição de outra poderosa peça preparando para o tiro potente e seguro.



Rio. Mas as primeiras edições dos jornais explicaram que eram, tão somente, exercícios de tiro real, que as nossas guarnições experimentavam a perícia de seus soldados e a potência de suas bocas de fogo. E os canhões abriram fogo, troaram ensurdecidamente!

Depois surgiram os boletins oficiais falando da satisfação do comando ao constatar a disciplina e a pontaria perfeita das tropas, a potência e a precisão das peças no excelente resultado dos exercícios, coroados de pleno êxito.

Agora, os habitantes da S. Sebastião do Rio de Janeiro continuam nas fábricas, nas repartições, nos ministérios e nos escritórios, contribuindo com seu esforço de guerra para a vitória aliada, sem se importar com o troar dos canhões. Esse barulho que amedronta o inimigo, soa-lhes aos ouvidos de um modo carinhoso, como a voz forte de um protetor vigilante e poderoso, porque ele sabe que os artilheiros estão a postos e que os canhões do Brasil afinam a garganta para falar bem, para falar alto e para falar por último, quando for preciso dizer a derradeira palavra para a segurança e a integridade da cidade do Cristo-Redentor!

Longe do canhão, fazendo os cálculos precisos para um tiro feliz.

O espírito imortal de Bataan

De MANUEL L. QUEZON,
Presidente das Filipinas

NAS últimas semanas eram um exército de heróis desvairados, febris e jamintos. Sua luta terminou. Tinham perdido a batalha. Tinham-na perdido para um equipamento superior, para forças superiores, para um inimigo cujos aliados eram as doenças tropicais, a fome e a completa fadiga. E assim renderam-se, nas selvas de Bataan ao General Tomoyuki Yamashita.

Foi um ano antes desta semana. O mundo tão cedo não esquecerá a história de Bataan. Outras batalhas e outros heróis podem atrair a atenção numa guerra que estruge da Nova Guiné à Rússia e da China à África do Norte, mas a memória de Bataan não desaparecerá. Lá, nas Filipinas, a bandeira americana foi arriada e pisoteada por um arrogante agressor.

Ao mesmo tempo, durante os meses de luta, o mundo sentiu que um espírito pairava sobre aquela península ensanguentada — um espírito feito dos ideais que movem as nações, e constróem lealdades duradouras no coração dos homens livres. Foi o mesmo espírito que, em primeiro lugar, inspirou a humanidade os ideais de liberdade e democracia, e depois, através de gerações de luta, deu aos homens a vontade para sofrer a fogueira, a força e o pelotão de fuzilamento afim de trazer aqueles sonhos a realização prática.

Como bem sabem aqueles que viveram as realidades do combate, os homens sob o fogo não conversam muito sobre ideais ou princípios. Tais coisas são o tema daqueles que tentam explicar porque os seres humanos são capazes de atravessar tantos obstáculos antes que a carne se recuse a levá-los mais longe.

Durante os meses que passamos em Corregidor, tão perto de Bataan, entendemos um pouco do que os homens de Bataan enfrentavam diariamente. Ao mesmo tempo que as bombas caíam sobre Corregidor caíam elas em Bataan e víamos nossos mortos e feridos. Nosso alimento, como o deles era máu, e escasso. E, no entanto, através de tudo, sentíamos o fogo sagrado nas almas dos homens, desde o General Mac Arthur até o último soldado.

No rosto de Mac Arthur nunca houve um tremor de medo. Quando soava o alarme e os aviões japoneses passavam sobre nós, ele nunca buscou um abrigo. Permanecia fóra do túnel, sem a proteção de um capacete sequer, até que sua obra estivesse realizada. No primeiro dia do bombardeio de Corregidor, o General Mac Arthur tinha sua casa e seu escritório no andar superior. Estava trabalhando em sua mesa quando chegaram os aviões japoneses. No momento em que as bombas explodiram e os estilhaços caíram perto dele, um jovem filipino, seu ordenança, saltou ao lado de Mac Arthur, tirou seu capacete e manteve-o sobre a cabeça do General. O punho e a mão do soldado foram lacerados pelas bombas. Mas o General não sofreu um arranhão.

Não surpreendeu a ninguém que os Americanos, nas Filipinas, tivessem combatido valentemente. Tão pouco houve quem se surpreendesse, penso eu, pelo fato de terem os Filipinos lutado também bravamente. O importante não era que os filipinos pudessem lutar, e sim que lutaram. Um ano depois da queda de Bataan, enquanto a guerra continuava a espalhar-se por toda a parte, é instrutivo examinar de mais perto este caso.

Quando o Japão atacou as Filipinas, tentou por todos os modos convencer o povo filipino que nada tinha contra ele. Insistiu que seu único objetivo era derrotar os Estados Unidos, trazer a "Ásia para os Asiáticos" e destruir o poder da raça branca. Seus panfletos e sua propaganda de rádio lutaram para separar os filipinos dos americanos. Tudo em vão. Todo o país ergueu-se contra o invasor.

Não houve apenas heróis militares. Houve civis — homens como Benvenuto Bello, o diretor de um colégio particular de Vigan, a quem os japoneses ordenaram que baixasse a bandeira americana, embora mantivesse a filipina que trêmula a seu lado, em frente do edifício. Ele recusou e os japoneses executaram-no.

A maior parte dos soldados que serviam sob Mac Arthur não eram americanos. Eram filipinos, — filipinos de Luzon e Mindanao, das ilhas dos Negros e Visayas — homens das cidades e fazendas e aldeias de todas as Filipinas — homens criados na liberdade e treinados para a independência. Para cada americano que combatia em Bataan havia sete filipinos. Para a contribuição americana de 3000 mortos contamos 20000 filipinos mortos em combate.

Por que lutaram os filipinos? a resposta será dita até que o mundo aprenda de cóp, até que sua lição se aplique onde quer que povos coloniais lutem pela liberdade. Numa única frase, a resposta é: os Filipinos lutaram porque a América lhes dá a liberdade.

Quando a bandeira americana chegou às Filipinas, sobre os canhões da frota do Almirante Dewey, em 1898, nem o povo filipino, nem o resto do mundo acreditaram que os Estados Unidos jamais tencionasse retirar-se. Os filipinos exigiram imediata independência. Quando esta lhes foi recusada, concluíram que as Filipinas tinham se livrado de uma tirania estrangeira apenas para serem oprimidas por outra.

Seguiu-se uma luta trágica e feroz. Findou somente quando forças americanas numericamente superiores, melhor treinadas e melhor equipadas, tornaram impossível qualquer resistência. Mas os Filipinos não foram apenas conquistados pelos canhões. Finalmente começaram a compreender os honestos esforços da América para auxiliá-los a progredir em todos os campos do progresso e, através de experiências e erros, realizar uma concepção democrática da vida.

O Presidente Mc Kinley havia declarado: "As Filipinas são nossas, não para serem exploradas, mas sim para serem civilizadas, educadas, treinadas na ciência do auto-governo. Esta é a trilha do dever que devemos seguir ou sermos indignos da grande confiança que depusemos em nós."

Cada Presidente americano depois de Mac Kinley, disse mais ou menos o mesmo em palavras mais ou menos valiosas. Durante a administração de Wilson, o Congresso promulgou a Lei Jones, prometendo independência quando um governo estável pudesse ser estabelecido nas Filipinas. Dezito anos mais tarde, com a recomendação de Roosevelt, o Congresso manteve sua declaração. A Lei Tydings-Mac Duff de 1934 deu ao povo filipino a oportunidade de elaborar sua constituição democrática, estabelecer o governo republicano, eleger um Presidente e preparar-se à inauguração da República Filipina em 1946.

Foi essa a recordação que a América deixou nas Filipinas. E' o segredo de Bataan. Os filipinos lutaram pela bandeira americana, quando foi atacada, porque sabiam que estavam lutando por sua própria liberdade. E os filipinos estão ainda combatendo os japoneses em toda a parte das Filipinas. Estações de Tóquio revelam esta informação quando, de vez em quando, falam nas execuções em massa de filipinos.



Postal publicado pelo Governo Filipino em Washington.

A história dos quarenta anos de colaboração entre americanos e filipinos, não é apenas a explicação de Bataan. E' um marco para o futuro. Pois aqui, plasmada no erro e na provação, está o plano da solução prática que resolverá o destino dos povos dependentes após a guerra. Sob toda a história da América nas Filipinas existe a promessa da liberdade dos filipinos, feita e cumprida.

Esta é a essência da Carta do Atlântico, á qual aderiram as Nações Unidas. Uma volta aos caminhos retrógrados do imperialismo mergulhará cedo ou tarde a humanidade, numa outra guerra. Para os milhões de pessoas que anseiam pela liberdade pouca diferença faz quem sejam seus senhores, si são obrigados a os terem. As ditaduras e democracias estão todas na mesma categoria sob o ponto de vista do povo subjugado a menos que as democracias queiram reconhecer seu direito de governar a si próprios.

Hoje nas Filipinas meu povo está sofrendo necessidades, doenças, carência de tudo que tinham antes da invasão. Seus salários foram reduzidos. A chomage é enorme. A liberdade de pensamento e a liberdade de imprensa são coisas do passado. No que era outrora a nação melhor informada do Oriente, só ha hoje em dia jornais censurados, que imprimem mentiras vindas do Japão. Os olhos dos filipinos voltam-se para a América e dela esperam sua liberdade. Os filipinos lembram-se que o Presidente Roosevelt lhes disse quando estavam no horror do combate de Bataan:

"Eu dei ao povo das Filipinas minha solene promessa que a sua liberdade seria restaurada e que a sua independência seria restabelecida e protegida. Garantida dessa promessa estão todos os recursos em homens e material dos Estados Unidos." Os filipinos estão convencidos de que esta promessa será cumprida. O Presidente Roosevelt já reconheceu as Filipinas como uma nação independente. Ele reconheceu nosso direito de tomar parte no Conselho de Guerra do Pacífico, com a Grã-Bretanha, China, Índias Holandesas e o Domínio do Canadá, a Austrália e a Nova Zelandia. Em nome dos filipinos, sou um signatário da Carta do Atlântico. Somos uma das Nações Unidas, e si a guerra acabar antes ou depois de 4 de julho de 1946, data fixada para o estabelecimento da República Filipina, estou certo que teremos nossa representação na Conferência da Paz. Falta apenas o estabelecimento formal da República Filipina, que certamente se verificará logo que for libertada das garras do inimigo e possa exercer completamente seus direitos para eleger as funções do governo da República. Além disso, por acôrdo entre o Presidente Roosevelt e eu, estão sendo agora feitos estudos a serem submetidos ao Congresso para reabilitação econômica e financeira das Filipinas.

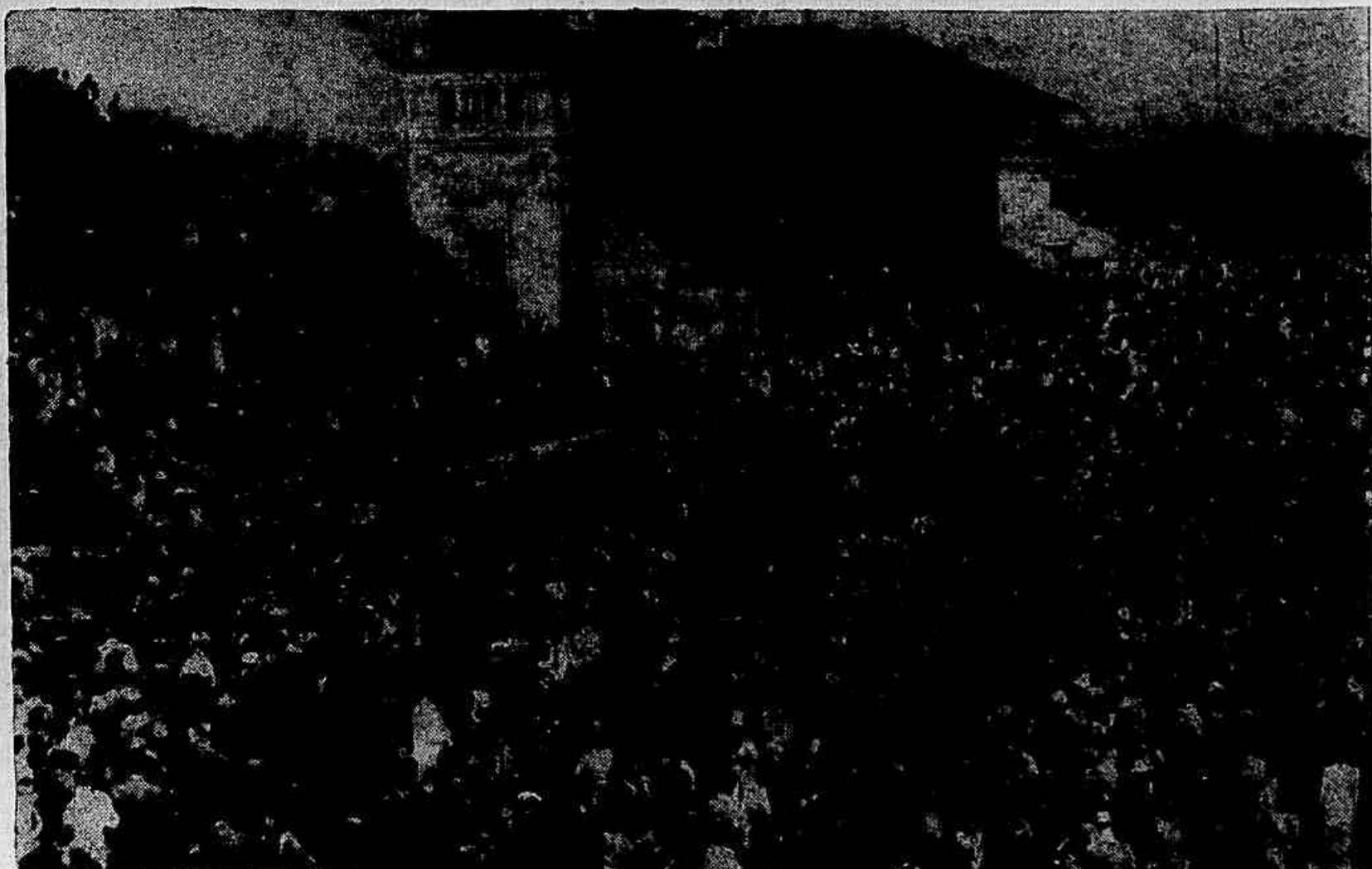
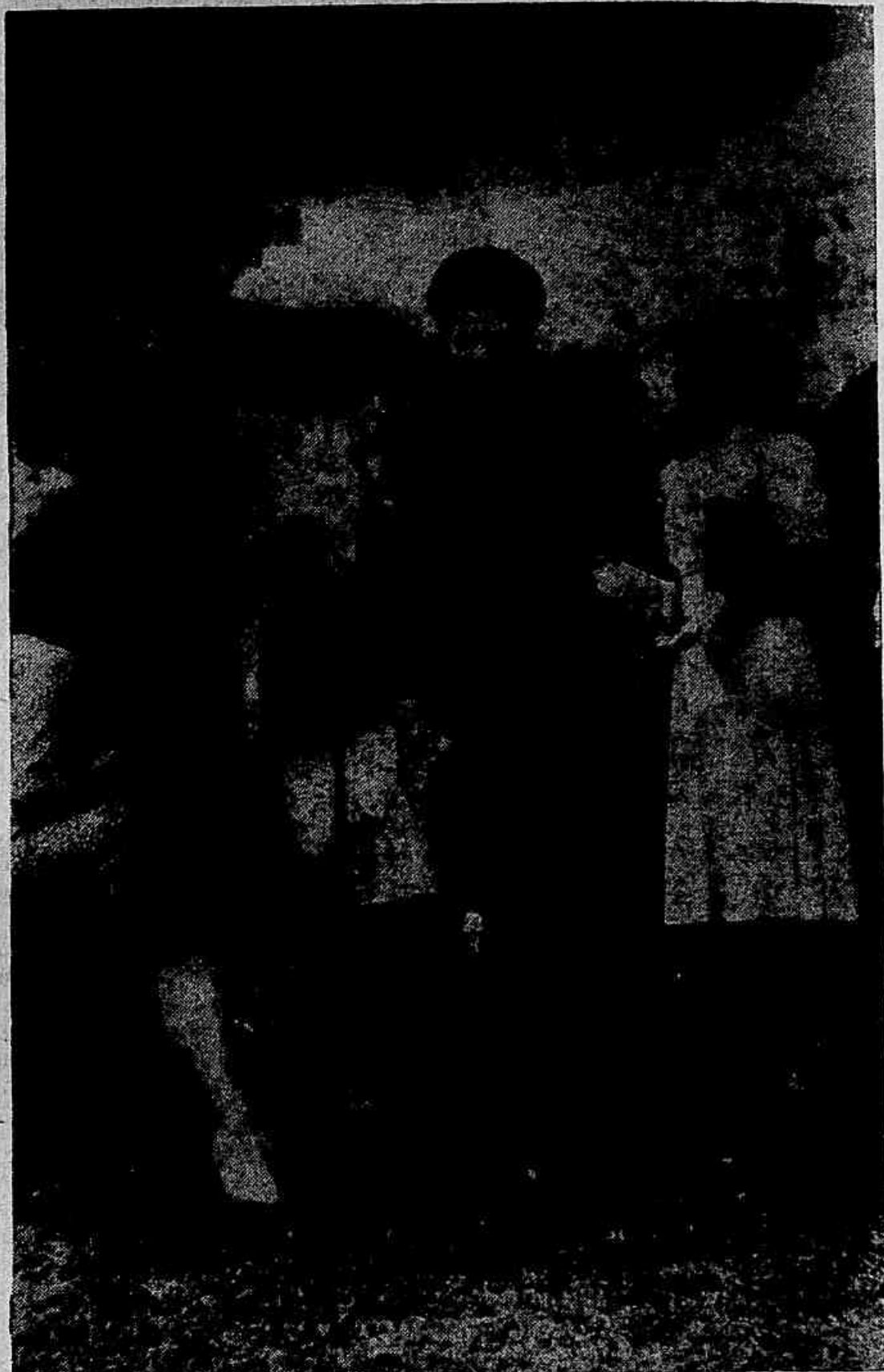
Isto é uma aplicação real da Carta do Atlântico, a decisão unânime dos objetivos de guerra por todas as nações Unidas. Este é o caminho no qual o povo americano e o filipino não trairão a memória dos rapazes americanos e filipinos que morreram em Bataan e Corregidor.

Jockey Club mundano

O "G. P. Brasil", disputado brilhantemente domingo ultimo, por um campo de famosos parceiros, no Hipódromo da Gavea, constituiu o maior acontecimento esportivo do ano e tornou o "meeting" da tarde daquele dia memoravel para o "turf" brasileiro, uma grandiosa festa de elegancia e distincção.

Desde cedo lotaram-se as dependencias do prado do Jockey Clube Brasileiro, para onde convergiu uma multidão de "turfmen", ávida das emoções que a disputa do "Sweepstake" lhe proporcionaria.

Os aspectos que aqui estampamos nos mostram detalhes da seleta assistencia da grande carreira, vendo-se, abaixo, pequena parte da compacta multidão que assistiu entre calorosas exclamações, á victoria de "Albatroz".



Correspondência



CORRESPONDENCIA

Respostas a consultas sobre modas por SUSAN.

Mme. Carvalho,

Rio.

Respondendo á amável cartinha na qual me pede modelos de noite para a senhora e suas encantadoras filhas, procurei atendê-la o melhor que me foi possível.

Assim é que, segundo os dados que me foram fornecidos e orientando-me pelos respectivos físicos, encontrei, para a senhora, o lindo modelo em veludo de Júlia Bishop (Warner); para Maria Lúcia o vaporoso vestido que empresta tanta graça á bela Eleanor (Warner) e, finalmente para Verinha, como uma nota de juventude e beleza, esse encantador modelo em tafetá rosa com aplicações de veludo negro, apresentado por Joyce Reynolds (Warner).

Esperando novas consultas, agradece

SUSAN.





UM SONHO DE DEANNA

(Uma cronista da REVISTA DA SEMANA interpreta as "poses" da deliciosa estrelinha da "Universal")

Depois daquele dia de trabalho estafante cheguei á casa, dóida para dormir.

Tomei um banho, enfiei-me no "robe" azul de "mousseline" e, adormecendo, sonhei.

Sonhei que me casava com Robert Stack (que meu verdadeiro marido não o saiba nunca!) e que estava vivendo um mês de completa felicidade quando Bob recebeu ordens de partir com destino ignorado até pelas famílias...

Chorei muito mas, dois dias após sua partida, fui inscrever-me na Cruz Vermelha porque precisava também fazer algo por Tio Sam.

De repente tudo ficou confuso e encontrei-me na China, depois de um bombardeio nipônico, socorrendo os pequeninos chineses com a ajuda do Dr. Edmond O'Brien. Vejam só!

Depois de algumas peripécias, despertei.

E sabem que horas eram?

11 da noite: Paul convidava-me para cear no Eldorado. Vesti meu precioso vestido branco de noite e já estou pronta. Ele entretanto ainda está ás voltas com o laço da gravata.

Estes homens!





V Bonbons
ITÓRIA RÉGIA
Cerejas ao
Marrasquino
OS MAIS CAROS
Incontestavelmente os
melhores.



O Lar

Uma bela
sala de
almoço

A simplicidade talvez constitua todo o encanto da belíssima sala de almoço cuja fotografia ilustra esta página.

Todos os móveis e peças de tapeçarias que ornamentam o ambiente foram decalcados no motivo arctônico que inspirou a construção da sala, baseado numa curva oval. Isto, longe de tornar monotono o ambiente, emprestou-lhe uma graça original, se bem que singela, para o que concorreu também, sem dúvida, a disposição simétrica das cadeiras e a colocação da mesa oval no centro do artístico "Breakfast-room".

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



Na Idade Média

Conto do humorista norte-americano STEPHEN LEACOCK

Sucedeu isto, tal como o vou contar, no tempo da Cavalaria Andante.

O sol descia com todo o vagar para os lados do Oriente, iluminando com os seus últimos raios o sinistro castelo de Buggensberg. Isolda, a Esbelta, estava no torreão do castelo. De vez em quando, murmurava: "Guido"; e suspirava profundamente. Na sua beleza etérea, mal se lhe percebia a respiração. Com efeito quase não respirava. Era tão delgada e graciosa como um meridiano de longitude.

— Guido! gemeu mais uma vez. — E, torcendo as mãos com desespero: — Não o vejo surgir no horizonte!

À noite, iluminavam-se as janelas do solar. O margrave, pai de Isolda, ia celebrar o noivado desta com Tancredo, o Acorda Cedo, na presença dos seus vassallos: Conrado, o Desdentado; Humberto, o Pouco Esperto; Orlando, o Sempre Andando; e outros de não menor prosófia.

O amor de Guido e Isolda tinha a divina pureza peculiar aos apaixonados daquela época. Nunca se haviam visto um ao outro. Não se conheciam absolutamente. E no entanto adoravam-se!

Alguns anos antes, vira Guido, casualmente, o retrato de Isolda em primorosa miniatura. Empalidecera, levava a mão ao peito, sentira o coração em chamas — e partira para Jerusalém.

No mesmo dia, Isolda, passeando pelas ruas de Gand, avistara a cota de malha de Guido, que estava numa corda, a secar. Caiu sem sentidos nos braços das aias que a acompanhavam; e desde esse momento o amor lhe enchera o coração.

Guido resolveu praticar feitos tão extraordinários, tão maravilhosos que, no seu próprio entender, o tornassem digno da criatura eleita. E ao mesmo tempo jurou que, até esse dia de suprema ventura, não comeria coisa alguma que, a rigor, não constituisse alimento, nem tampouco beberia coisa que não fosse perfeitamente líquida. Animado de tal propósito e com tão entranhada fé, tinha por força que triunfar.

Tudo o que então fazia era com o pensamento em Isolda. Por ela, em Jerusalém, matou um sarraceno. Era de fato um sarraceno e de magnífica estatura. Em Constantinopla igualmente matou um turco. Dalí correu à Escócia, onde matou um garboso "high-lander". E enquanto isso Isolda o esperava cada vez mais ansiosamente.

Não que lhe faltassem os cortejadores, cada qual mais fascinado e ardoroso! Pelos seus belos olhos, Macário, o Otário, se atirou ao mar; Claudionor, o Condor, saltou do alto do torreão no fosso do castelo; Valdomiro, o Valdevinos, se pendurou, pela cintura, dum galho de noqueira; Sigismundo, o Pudibundo, absorveu uma lata enorme de vitriolo. Mas Isolda, a Esbelta, não ligava a menor importância a essas coisas. Debalde sua madrasta, Ágata, a Agarrada, insistia com ela para que tomasse esposo. O coração da donzela mantinha-se fiel ao cavaleiro eleito. De vez em quando, este lhe mandava delicadas lembranças das suas viagens. Assim de Jerusalém lhe enviou um bloco de granito, como emblema de fidelidade; de Constantinopla, um tronco de velho pinheiro; e de Veneza, uma baleia do Adriático. E o seu desígnio era voltar a Gand, escalar de noite os penhascos do castelo, matar o pai de Isolda, atirar a madrasta do alto das ameias e raptar finalmente aquela a quem tanto amava...

Na noite fatal do noivado de Isolda com Tancredo, o Acorda Cedo, veio o apaixonado da donzela pela estrada de Gand, com cinquenta homens de armas, sob o comando de Artur, o Arreiro. Graças à escuridão alcançaram, sem serem pressentidos, as faldas da penedia e começaram a subir de gatinhas o caminho helicoidal que conduzia às portas da fortaleza. Às seis horas, tinham dado a primeira volta aos penhascos; às sete horas, tinham dado mais meia volta; quando a festa tocava o auge da animação e da magnificência, chegavam eles diante da poterna. Guido envergava um dominó sobre a armadura e empunhava uma trompa. Debaixo da cota de malha trazia a miniatura que representava as celestes feições da bem-amada a quem nunca vira, assim como Isolda, sob o vestido branco de noiva, ocultava a miniatura que lhe revelara as nobres e másculas feições do cavaleiro desconhecido.

A festa corria esplendorosamente. O gigantesco margrave deborcava taça sobre taça, à saúde de Tancredo, o Acorda Cedo, ao mesmo tempo que se regalava apreciando as facécias do novo jogral que o mordomo introduzira no salão.

De repente Guido — pois era ele o jogral — desembaraçou-se do seu disfarce; e, reconhecendo-o, os hóspedes do margrave bradaram em coro:

— Guido! E' Guido! Alô, Guido!

— Silêncio! ordenou ele, brandindo a maça de armas — Sols todos meus prisioneiros! Depois, levou a trompa à boca, para chamar os seus homens. Soprou com toda a

força. Soprou outra vez. Soprou até quase rebentar as veias. Não obteve, porém, o menor som. O instrumento estava entupido.

— Agarra-o! bradou o margrave.

— Para trás! protestou Guido — Em nome das leis da Cavalaria, declaro ter vindo aqui buscar Isolda que vós quereis dar a Tancredo por esposa. Ele que se bata comigo em duelo singular!

Os convivas aprovaram aquelas palavras leais; e começou o combate. Foi terrível.

Guido, a quem coube dar o primeiro golpe, ergueu com as duas mãos a maça de armas e abateu-a com toda a violência na cabeça blindada de Tancredo. Depois, ficou imóvel, esperando; e foi a vez de Tancredo descarregar um golpe pavoroso na cabeça do rival. Em seguida, Tancredo voltou-se, abaixou-se e Guido assentou-lhe a maça de armas no dorso da couraça. Ajoelhou depois, e Tancredo arrumou-lhe pela terceira vez com a arma formidável entre as omoplatas. Era bem uma luta de destreza e agilidade... Por muito tempo ainda o duelo esteve empatado. Mas a armadura de Tancredo começou a amolgar-se e os golpes do campeão se foram tornando cada vez mais fracos; Guido, ao contrário, redobrou de energia e dentro em pouco derrubava o contendor. Pôs então o pé sobre o peito de Tancredo e, baixando a viseira, olhou em volta...

Ouviu-se um grito. Isolda, alarmada com a estridência do combate, acudira a saber do que se passava no salão. Viu então o cavaleiro dos seus sonhos; também ele pela primeira vez viu a dama dos seus pensamentos... E ambos, por efeito da surpresa recebida, caíram para o lado sem acordo. Nem Guido era o Guido de Isolda nem Isolda a Isolda de Guido. As miniaturas representavam outras pessoas de igual nome!



A mulher ideal

(Fotos da "Warner")

Todo homem, até mesmo o mais volúvel e inconstante deseja encontrar a mulher definitiva, isto é, a esposa ideal.

Intimamente todos desejam exclaimar um dia: "lar, doce lar", referindo-se ao "seu", é claro.

Entretanto qual será a "mulher" ideal?

Para Napoleão era a que "tivesse mais filhos"; para Victor Hugo, uma loura branda como carícia. Hoje porém se perguntarmos ao elemento masculino: "A MULHER IDEAL será esportiva como Geraldine Fitzgerald ou suave e espiritual como Eleanor Parker; inteligente e neurótica á "la Bette Davis ou "sophisticated" como Alexis Smith?", receberemos possivelmente como resposta que a reunião desses tipos seria excelente mas, na impossibilidade de obtê-la, já constituiria grande felicidade, uma doce mulherzinha de inteligencia normal e paciencia incomum, sempre disposta a perdoar e a cooperar sem reivindicações; enfim, uma garota meiga e modesta como Olivia de Havilland.



MAU HALITO

"Mata" a Beleza do sorriso...

Não deixe que o mau hálito prejudique seus encantos! Evite esta afronta à sua beleza, bochechando e gargarejando com Odorans — o dentifrício medicinal, recomendado pela ciência! Odorans impede a fermentação, purifica o hálito e combate as infecções bucais como piorréa, gengivites, etc.

ODORANS

O DENTIFRÍCIO MEDICINAL

Acontece em Hollywood

Casamentos e... Bebês

(Fotos gentilmente cedidos pela "Metro")



Brian Donlevy demonstra como o sentimento da paternidade transforma os homens mais perigosos em "bás" perfeitas. Reparem o cuidado com que segura sua filhinha Judith. Que tal, hein?



Realizou-se em Los Angeles o casamento da nova estrêlinha da "Metro", Dorothy Morris com Marvin Moffie. A cerimonia teve lugar na casa do tio da noiva e os convidados fôram muitos. Parabens, Dorothy.



Ann Sothorn resolve transformar o lindo jardim da sua casa em horta da VITÓRIA. E aconselha às boas donas de casa que façam o mesmo.

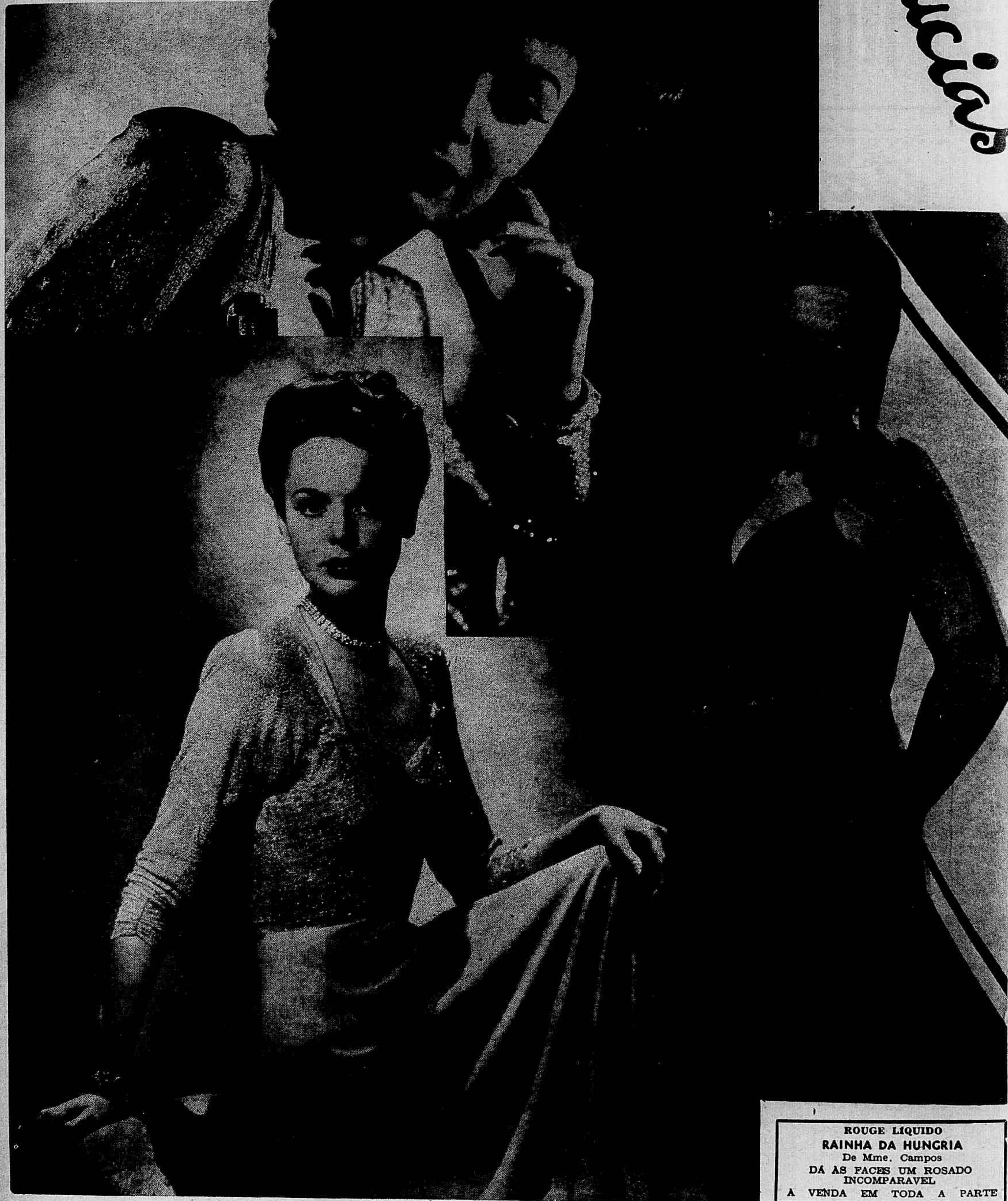
Agora relativas a joias e adereços, como ultimo toque num conjunto.

Numa encantadora sucessão vemos:

Alexis Smith com brincos e colar em ouro e safiras; Dorothy Day com clips, pulseira e brinco em brilhantes, ouro e rubis e finalmente Nancy Coleman com adereço em platina e diamantes.

(Fotos da "Warner")

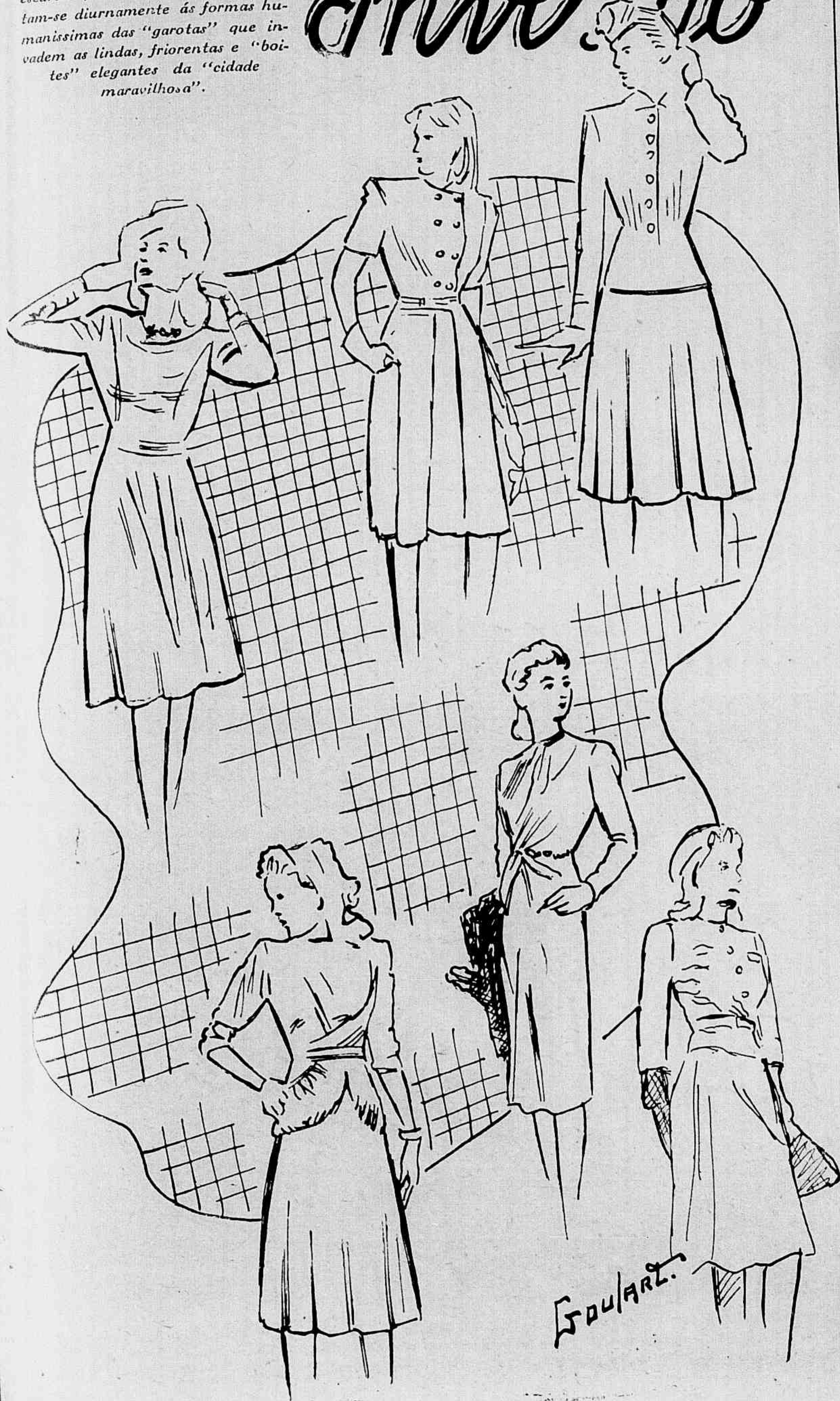
Iluminaria



ROUGE LIQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
DA AS FACES UM ROSADO
INCOMPARAVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

Modelos para Inverno

Lãs, veludos em tons claros ou escuros, pelúcias e camurça ajustam-se diurnamente às formas humaníssimas das "garotas" que invadem as lindas, friorentas e "boites" elegantes da "cidade maravilhosa".



A marca de PÉS DORIDOS está arruinando a sua face?



Dôres nos pés podem fazer-lhe parecer anos mais velha do que é.

Faces sulcadas pela dor, falta de disposição, nervos cansados, fadiga, mal-estar - estes são alguns dos resultados nocivos que pôde causar um mal nos pés.

O Dr. Wm. M. Scholl, notável autoridade sobre males dos pés, criou um remédio, uma aplicação ou um Suporte de Arco para o alívio de cada mal-estar nos pés. Estes contribuidores para a felicidade dos pés são vendidos nas drogarias, sapatarias, perfumarias e várias outras lojas em todo o mundo. Seu custo é pequeno. Procure a marca Dr. Scholl.

CALOS - DÔRES NOS DEDOS

Os ZINO-PADS DR. SCHOLL aliviam imediatamente as dores e extirpam suavemente os calos; eliminam a pressão do calçado; macios e acolchoados, impedem a formação de calos, dores nos dedos e bolhas d'água.

CALOSIDADES

Os ZINO-PADS DR. SCHOLL, em tamanhos especiais para calosidades, aliviam a dor, amaciam e suavizam a pressão sobre o ponto dolorido; desprendem rapidamente e extirpam as calosidades.

JOANETES

Os ZINO-PADS DR. SCHOLL, em tamanhos apropriados para joanetes, protegem as articulações sensíveis e dilatadas; eliminam a pressão do calçado.

ARCOS DÉBEIS

O FOOT-EAZER DR. SCHOLL e exercícios apropriados, aliviam o cansaço, pés doridos, as dores na perna e pé quando devido à debilidade ou caída dos arcos.

PÉS QUENTES E CANSADOS

O BALSAMO PÉDICO DR. SCHOLL dá alívio imediato, eliminando a ardência e cansaço dos pés muito doloridos.

PÉS SENSÍVEIS

O PÓ ANTISÉPTICO DR. SCHOLL normaliza a transpiração e refresca os pés sensíveis; torna cômodo o calçado apertado.

JOANETES

O REDUZIDOR DE JOANETES DR. SCHOLL, de borracha macia, elimina a dor causada pela pressão do sapato, corrige a saliência e evita que se deforme o sapato.

Peritos do Dr. Scholl sempre à sua disposição para conselhos grátis sobre todos os males dos pés. Peça exame sem compromisso de compra.

SUPORTES DE ARCO-REMÉDIOS

Lojas Dr. Scholl

PARA O CONFÔRTO DOS PÉS

RUA S. JOSÉ, 114 - RIO
RUA DO AROUCHE, 71 - S. PAULO

Noticiário Elegante



Por motivo de seu aniversário o dr. Herbert Moses foi homenageado no dia 27 p. p. na A. B. I. por amigos e confrades, todos os diretores de jornais, jornalistas e figuras da alta administração do país. Saudaram S. S. o sr. Heitor Brandão pela A. B. I., sra. Rachel Prado pelo Clube das Mulheres jornalistas, o sr. Mario Guartini pela Associação Paulista de Imprensa, o sr. Julio Barbosa pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais, o sr. Astolfo Serra pelo Major Alencastro Guimarães e o Dr. Ribas Carneiro. A todos os discursos respondeu o sr. Herbert Moses profundamente comovido. A REVISTA DA SEMANA consigna aqui, também, suas felicitações ao integro e culto presidente da Casa do Jornalista.

Aniversarios

DIA 7:

Senhoras: Lucina Amora e Lucila Pinheiro.

Senhores: dr. J. Bandeira dos Santos Melo e Aristarco de Oliveira Ramos.

DIA 8:

Senhoras Edna Soter de Oliveira; Elvira Maronas de Oliveira Costa.

Senhores: dr. Levi Carneiro, da Academia Brasileira de Letras; Feliciano Moreira da Silva e Alfredo Viana de Matos.

DIA 9:

Senhoras: Angelina d'Amatta Dias e Josefina Belens de Almeida.

Senhores: coronéis Joaquim Coelho de Faria, Francisco Re's e Mateus Martins Noronha; cap. Haroldo d'Avila Pacca; dr. Djalma Ferreira Alves Maia.

DIA 10:

Senhora: Laura Fraga e srta. Celia Pradera Torres.

Senhores: Dr. Gustavo Capanema, ministro da Educação e Saúde Publica; Altamiro Ponce e Darcilio da Silva Coelho.

DIA 11:

Senhoras: Raquel Tapajós Gonçalves e Cristina Maristany.

Senhores: tenente-cel. Djalma Ribeiro Cintra; dr. Frederico Sussekind e o sr. Oséias Mota, diretor da "Vanguarda".

DIA 12:

Senhoras: Ninon Borges Leal e srta. Clelia do Vale Silva.

Senhores: Dr. Raul Machado, tenente-coronel José Guedes de Fontoura e dr. Thompson Flores Neto.

Por ocasião das bodas de ouro do casal Manoel Joaquim Fernandes e Ana Fernandes, seus filhos e amigos mandaram dizer missa em ação de graça.

A fotografia mostra os homenageados cercados de parentes e amigos, depois da missa celebrada na Igreja do Sagrado Coração de Jesus.

RECEPÇÕES

DR. CARLOS LUZ — Por motivo da posse do dr. Carlos Luz na presidência do Rotary Clube, S.S. recebeu em sua linda residência, na Avenida Atlântica em Copacabana, seus companheiros rotarianos acompanhados de suas digníssimas esposas, numa interessante amistosa e agradável reunião.



ENLACE MATRIMONIAL MARIA LAURA ANDRADE RAMOS-OTAVIO DE ARAUJO RAMOS — Realizou-se dia 22 p. p. o enlace matrimonial da senhora Maria Laura Andrade Ramos com o tenente Otavio de Araujo Ramos. Após o ato religioso que se realizou na Igreja de São José, os jovens nubentes de famílias tradicionais e de relevo da colônia paraense, deram magnífica recepção nos amplos salões do palacete Andrade Ramos, em Santa Tereza. A fotografia é um flagrante da cerimonia religiosa.

A mulher aos 30 anos

Balzac, o genial romancista francês, descreveu admiravelmente o envolvente e perigoso encanto da mulher de trinta anos. Julie Bishop e Dorothy Gray ("Warner") — concretizações perfeitas da beleza balzaqueana — apresentam-se impecáveis em negro numa atraente sugestão para vestidos e penteados.



PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISÍVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

PETRÓLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos,

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÊDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

Receitas

De
Charlotte
Scripture



QUALQUER PESSOA pode fazer bôlinhos de peixe — até o homem da casa. Si, nestes dias, sua ajuda é necessitada, deixe-o experimentar sua mão nos bôlinhos de peixe. Podem ser preparados, prontos para o lanche ou para o jantar, na manhã ou na noite em que vão ser servidos. Corte-se em pedaços 1 quilo de bacalhau salgado e dessalgue-se o mesmo de acordo com as instruções. Depois prepare-se dois quilos de batatas cortada sem rodela de meia poiegada cada uma.

COSINHEM-SE BATATAS com o bacalhau em panela tampada, em água fervente por 15 minutos ou até que almoçam. Sequem-se e esmaguem-se as mesmas com um amassador de batatas. Acrescentem-se-lhes um ovo batido, pimenta, sal e uma colher de sopa de manteiga ou margarina Bata-se tudo com batedor elétrico até que fique leve e flocoso, sem nódulos.

ESFRIE-SE A MISTURA num recipiente coberto na geladeira por um curto tempo, ou até que possa ser servido com facilidade. Em seguida dê-se á massa a forma de bôlinhos chatos polvilhem-se os mesmos com uma colher de sopa



de farinha. A farinha garante um escurecimento mais perfeito, e evita os bôlinhos de ficarem presos ao fundo da caçarola.

AQUEÇA-SE BASTANTE AZEITE DE MESA numa caçarola até cobrir o fundo, não mais. Cozinhe o bôlinho primeiro num lado, depois no outro, acrescentando mais azeite si preciso. Servem-se os bolinhos numa travessa quente com uma taça de molho. Faça sete bolinhos.

GELÉA DE MORANGOS — Para cada meio quilo de morangos pesam-se 400 gramas de açúcar cristal. Tiram-se os cabos das frutas depois de lavadas e põem-se numa panela, alternadamente, açúcar e morangos.

Leve a panela ao fogo muito lento, e deixe ferver, mexendo sempre com cuidado. Tire a espuma de vez em quando.

Para se conhecer se está no ponto, deita-se 1 colher da geléa num prato com água. Se formar uma bala bem mole, pôde retirar do fogo, e arrumar logo em vidros. Retire com cuidado para não esmagar muito as frutas.

GELÉA DE PITANGA — Tome 2 quilos de pitangas, lave-as bem e leve ao fogo com água que as cubra. Deixe ferver. Ferva apenas 10 minutos, pois do contrario ficam amargas. Retire do fogo, passe por peneira o caldo e depois as pitangas por espremedor de batatas. Não esmague os caroços.

Depois do caldo bem limpo pese para cada copo de caldo, 1 de açúcar. Leve ao fogo até começar abrir bolhas a fervura (ponto de fio).

Junte essencia de baunilha (1 colher de chá para meio litro) misture bem e deite em vidros já de antemão preparados. Esfriando, a calda toma logo o ponto gelatinoso.

GELÉA (Modo de acondicionar) — Modo de acondicionar qualquer geléa: No momento que levar a geléa ao fogo, ponha à parte também os copinhos ou vidro em água fria e deixe ferver até a geléa tomar ponto.

Encha até a beira do copo, ponha um papel impermeavel bem justo da geléa e quando

estiver fria, derreta parafina e cubra todo o papel. Ponha novamente papel por cima e cole as bordas com clara de ovo.

TORRADAS COM OVOS E TOMATES — Cobrem-se torradas com tomates fritos e guarnecem-se com rodela de ovos e sardinhas. Arrumam-se estas torradas em um prato, dispondo-as em forma de anel, no centro do qual se põem fatias de presunto ou carne defumada.

Servem-se como *hors-d'oeuvre* ou, com chá, cerveja, etc.

OVOS COSSACOS — Cortam-se alguns tomates grandes ao meio, tiram-se-lhe as sementes e enchem-se com salada russa. Sobre estes tomates colocam-se ovos cortados ao meio, regam-se com *mayonnaise* rala e enfeitam-se á vontade.

Servem-se como *hors-d'oeuvre* ou, com salada, ao jantar.

OVOS RECHEADOS COM SARDINHAS — Cortam-se ovos cozidos e depois de descascados pelo meio, no sentido do comprimento. Tiram-se as gemas que se passam por uma peneira e que se misturam bem com um pouco de *mayonnaise* sardinhas picadas e mostarda. Com esta massa recheiam-se as claras, deixando que o recheio se eleve bastante, formando um pequeno monte. Sobre este monte colocam-se duas sardinhas cruzadas e, sobre estas, um pedacinho de tomate. Arrumam-se estes ovos sobre torradas e guarnecem-se com folhas de alface.

Servem-se como *hors-d'oeuvre* ou, com salada ao jantar.

O romance de Balzac

(Continuação da pág. 8)

seu velho amigo, e, já por esse motivo, já também porque eu lh'o pedira especialmente, diria sua opinião indisfarçada, a verdade integral. Não podia usar de outro meio; porém dizia que eu tinha me tornado a vítima infeliz de minha própria carreira, vítima dos meus clássicos, dos quais, aparentemente, não poderia mais libertar-me. Escrevesse o que quizesse; que não havia razão para se tomarem os trabalhos imortais dos clássicos como receitas que produzissem sempre o milagre. Podia eu imaginar mesmo que se um autor, como Eichendorff, nascesse em nossos dias, escreveria seu "Inutil" nalguma coisa parecida com o estilo que usara realmente em 1826? Nossa apreciação de um fino trecho de literatura, que represente imortalidade, nunca deveria esquecer-lhe a falência como obra fora do tempo; doutro lado, uma obra-prima nunca deveria aparecer sem a data da publicação claramente indicada. Mas se um crítico não pudesse classificar um livro como inadaptable ao público de trinta ou cinquenta anos anteriores à data em que o mesmo realmente apareceu, deveria simplesmente ser relegado entre os fracassos... "Ai de você! Você é neta!" E com este golpe o professor terminava sua crítica, não sem acrescentar algumas palavras de conforto, de animação.

Quanto ao meu amor pelos clássicos, esse era um tesouro que eu tinha de guardar zelosamente, como havia feito até então; mas não tentaria atingir o que eles haviam buscado entranhadamente e chegado a alcançar; apenas eu tinha de penetrar no seu mundo ideal ainda mais profundamente e mais humildemente, de modo a que eles me revelassem o mais recondito de suas almas... para mim... só para mim.

"Só para mim". Eu sabia perfeitamente o que meu professor queria dizer com estas palavras: Eu não podia escrever mais... Era incapaz de fazê-lo... mesmo aquilo!

MAS ISSO NÃO ERA VERDADE... COM TODA A SEGURANÇA, NÃO ERA! Eu tinha consciência... estava convicta da divina inspiração que se continha em mim, que me capacitava para falar aos homens, para contê-los, para comovê-los. Num ponto, contudo, o velho tinha razão: este fogo sagrado se achava amortecido pela contínua e maléfica influência dos meus livros de "ontem" e eu estava tão acostumada com o veneno de minha infância que nunca poderia jogá-lo fora... Eu sabia disso tudo muito bem.

Portanto, em verdade eu não poderia escrever nunca mais, pois não saberia escrever neutro estilo.

Estive relendo tudo o que lhe confiei até aqui, meu caro senhor, pois uma agravação do meu estado — mudando hoje talvez para uma efêmera convalescença — tornou-me impossível escrever qualquer coisa durante uma semana inteira. Pretendia ser breve, mas vejo agora que fui prolixa; mesmo assim pude apenas alinhar e explanar os assuntos de forma muito rudimentar.

E agora vem o pior. Até aqui eu não lhe dei nenhuma idéia a respeito do curso que minha vida tomaria desde esse momento: apenas uma longa fraude e uma longa mentira.

Começou como um capricho... uma espécie de revolta infantil contra os grandes clássicos que me haviam levado... à ruína. O professor havia anotado todos os meus manuscritos a lapis vermelho, de modo que eu pudesse identificar qual fôra o grande autor em particular que me guiara a mão enquanto eu estava escrevendo. Aqui estava a palavra "Balzac", ali "Turguenief"... ali "Goethe" e "Kleist" e, lendo meu trabalho cuidadosamente eu não podia deixar de admitir que o velho senhor tivesse razão, e na minha imaginação não podia deixar de ler os nomes que deviam ter acompanhado os títulos dos trabalhos que acabara de escrever e de outros que estava projetando. Efetivamente, senti um amargo prazer em imaginar comigo mesma como eu poderia seguir intimamente as pegadas daqueles grandes homens na concepção e no estilo dos meus escritos.

Aconteceu que por esse tempo o primeiro diretor do nosso **Tagblatt**, com quem eu tinha um ligeiro conhecimento, pediu-me que arranjasse para o número especial de domingo de seu jornal (uma idéia nova que ele tivera) alguns artigos selecionados entre os poucos conhecidos, pouco lidos e esquecidos trechos de nossos clássicos. Ele deixaria a escolha à minha discreção, pois estava muito interessado na discussão de grandes assuntos do momento em política e comércio. Então veio-me de repente uma decisão. Aceitei, e ele ficou ingenuamente deliciado com a minha pronta aquiescência e até o fim da vida não soube de outra melhor.

Escrevi um romance... "por Balzac" e ao mandar os capítulos sentia como se estivesse me vingando dum daqueles espíritos que tinham sido minha obsessão e minha derrota. Antes do romance aparecer sofri alguns dias. Diversas vezes resolvi pedir a devolução do manuscrito, mas diversas vezes também, minha própria vaidade e ambição de ver meu trabalho impresso impediram-me de dar esse passo. Isso teria destruído todo o meu trabalho anterior.

Um dia fui chamada inesperadamente ao escritório do diretor. Fui, mais morta do que viva, pois sabia que tinha sido desmascarada. Mas não era isso. O diretor estava ausente e foi um tipógrafo que me apresentou um pedaço de papel — ainda úmido — pedindo-me amavelmente que o corrigisse. Nessa hora então eu só pude sentir orgulho — o orgulho ridículo, mas todavia compreensível, do principiante que mantém na mão trêmula a primeira prova do seu sucesso. Corrigi a prova cuidadosamente e deixei as coisas correrem.

Uma grande calma descia agora sobre mim. Comecei a medir as possibilidades que esses primeiros passos em tal senda deixavam abertas... Eram inumeráveis. Continuei a trabalhar — eu tenho o direito de dizer isso também, pois esta é uma acusação contra mim — a trabalhar prudentemente, cuidadosamente. Não posso deixar de acrescentar um ponto: à delícia da criação eu juntava a da impostura triunfante. Tomava este ou aquele escritor como modelo e o trazia à vida renovada, sentindo muitas vezes como se



O espelho

LHE DIRÁ

As pessoas de bom gosto que escovam os dentes regularmente com Creme Dental Squibb, o espelho revela coisas interessantes. Mostra dentes bem limpos, exibindo seu brilho natural... Dentes tratados com toda segurança porque o Creme Dental Squibb é tão puro que não pode prejudicar nem o esmalte dos dentes infantis, nem suas delicadas gengivas. A fórmula científica de Squibb não admite nenhuma

substância raspante, adstringente ou sabão. Ao invés, contém um eficaz *anti-árido* — Leite de Magnésia Squibb. Use o Creme Dental Squibb, pela sua pureza — eficácia — e use-o para refrescar-se. O sabor é delicioso — todos o preferem — e a admirável sensação de frescor que deixa na boca torna um verdadeiro prazer escovar os dentes. Se ainda não usa este puro dentífrico, não deixe de comprar um tubo para experimentá-lo.

Creme Dental Squibb



ESCOVA ANGLE SQUIBB

Recurvada em ângulo adequado para atingir por igual os interstícios e a superfície de TODOS os dentes. Fios da mais alta qualidade — eficientes — duráveis.

ELE estivesse sentado na minha mesa escrevendo enquanto eu lhe olhasse por cima do ombro e lhe inspirasse as palavras... ELAS ERAM MINHAS.

De Dickens tomei — além do nome o estilo pomposo e bem torcido; de nosso espi-rituoso Grillparzer adotei amargos aforismas. Inventei uma correspondência que Hebbel poderia ter escrito. Fiz meus Homens Todo Poderosos proferirem discursos e darem opinião sobre outros clássicos, e sobre importantes acontecimentos do seu tempo. Em breve estava endurecida e em condições de observar e anotar os inesperados lances da minha imaginação, fria e calmamente. Na escola superior de nossa cidade deram como tema para ensaio de exame final um magnífico "fiat" do velho Goethe que eu lhe havia posto na boca, e um jovem "literato" que deixara essa escola publicou num jornal um ensaio sobre Voltaire, cheio de citações MINHAS.

Eu poderia ainda acrescentar muita coisa, meu caro senhor, porém o tempo urge... Meu tempo. Apenas acrescentarei uma palavra mais, em bem da inteira verdade: nunca duvidaram de mim, nunca me comprometi. Houve ocasiões em que fiquei quase certa de me haver traído... algumas vezes desejava que isso acontecesse... Mas preciso deixar em silêncio o que se refira à minha personalidade. Eu não fui eu mesma: vivi cem vidas — porém não a minha própria vida.

Que não tirei proveito de meu trabalho, o senhor sabe muito bem. Porque foi que eu fiz isso... não tenho quase necessidade de explicar agora; também é natural que meu nome sempre permanecesse desconhecido. Apenas minha última colaboração — nenhuma se seguirá a ela — eu assinei com minhas iniciais. Considero-me com o direito de fazer isso, pois a historietta é minha em mais de um sentido. O senhor compreendeu deste o princípio que O **plagário** nunca foi escrito por Balzac, se seguiu minha narrativa, e sabe agora que não é mais do que uma descrição sem enfeites da minha vida... a vida dum

impostor... dum "scroc". Aí! eu sou esse plagiário, embora nunca tomasse nada de um grande autor, além de seu nome, e não herdasse coisa alguma senão esse ralo de orgulho com que olho o mundo.

Agora já respondi à sua pergunta e tenho que agradecer-lhe por a ter feito; pois me ofereceu, em minhas últimas horas sobre a terra, uma oportunidade de conseguir que algum ser humano lance um olhar dentro da minha vida. O interesse que o senhor tomou pelo meu Plagiário, e sua observação acerca da imaginária elegância do meu estilo, fazem-me acreditar que o senhor talvez tivesse conseguido desmascarar-me; ninguém ainda tomara tanto trabalho comigo.

Mas agora é muito tarde: a Morte em breve fará trapaça com a minha expiação. Na verdade, há uma ligeira melhora ainda; somente assim eu poderia ter escrito esta carta, mas sei como é precária essa melhora; nem meu médico nem eu temos qualquer dúvida. Meus dias estão contados. Preciso agora terminar e selar esta carta.

Dei instruções para a datarem com o dia da minha morte e a porem no correio; assim é uma morta que lhe está falando. Mas, por favor, conserve um pouco da adorável simpatia que me ofereceu quando eu estava viva e... se puder m'a ofereça depois da morte. — Karoline Mayer."

"TUDO PASSA"

(continuação da pag. 19)

iam ouvir a missa ao templo do bairro onde ela, há algum tempo, habitava, pois, guardando distancia, o primeiro cuidado dêle fôra descobrir-lhe a residência estavel.

Resoluto, em certo dia, ao pé do cruzeiro do S. João Batista recorreu êle à simpática e mimosa companheira de estado civil, afim de ver se ela o livraria de imminente perigo: a neurastenia tediosa manifestada pelo fato de viver tão só... Enchia-o de horror a solidão.

Ouvia-o, de começo, algum tanto perturbada, mas escutava-o depois atentamente para lhe perceber as meias palavras.

Era a vez primeira que ia êle ouvir a voz meiga e serena da gentílima senhora, quando lhe disse ela com encantadora simplicidade não ser ali lugar apropriado para entrevistas daquêlê gênero. Acedera de alguma forma à súplica, mas pediu-lhe não a acompanhar, nem de longe. Por fim, designou um parente, pessoa amiga, a quem deveria o solicitante dirigir-se quando fôsse oportuno tratar do caso em causa. O parente transmitiria a um e outro qualquer recado.

Ele a modo não ouvia o que ela dizia, e como que ia absorvendo, bebendo-lhe as palavras articuladas com clareza e brandura, sem ânimo de lhe fazer nenhum reparo, procurando acomodar-se à vontade da delicada senhora.

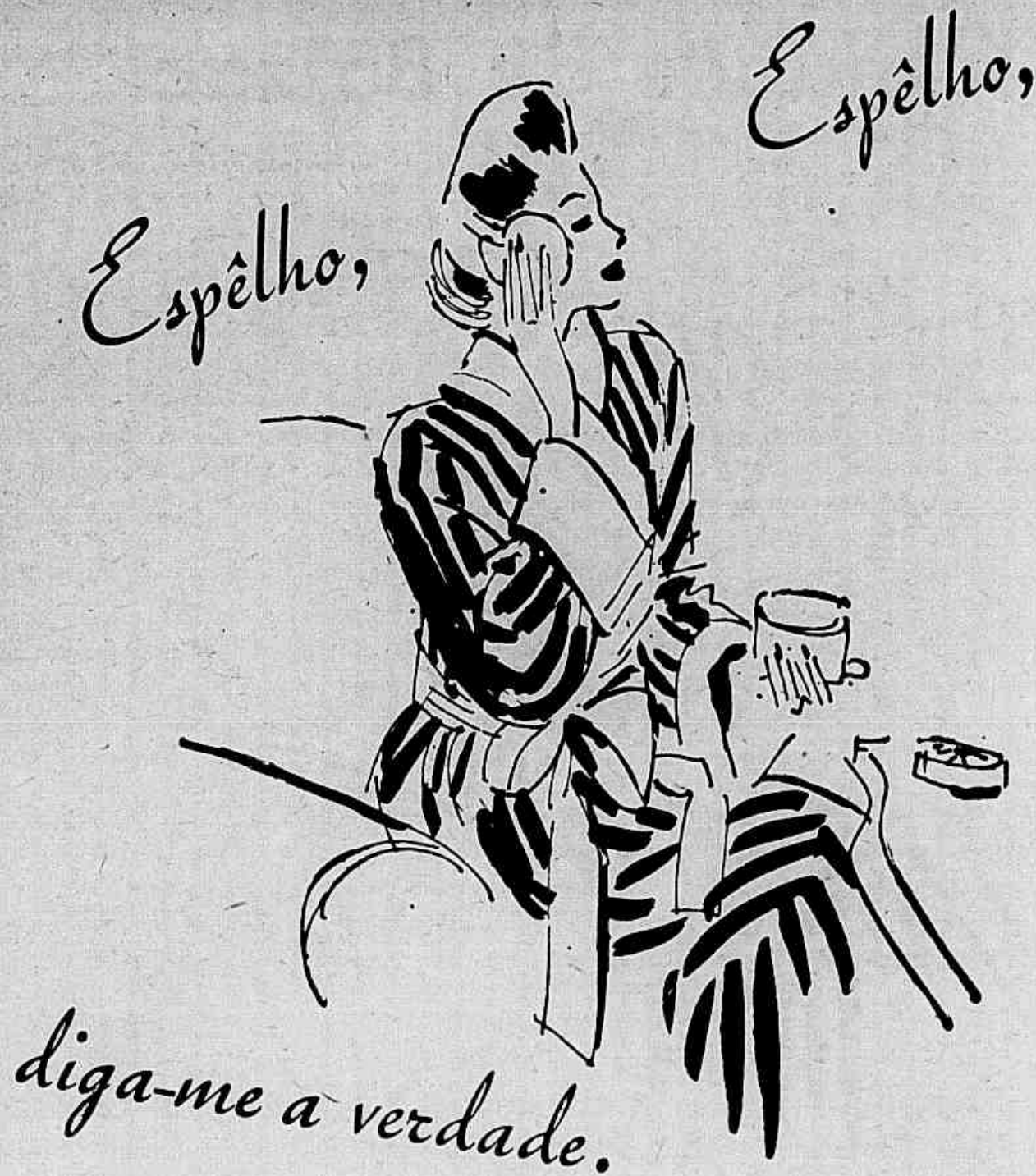
De vez em vez a viração sutil fazia desprenderem-se-lhe da formosa cabecita uns fios de sêda que, com excessiva brandura, açoitavam o rosto do apaixonado, como se fossem áureos chuveiros batidos pelo vento, caídos do céu. E, sem que ela lhe compreendesse o intento, esforçava-se êle por chegar bem perto afim de, melhor, experimentar a sensação docemente causada pelo açoite dos fios do cabelo loiro. Quando ela, então, num gesto singular, todo seu, cheio de infinita graça, procurava compôr os tênues filamentos que a viração desprendera, desatou-se pequenina madeixa; e a sua angélica beleza transportava-o naquêlê instante dêste para um outro mundo muito mais perfeito, e como que a fortuna lhe sorria, e o espírito, desprendido de preconceitos, delirava a bradar como Sagrador a Cecília: "Chove oiro! Que esplendor!... Nas madeixas brincando, as tuas mãos albas são dois anjos a rir numa floresta de oiro..."

E ela a contemplar um quê indefinível e a respirar estranho ar, cujo estranho perfume embalsamava o ambiente, a modo percebia um mistério de amor em tudo o que via ao redor de si: na erva verde e cheia de seiva, na grama que medra, no arbusto em plena vegetação, no inseto alado a zumbir e a poisar nas folhas, no pássaro saltitante nos metais que brilham à luz do sol. Súbito, o coração da formosa senhora bateu forte: o pio das aves com o zunir do vento brando, que se cõa de leve entre a folhagem, deu-lhe a impressão de ter ouvido chamarem-na pelo seu nome. Era a vibração da voz da natureza.

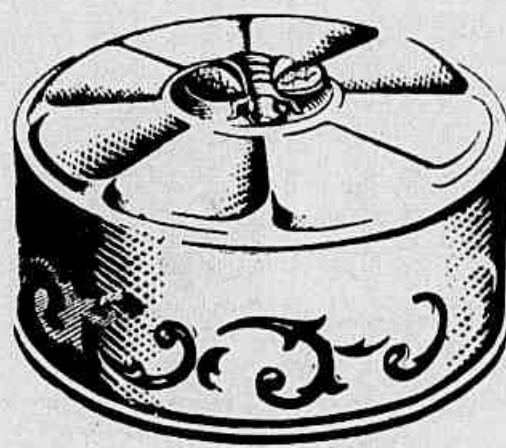
O tempo ia passando; a neurastenia tediosa pela solidão ia aumentando; impaciente, deixava êle de satisfazer aos desejos dela e começava a insistir por se unirem pelos laços legais.

A apreciada senhora ainda achava cêdo, muito cêdo ainda para cuidarem da união solicitada por intermédio do parente. Vivia feliz em companhia do marido, de quem era muito amiga, e não era possível esquecê-lo assim. Si se verificasse o contrário, já teria decidido unir-se ao solicitante.

O parente, porém, já excedera os limites de simples recadista e assumira, de propria iniciativa, as funções de conselheiro. Aconselhava-a: devia ela acautelar o bom nome evitando delongas que lhe poderiam ser prejudiciais à boa reputação. Que se não esque-



Acaricie a sua cutis com pó de arroz Bond Street, de Yardley, e o seu espelho lhe dirá quanto você se torna adorável! Tonalidades tão sutis, de consistência tão encantadora e fina, misturam-se artisticamente com o seu colorido natural, dando-lhe um novo e admirável esplendor.



Yardley
de Londres

Lembre-se: ainda chegam às lojas pequenos fornecimentos de Cremes de Beleza Yardley e Talco Lavender. Assim, veja se obtém o seu quinhão.

11 OLD BOND STREET — LONDON — ENGLAND

cesse do dizer da sabedoria popular: casamento demorado, casamento desmanchado.

As súplicas do viúvo, os conselhos do parente amoleceram a viúva; e esta, apesar de irresoluta sobre o caso e duvidosa acêrca da promessa e cheia de razões somente dela conhecidas, cedeu.

Realizou-se a cerimônia nupcial com a máxima simplicidade.

Amiga antiga da família, com certo grau de parentesco, foi visitar a recém-casada e confessou ter-se admirado da consumação do matrimônio, por isto:

Quís esta suicidar-se com o desaparecimento do primeiro marido; sofreu muito, mas sofreu de verdade, e esquecera-o tão cêdo.

Conhecia-lhe também o segundo.

Este foi encontrado de arma em punho, também no dia do desaparecimento da querida esposa, procurando um ponto mortal afim de disparar o revolver quando alguém lhe o arrebatou inopinadamente da mão.

A visita, viúva de longa data que nunca desprezara o vestido preto de uma peça só, de gola, mangas compridas, e cuja saia quasi varria o chão, velha passadista, algum tanto importuna, prosseguiu martelando os ouvidos da recém-casada, causticando-a de modo inclemente.

Esta, delicadíssima, ouvira tudo sem protesto, e com uma reticência omitiu voluntariamente velho adágio, cujas primeiras palavras vinha articulando com sutileza:

— O casamento e a mortalha...

Aproveitando a pausa, rematou a visita impertinente com mais outra impertinência:

— E'. Com o tempo tudo passa...



SEM ENERGIA?

Cuidado! Você está se intoxicando!

Esta falta de energia de que você se vê possuído é devida à acumulação de tóxicos no seu organismo e que estão lhe intoxicando o sangue. Elimine esse perigo tomando diariamente o "Sal de Fructa" Eno — de sabor agradável e de efeito revigorante. Eno limpa o systema intestinal, purifica o sangue evitando o desânimo e a somnolência. Mas... lembre-se que só o Eno pôde produzir os resultados do Eno.

'SAL DE FRUCTA' ENO

Vendido em
3 tamanhos
GIGANTE
GRANDE
PEQUENO

Torne
seu
lar
um
mundo
maravi-
lhoso.

TRABALHOS EM MALHA

Um quadro grande, dois pequenos e um entremeio, oferecemos às nossas leitoras que se dedicam a esses trabalhos.

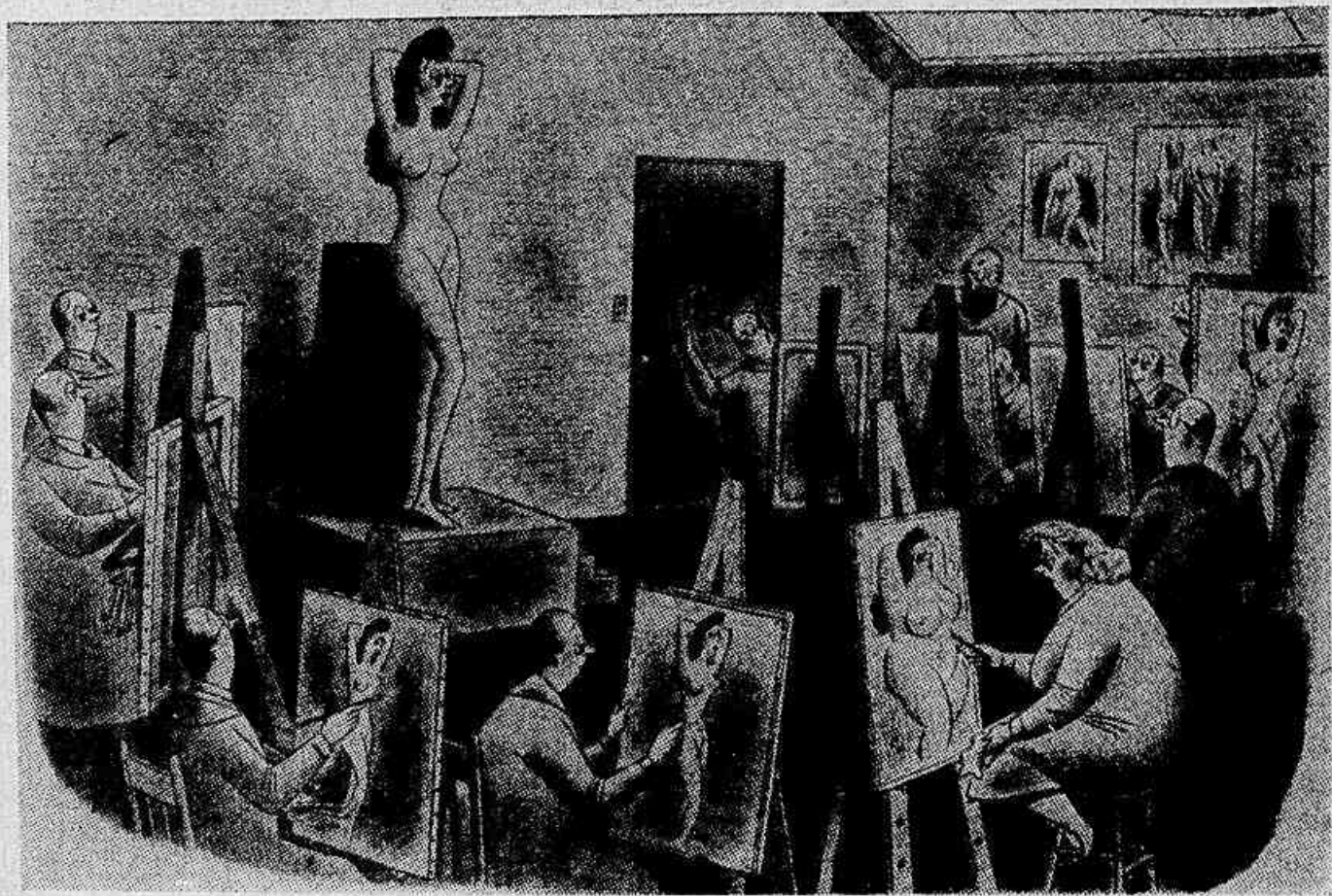
MOBILIARIOS PARA APARTAMENTOS

A Fábrica de Moveis "Lamas", expõe em seu grande mostruário anexo às oficinas, a rua Melo e Souza n.º 100/10 (próximo à estação principal da Leopoldina), inúmeros modelos, especialmente criados para apartamentos e que resolvem o problema de escassez de espaço, sem prejuizo da boa comodidade, executando, ainda sob desenhos e em qualquer estilo ou dimensões, modelos especiais, oferecendo também em alguns casos, facilidade de pagamento. Os moveis "Lamas" são vendidos exclusivamente no mostruário anexo à fábrica.

OUTROS RIRAM

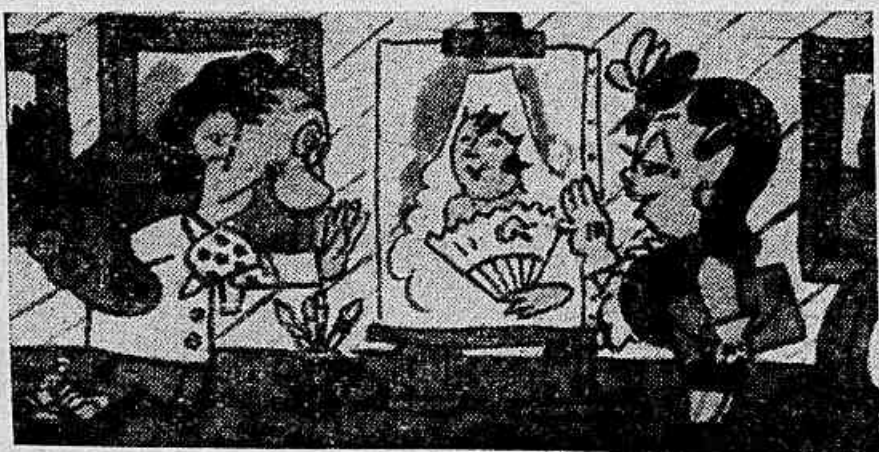


Tomando a parte pelo todo.



NA AULA DE PINTURA

Cada um vê os outros como a propria vaidade manda. Nada de concessões arbitrias!



— Não lhe toque, minha senhora! As tintas estão ainda frescas.
— Oh, não faz mal! Estou de luvas...



— Doutor, é a quarta vez que me opera... Não poderia, em vez dos "pontos", pôr-me botões de pressão?



— O senhor está viajando em vagão de primeira classe, com bilhete de segunda. Pode-se saber porque?
— Porque resolvi fazer economia.



— Achas Ivone tão inteligente assim?
— Como não! Imagina que dirige uma casa de modas, um automovel e um marido...



— Mas que gritaria é esta?
— E' vovôsinho ensinando a papai o meu problema do coração.



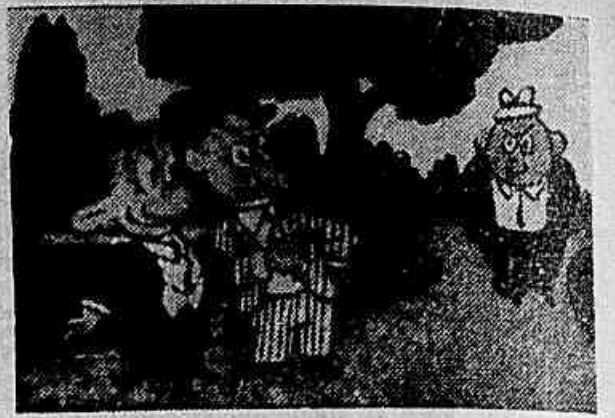
— Dê este remédio a seu marido e repare se ele fica assim com um ar pismado, idiota.
— Mas, doutor, esse ar tem ele sempre!



— Senhorinha, creio que a pizei mais uma vez. Não imagina como me doeu o coração...
— Infelizmente, a mim, são os pés mesmos que me doem!



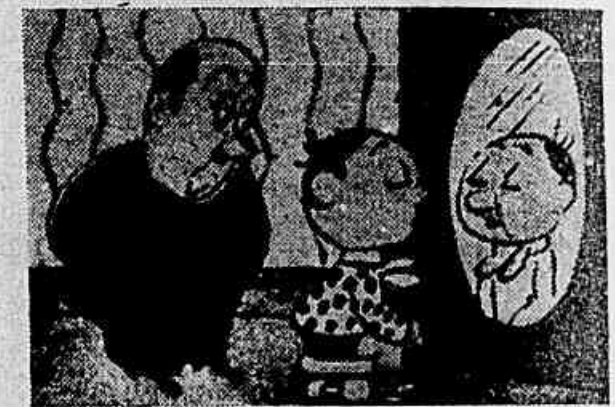
— Quer que mande pôr aqui um letrreiro: "Para o cachorro?"
— Não é preciso. O cachorro não sabe ler e meu marido nunca bebe água...



— Depois que ficu arruinado, cinquenta por cento dos amigos lhe voltaram as costas.
— E os outros cinquenta por cento?
— Ainda não sabem.



— Foi o senhor que, brigando com sua esposa, lhe quebrou uma terrina na cabeça, em mil pedaços?
— Não posso dizer ao certo. Não tive tempo de contar.



— Por que fechas os olhos diante do espelho?
— Queria ver como fico quando estou dormindo...



— Como é? Teu irmão está outra vez na cadeia? Julguei que ele se tinha corrigido.
— Mas é para se corrigir ainda mais!



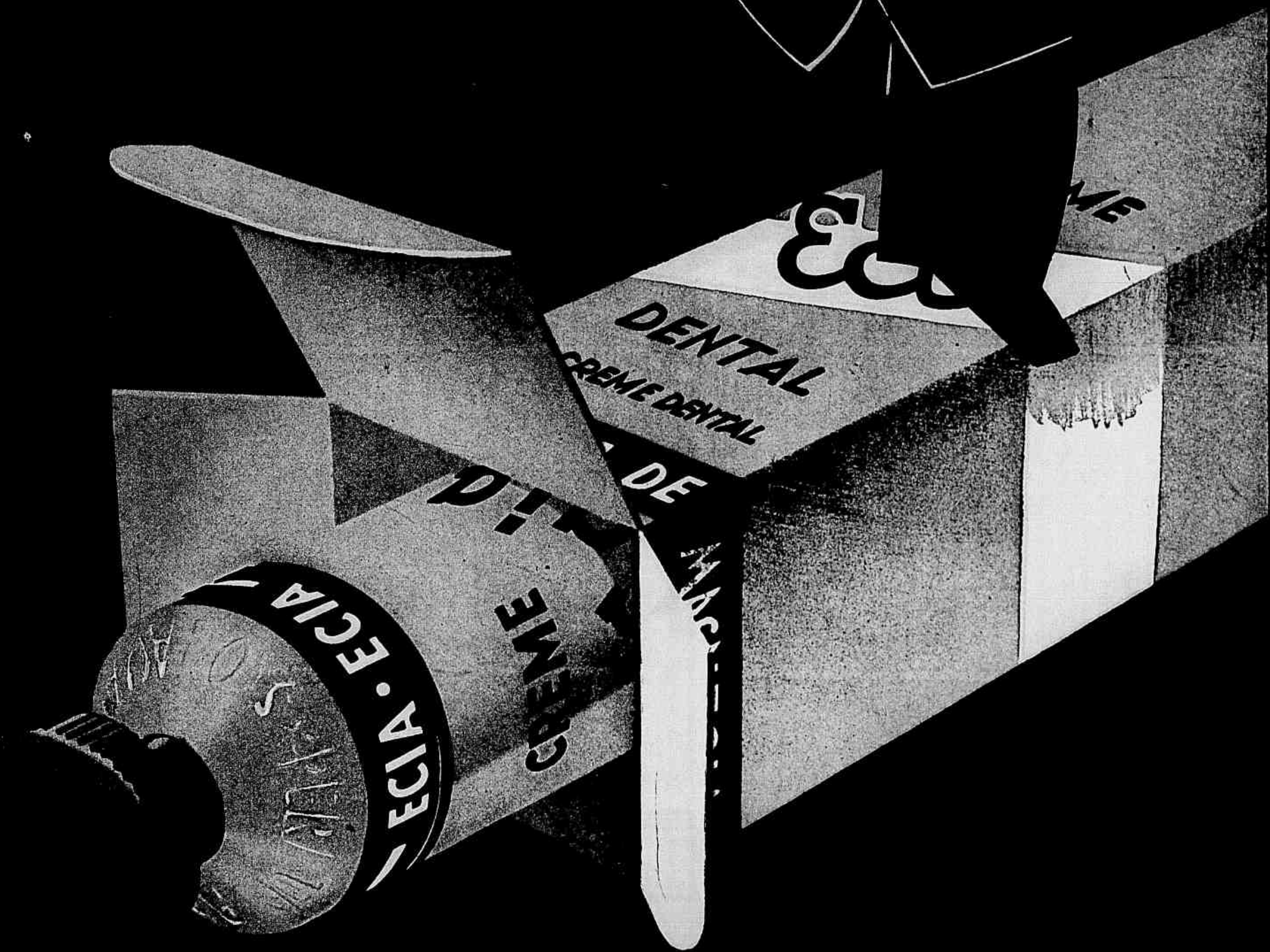
— Que prazer em o encontrar! Dê-me um beijo.
— Do enterro do meu médico.
— Hemem, parabéns! Sempre pensei que fosse ele que o enterrasse, a você!

"EVOCAÇION"



A Espanha com sua alegria, seus boleros e castanholas, touradas e flôres, apresenta-se numa "evocacion" de beleza e de rendas. Assim as mantilhas tão usadas pelas belas madrilenas são apresentadas, assim como os vestidos rodados, por Fay Enerson, Julie Bishop, Dorothy Day e Judy Carland, as três primeiras da "Warner" e a última, da "Metro".

CREME DENTAL



& Co.